

Beija-Flor

de Nilópolis

11 - Fevereiro de 2012

Uma escola de vida



CARNAVAL 2012
SÃO LUÍS DO MARANHÃO

NA AGO OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

11.21



PEUGEOT

ANTECIPE SUA COMPRA

3 UNIDADES



LANÇAMENTO
PRONTA ENTREGA

408 GRIFFÉ THP

THP (TURBO HIGH PRESSURE) DE 145CV, CAIXA DE CÂMBIO AUTOMÁTICA SEQUENCIAL DE 6 MARCHAS



3008 R\$81.990,

**307 PREMIUM 2.0
AUTOMÁTICO**

R\$53.990,

AIR BAG, ABS, TETO SOLAR ELÉTRICO, BANCA COM REVESTIMENTO EM COWAY, RODAS ESPORTIVAS 17", CD PLÁSTIC COM COMANDO NO VOLANTE E AR DIFUSAL 81-204L.



TODA LINHA INCLUSIVE ÚLTIMOS LANÇAMENTOS PARA ENTREGA IMEDIATA



**PASSION XS 1.6
AUTOMÁTICO**

A VISTA
R\$ **43.900,**



**207 XS SP 1.6
AUTOMÁTICO**

A VISTA
R\$ **41.200,**



**PARTNER
PRONTA ENTREGA**

R\$ **45.900,**

Faça revisões em seu veículo regularmente

AGO

**A. Senna, 9001 Américas, 707
2156-1500 2127-1500**



MINIESTER AIR BAGS E ABS. 2011 MODELO 2011 PREÇO À VISTA R\$ 43.900,00. 2011 MODELO 2011 PREÇO À VISTA R\$ 41.200,00. 2011 MODELO 2011 PREÇO À VISTA R\$ 45.900,00. 2011 MODELO 2011 PREÇO À VISTA R\$ 81.990,00. 2011 MODELO 2011 PREÇO À VISTA R\$ 53.990,00. FOTOS MERAMENTE ILUSTRATIVAS. OFERTA VALIDATE 14/08/12

PEUGEOT
MOTION & INNOVATION

EDITORIAL

RICARDO DA FONSECA
HILTON ABI-RIHAN

A cada ano, quando o período das festividades de Carnaval se aproxima, nas escolas de samba um universo de trabalhadores dedicados se prepara para o grande dia, quando a certeza do "dever cumprido" é a esperança para a conquista do título de campeão para a sua agremiação.

Aqui na Beija-Flor de Nilópolis não é diferente.

Quando se aproxima o Desfile das Escolas de Samba, os componentes da agremiação nilopolitana ficam em um evidente estado de ansiedade, contando os dias para o momento em que finalmente será mostrado o resultado de um ano de trabalho, honrando mais uma vez a princesa soberana na avenida.

O que é curioso, é que apesar de a Beija-Flor de Nilópolis estar a quase 20 anos se mantendo entre as cinco melhores agremiações do Grupo Especial, nenhum dos seus componentes deixou que o gosto da vitória se tornasse um hábito sem sabor.

A cada disputa, a cada ponto dos jurados - perdido ou conquistado - as emoções transbordam, e a cada vitória os sentimentos de amor e lealdade se renovam, onde a alegria da vitória é, novamente, única.

E as vitórias não foram poucas.

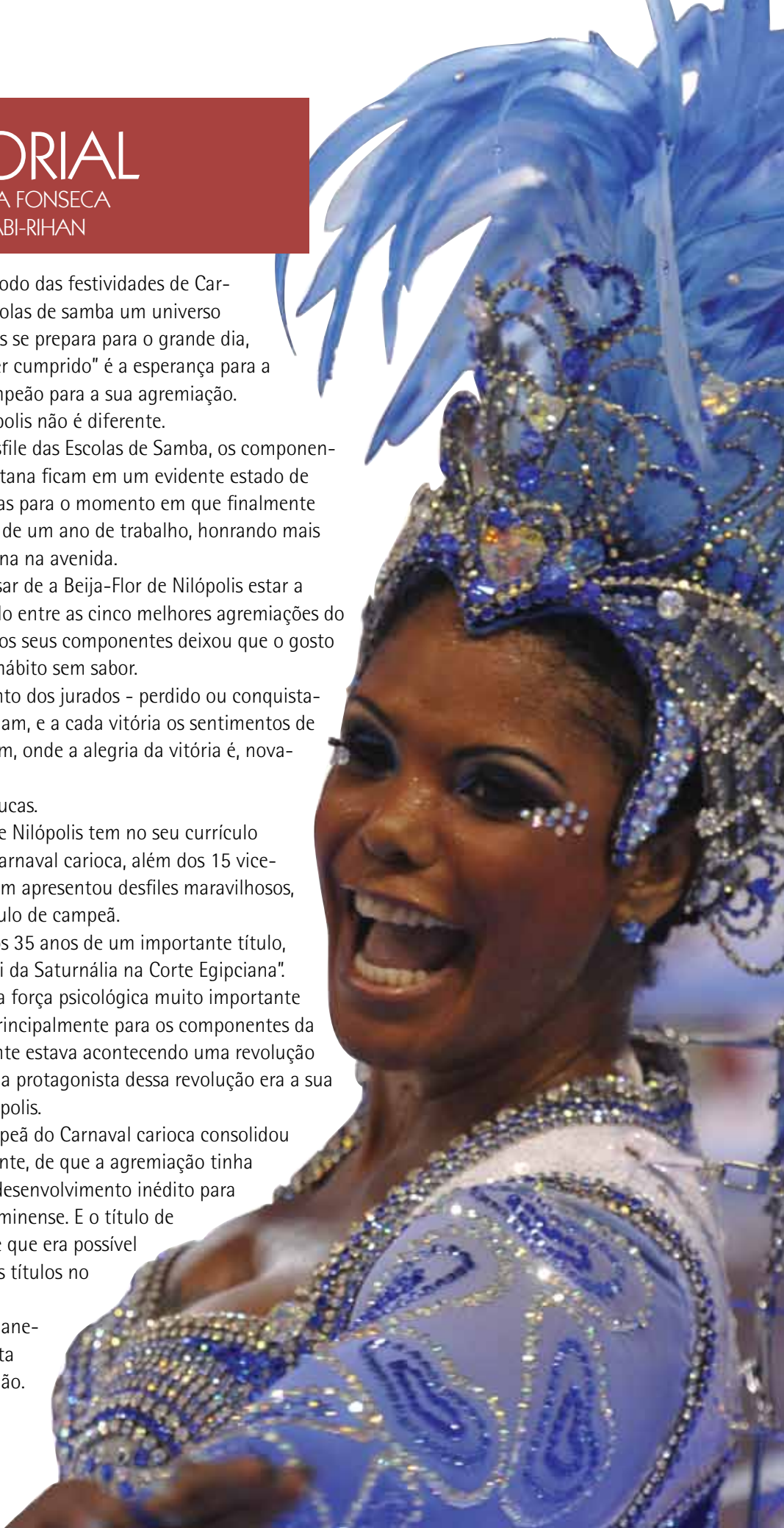
Desde 1954, a Beija-Flor de Nilópolis tem no seu currículo 13 títulos de campeã do Carnaval carioca, além dos 15 vice-campeonatos, onde também apresentou desfiles maravilhosos, muitos deles dignos do título de campeã.

Em 2012, comemoramos os 35 anos de um importante título, com o enredo "Vovó e o rei da Saturnália na Corte Egípciana". Um título que carrega uma força psicológica muito importante porque deixou evidente, principalmente para os componentes da azul e branco, que realmente estava acontecendo uma revolução no Carnaval carioca e que a protagonista dessa revolução era a sua escola, a Beija-Flor de Nilópolis.

O primeiro título de bicampeã do Carnaval carioca consolidou a impressão, ainda titubeante, de que a agremiação tinha alcançado um estágio de desenvolvimento inédito para uma escola da baixada fluminense. E o título de bicampeã deu a certeza de que era possível sim conquistar mais e mais títulos no Carnaval carioca.

E os títulos vieram. E permanecerão vindo, trazendo muita alegria ao público e ao folião.

Parabéns, Beija-Flor.





Só vá atrás de coisas boas este ano. No Carnaval comece pelos carros alegóricos.

O samba do Rio conta com a energia da Petrobras.

O samba carioca é um dos maiores patrimônios culturais do Brasil. Mais do que patrocinar, a Petrobras se preocupa com o lado social dessa festa.

Por isso, apoia projetos na Portela, Vila Isabel, Rocinha, Salgueiro, Mangueira e Beija-Flor, gerando empregos, renda e cidadania o ano inteiro. Assim, o espetáculo fica ainda mais bonito.



SOMANDO FORÇAS

SECRETARIA
DE CULTURA

LEI ESTADUAL DE
INCENTIVO
À CULTURA



O DESAFIO É A NOSSA ENERGIA

Ministério de
Minas e Energia



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

OLHOS DE VER

ANIZIO ABRAHÃO DAVID



Nasci e fui criado por pais que me ensinaram muitos valores, especialmente relacionados à solidariedade. Minha mãe, dona Júlia, recebia as crianças da vizinhança com a maior paciência e carinho, sempre com algum doce gostoso para nos servir. Por isso, meus irmãos e eu aprendemos, desde cedo, o valor da solidariedade e da fraternidade. Cresci, e em todos os momentos da minha vida mantive como regra número um a solidariedade entre as pessoas. Busco me manter fiel a essa regra, e quem me conhece bem pode me julgar.

Hoje, nos meus 74 anos de idade, conto com uma experiência que me dá a certeza de que, ao dedicar boa parte da minha vida à Beija-Flor de Nilópolis e às crianças de minha cidade, fiz o que era certo. Quando encontro inesperadamente um rapaz que estudou no Educandário Abrão David, ou uma criança que estudou na Creche Julia Abrão David, entendo que por intermédio de minha mãe me foi dada uma missão. E como sou brasileiro, não fujo da briga. Se tenho uma missão, quero tê-la comigo porque vou realizá-la.

Tem sido sempre assim na minha vida, e quando se aproxima o período dos desfiles de Carnaval tenho a certeza de que uma missão também foi confiada a mim. Uma missão que em parte já realizei quando lutei ao lado de leais amigos para transformar o desfile de Carnaval no espetáculo que hoje é visto por milhões de pessoas em todo o mundo.

Quando, com a colaboração de pessoas talentosas e dedicadas, levei uma desconhecida escola da baía fluminense a ser a principal escola de samba do mundo.

Sei que ainda tenho muito a realizar em favor desse grandioso espetáculo que oferece entretenimento e

Quero destacar essa realidade porque ainda existem pessoas que não foram capazes de compreender o alcance e a importância do Carnaval carioca, considerado o maior espetáculo popular do planeta.

É preciso que cada cidadão busque conhecer um pouco mais a realidade do Carnaval, os seus bastidores, os desafios que as agremiações enfrentam, as soluções que apresentam para superar as crises que surgem...

É importante que cada cidadão, despindo-se de ideias pré-concebidas, conhecendo melhor a realidade do Carnaval, das escolas de samba e o papel



lazer ao carioca e ao turista, divisas à cidade do Rio de Janeiro e muitas oportunidades em uma economia que gera trabalho e emprego ao longo do ano para profissionais das mais diversas áreas.

Lembro, aqui, a quantidade de designers, publicitários, costureiras, marceneiros, soldadores, compositores, carnavalescos, administradores, jornalistas, comerciantes, advogados, assessores de imprensa, secretárias, porteiros, entre tantos outros profissionais que encontram no Carnaval carioca uma oportunidade de obter renda digna e um emprego.

essencial dessa festa para a sociedade, junte-se a nós para tornar esse espetáculo mais mágico, mais sensacional e mais inesquecível ainda.

De minha parte, estou certo de que ainda tenho muito a fazer pelo Carnaval carioca.

Trabalhando, talvez, não só pelas melhorias que através da Liesa conseguimos conquistar mas, quem sabe, possa dar a minha contribuição aproximando mais e mais brasileiros a essa festa de luz e alegria através da minha querida Beija-Flor.

Feliz Carnaval a todos.



www.widebrasil.com
e-mail: ricardo@widebrasil.com

Produção
WIDEBRASIL COMUNICAÇÃO INTEGRADA
www.widebrasil.com

Editores
Ricardo Da Fonseca
Hilton Abi-Rihan

Jornalista Responsável
Ricardo Da Fonseca, MTB RJ23267JR

Redação
Hilton Abi-Rihan, Juliana Prado, Karla Legey,
Miro Lopes, Ricardo Da Fonseca e Vicente Dattoli.

Transcrição de áudio
Cynthia Oliveira
Marco Antonio Nicolau

Projeto Gráfico
Victor Lannes

Edição e Tratamento de Imagens
Leonardo Legey

Agradecimentos
Alicione, Antonio Carlos, Arthur Coimbra (Zico) Bianca Behrends, Dóris Monteiro, Felipe Ferreira, Haroldo Costa, Hiram Araújo, Jorginho do Império, Karyne Souza, Laila, Monarco, Pastor Pedro Paulo Matos, Paulo Senise, Ricardo Calmon, Ubiratan Guedes e Ubiratan Silva.

Revisão de Texto
Marco Antonio Nicolau

Fotografia
Augusto Pedoni, Henrique Matos, Humberto Souza, Irapuã Jeferson, Ricardo Da Fonseca e Robson Barreto.

Esclarecimento
A escolha e seleção das fotografias que ilustram a edição 2012 da revista **Beija-Flor de Nilópolis - uma escola de vida**, seguem critérios estritamente artísticos e jornalísticos (transmissão de uma determinada mensagem), ainda que de modo subjetivo, e não indicam, direta ou indiretamente, preferências específicas do GRES Beija-Flor de Nilópolis (ou de sua diretoria) e/ou da WideBrasil Comunicação Integrada por pessoas ou alas.

A revista **Beija-Flor de Nilópolis - uma escola de vida**, ISSN 1678-3611, é uma publicação oficial do Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis e produzida pela WideBrasil Comunicação Integrada.

As opiniões emitidas nas entrevistas concedidas e os textos assinados são de responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, a posição dos editores nem da agremiação.

É permitida a reprodução parcial ou total das matérias, desde que citada a fonte.

Fevereiro de 2012 - Tiragem: 60 mil exemplares



G.R.E.S. BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS
Diretoria Executiva:

Presidente Executivo - Nelson Alexandre Sennas David
Vice Presidente Executivo - Ricardo Martins David
Presidente do Conselho Deliberativo - Ary Jose Rodrigues

Vice Presidente de Finanças - Jose Antonio Gonçalves Pinto
Diretor de Finanças - Pedro Cardoso de Almeida
Diretor de Finanças - Horácio Silva Bernardo
Diretor de Finanças - José Renato Granado Ferreira

Vice Presidente de Administração e Marketing - Antonio Marcos Barreto
Diretor de Administração - Pedro Paulo Bastos de Mello
Diretor Administrativo / Secretária - Eliza Maria Rodrigues Gondin
Diretor Administrativo - Moacyr Jorge Mexias Abdala

Vice Presidente de Patrimônio - Jorge da Cunha Velloso
Diretor de Patrimônio - Rodrigo Dias Duarte
Diretor de Patrimônio - Aroldo Carlos da Silva
Diretor de Patrimônio - Alexandre do Nascimento Fernandes

Vice Presidente Social e Recreativo - Abraão David Neto
Diretor Social e Recreativo - Marcos Antônio Ribeiro Lima
Diretor Social e Recreativo - Marcelo Romeiro da Costa

Vice Presidente Jurídico - Carlos Alberto Diogo de Souza
Diretor Jurídico - Gilson de Castro
Diretor Jurídico - Bruno Cabral Pereira

Vice Presidente de Esportes - Paulo Roberto Moraes
Diretor de Esportes - Marcos Fernandes C. da Silva
Diretor de Esportes - Greyce Fonseca Valle

Vice Presidente de Comunicação e Divulgação - Argemiro Lopes Nascimento

Vice Presidente Cultural e Artístico - Fran-Sergio de Oliveira Santos
Diretor Cultural e Artístico - Antonio Carlos da Costa
Diretor Cultural e Artístico - Marcos Antonio Escaleira
Diretor Cultural e Artístico - José Carlos de Oliveira Silva

Vice Presidente de Carnaval - Luiz Fernando Ribeiro do Carmo
Diretor de Carnaval - Valber da Silva Furtuoso

Vice Presidente Departamento Feminino e Assistência Social - Selma de Mattos Rocha
Diretora Departamento Feminino Assistência Social - Debora Rosa Santos Cruz Costa
Diretora Departamento Feminino Assistência Social - Leila Meira David

BOAS VINDAS

NELSONHO DAVID
presidente

É com imensa alegria que me dirijo a você, amigo folião. Após presenciar e participar de importantes acontecimentos relacionados à Beija-Flor de Nilópolis desde minha infância e juventude, assumo a presidência da nossa querida agremiação com a honrosa missão de levar adiante o trabalho realizado por meus tios Anizio, Farid, Jacob e por meu amado pai, Nelson Abraão David.

Tudo isso me enche de orgulho e alegria.

Cresci vendo a dedicação de meu pai e de meus tios na administração dessa agremiação, organizando a "casa" e ajudando a fazer dela o que é hoje.

Por essa razão, entendo bem o papel que me foi confiado.

Acredito que a sucessão tem como principal objetivo possibilitar a construção e a implantação do novo. Do essencialmente novo sem desprezar, no entanto, o que de importante já foi realizado.

O que já foi realizado é a base para as mudanças. Só somos capazes de acertar quando olhamos o passado e aprendemos com ele, mantendo o que funciona bem e adequando aos novos tempos o que está ultrapassado.

Por isso, pretendo durante a minha gestão dar continuidade ao trabalho que meu pai e meus tios realizaram, um trabalho que foi capaz não só de transformar vidas, mas fazer crescer a autoestima do povo nilopolitano, mostrando para o mundo e aos próprios moradores da baixada os valores artísticos que possuíam - e que possuem.

Naturalmente, os tempos de papai eram outros.

Hoje, os preconceitos se foram e a baixada fluminense conquistou o respeito e o reconhecimento da sociedade. E não tenho dúvida de que o grande agente promotor dessa conquista individual e coletiva foi a Beija-Flor de Nilópolis, que em todas as suas frentes

de ação valorizou e deixou que homens e mulheres da região mostrassem seus valores aqui e além das nossas fronteiras municipais.

Por isso, ser presidente de uma instituição tão importante como a Beija-Flor de Nilópolis me enche de orgulho e de responsabilidade.

Fui eleito para avançar um pouco mais nas transformações em favor do cidadão nilopolitano e da baixada fluminense. Fui eleito para dar a minha contribuição - através de ideias e ações concretas - para o engrandecimento da Beija-Flor de Nilópolis.

E disso não me furtarei.

Para os próximos anos, então, prometo muito trabalho, muito amor e muita dedicação.

E se Deus nos considerar merecedores, muitos títulos virão.





ANIZIO, SÓ QUEM TE CONHECE SABE QUEM TU ÉS.

Por [Ricardo Da Fonseca](#) e [Hilton Abi-Rihan](#)

"Anizio, só quem te conhece sabe quem tu és".

Essa expressão ilustrou durante décadas o paredão externo do antigo barracão da Beija-Flor de Nilópolis, localizado na rua Barão de Teffé, no centro da cidade do Rio de Janeiro.

Pessoas no dia a dia passavam pelo antigo barracão da azul e branco em direção aos seus empregos, de carro, de ônibus ou a pé e eram atraídos pela mensagem daquela placa, que transmitia uma emoção e uma certeza digna dos admiradores de Anizio.

Muitos que passavam se perguntavam: quem é Anizio?

QUEM SÃO AS PESSOAS?

Essa potente mensagem, que despertou a curiosidade dos cariocas e daqueles que passavam pela região da Praça Mauá, traz à tona uma importante reflexão acerca de quem verdadeiramente somos e a quem servimos – o que, em última análise, indica nossos valores e quem somos.

Muitas vezes passamos "batidos" pela vida e de modo mecânico realizamos as ações que em algum momento definimos para nós como prioritárias, e como somos aceitos pela sociedade, avançamos.

Não questionamos se realmente as nossas ações são engrandecedoras ou se contribuem para uma vida melhor – para nós e para os que nos cercam.

O que importa é nos mantermos dentro das regras e sermos aceitos pela sociedade, essa tão frágil, instável e manipulável entidade formada por todos nós.

Essas reflexões a respeito do que somos verdadeiramente e do que somos por "ordem" da sociedade nos faz imaginar como deve ser difícil agir sem se preocupar com essa aceitação.

Mas, se sairmos da superfície e nos aprofundarmos um pouco vamos entender que quem se fixa na expectativa de aceitação social corre o risco de manter-se em um nível de mediocridade desnecessário e bem abaixo do potencial que a vida lhe deu.

Lembremo-nos dos grandes homens e das grandes mulheres do passado, que não encontraram compreensão em seu tempo, muitos deles perseguidos pelos poderes dessas épocas. Até que anos ou décadas depois tiveram sua imagem redescoberta e o seu verdadeiro papel na história resgatado.

Não faltarão nomes que nos ensinam, ao olharmos para a história, como nossa capacidade de julgar é

frágil e não consegue vencer a subordinação ao sistema que nos envolve.

O PODER DA MÍDIA

Capacidade de julgar de forma isenta e independente. Essa é a expressão chave: isenção e independência.

Mas será que a sociedade atual comporta esse tipo de atitude, uma vez que somos desde pequenos ensinados a pensar de uma forma aceitável e, domesticados, somos bombardeados diariamente por informações tendenciosas que muitas vezes escondem um interesse oculto, que escapa a nossa compreensão?

Sem defendermos pontos de vista, quantas questões nos são apresentadas, hoje em dia, de modo isento e confiável?

Como será que os veículos de comunicação irão tratar de assuntos polêmicos relacionados a eventuais anunciantes? Será que as grandes emissoras de televisão, por exemplo, serão capazes de noticiar com detalhes alguma operação ilegal ou imoral realizada por um governo - federal, estadual ou municipal - que seja um de seus principais anunciantes? Temos nossas dúvidas.

Aprendemos desde cedo que a imprensa é isenta, imparcial.

Ainda acreditamos nisso? Nos dias de hoje - e no passado também - quem é imparcial? Os ambientalistas? Os ruralistas? Os governos? A imprensa? A Igreja? Nenhuma instituição no mundo é imparcial. Todas defendem algum interesse que é contraposto por quem acredita no interesse contrário. Não há verdade absoluta.

A VERDADE

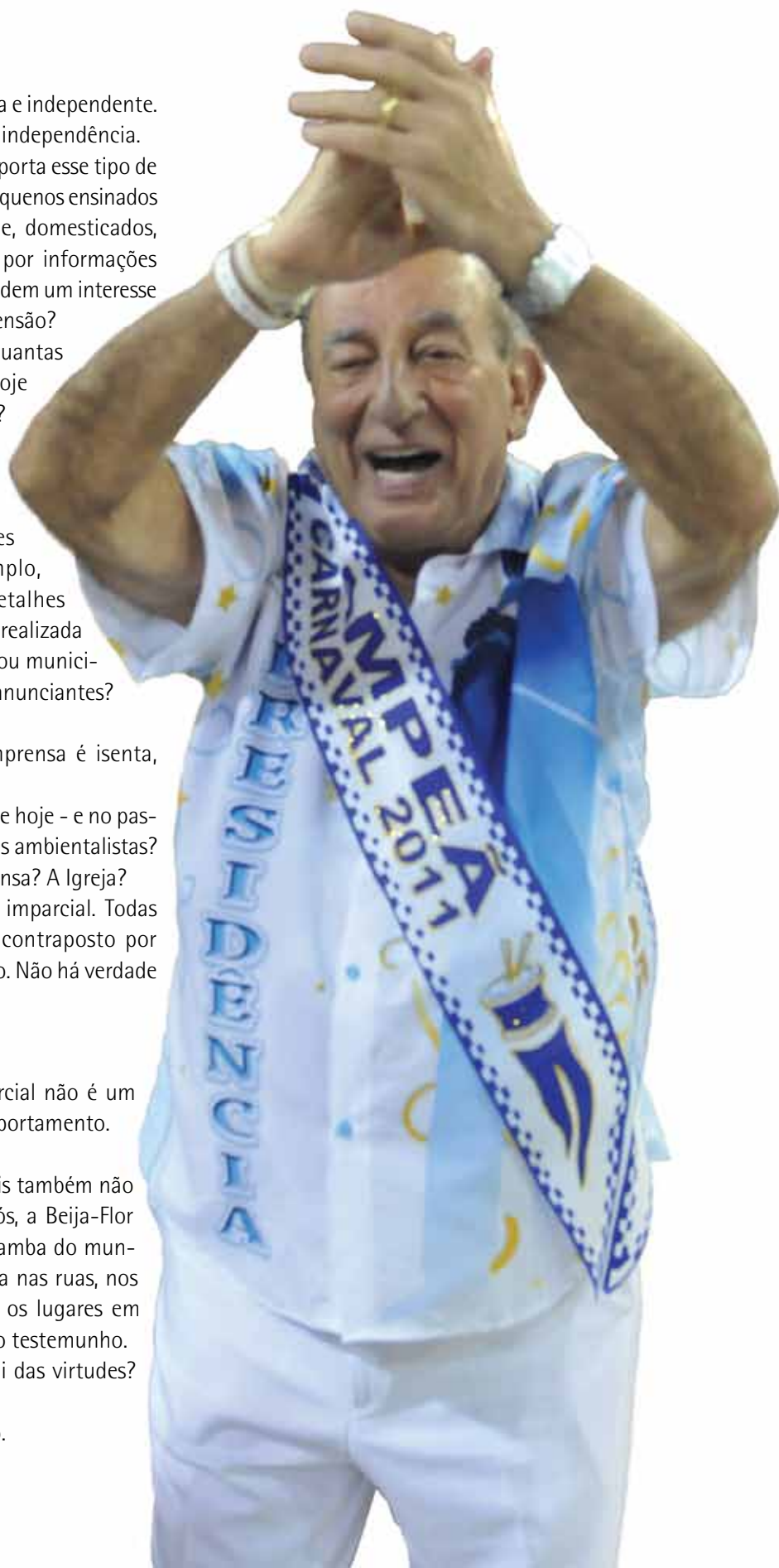
Não há verdade absoluta, e ser parcial não é um desvio de personalidade ou de comportamento.

É um fato.

Nós da revista Beija-Flor de Nilópolis também não somos isentos e imparciais. Para nós, a Beija-Flor de Nilópolis é a melhor escola de samba do mundo. E iremos defender nossa certeza nas ruas, nos botequins, na Sapucaí e em todos os lugares em que formos chamados a dar o nosso testemunho.

E essa nossa parcialidade nos exclui das virtudes? Não.

Exclui-nos da verdade relativa? Não.



Nos torna menos confiáveis? Não
Com exceção das ciências exatas - objetivas e comprovadas por ação e efeito -, o planeta é formado por "verdades relativas". Nossas vidas são norteadas por nossas "verdades relativas".

Amamos, odiamos, construímos e destruímos baseados em nossas "verdades relativas".

Melhor que seja assim, que tenhamos "nossas verdades", ao invés de sermos manipulados por "verdades alheias".

"ANIZIO, SÓ QUEM TE CONHECE SABE QUEM TU ÉS".

"Anizio, só quem te conhece sabe quem tu és". Essa é a nossa "verdade relativa", mas cheia de sinceridade, já que homens como Anizio não contam com a força da mídia para mostrarem quem eles são.

Lembremos que o início das atividades sociais realizadas e patrocinadas por ele em favor das crianças de Nilópolis (Creche Beija-Flor, futura Creche Julia Abrão David) remonta o ano de 1980 - há 32 anos - e a grande imprensa jamais divulgou ou promoveu essa iniciativa ou seus resultados concretos.

Poderíamos falar que o Anizio é a grande liderança do Carnaval carioca, e que graças a sua capacidade de articular e de agregar parceiros, de negociar e de lutar pelos direitos do sambista e das escolas de samba, ele transformou o Desfile de Carnaval no mais importante evento popular do mundo, gerando empregos, oportunidades, divisas e, principalmente, uma imagem positiva para o Brasil em todo o mundo.

Poderíamos falar do homem que aonde vai quer ser útil. Poderíamos falar do homem que quando parte deixa sempre mais e mais amigos, porque é humilde, prestativo e bem intencionado.

Já que a grande e "imparcial" imprensa não fala quem é Anizio na sua totalidade de benfeitor e mecenas da atualidade, cabe, então, a própria agremiação, com todos os riscos da visão parcial da notícia - mas não mentirosa - lançar sua própria publicação para fazer justiça a um nome venerado em Nilópolis por tudo o que construiu ao seu redor.

É isso que estamos fazendo aqui, agora.

Reconhecendo em público e buscando homenagear, no ano em que completa 75 anos de idade, o grande pai de Nilópolis, da baixada fluminense e do Carnaval carioca: Anizio Abrahão David.

Para quem o conhece, Anizio é isso: um grande pai, com toda a sua energia e docilidade. Um amigo para todas as horas, um irmão que não deixa ninguém "na chuva". Assim como as grandes obras musicais, em que falar delas e sobre elas é um desafio, falar sobre Anizio Abrahão David também é.

E assim como essas grandes obras de arte, que precisam ser ouvidas para que sejam compreendidas, para saber quem é Anizio preciso é conhecê-lo. Resolvemos, então, conversar com alguns dos seus amigos, que convivem com ele há muito tempo e que o conhecem bem, para que nos dissessem quem é esse homem, que construiu a dignidade de um município e de uma agremiação de samba. Que leva alegria, saúde e esperança para milhares de crianças em toda a baixada fluminense. Queremos saber - e deixar aos nossos leitores essa reflexão - quem é Anizio.

COM A PALAVRA, QUEM TE CONHECE, ANIZIO.

"Conheço o Anizio desde 1978, e por um longo período venho tendo um contato quase que diário com ele, motivo pelo qual me encontro capacitado a dizer quem ele é.

É um indivíduo que levanta e deita pensando em fazer o bem, que tem sempre uma palavra conciliadora, e o 'não' não faz parte de seu dicionário.

É um homem de bem.

Dentro desse conceito, ele vem sacrificando a sua própria vida com o objetivo de amparar os desamparados, luta incansavelmente por um ideal.

Espero que Deus o ajude para que ele consiga o mais rápido possível alcançar o seu ideal, como também que aqueles que o crucificam reconheçam os seus méritos." **Ubiratan Guedes**, advogado.

"O Anizio é um ser humano que faz a diferença. Conheci a escola que ele mantém em Nilópolis e pude ver nos olhinhos das crianças, centenas delas, a felicidade de poder estudar e se alimentar numa escola mantida pelo Anizio. Somente os bons de coração fazem coisas assim. Parabéns Anizio! Parabéns também por ajudar a nossa Beija-Flor a ser campeã." **Antonio Carlos**, radialista.

"Eu tenho um samba que diz que se eu for falar da Portela, eu não vou terminar... Falar sobre o Anizio, em um dia, não dá. Não dão porque o Anizio, além de ser

RATOS E URUBUS... LARGUEM A HIPOCRISIA.

Por **José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (Boni)**

Estive na quinta-feira, dia 9 de fevereiro de 2012, no barracão da Beija-Flor. Lá, a alegria e a competência de sempre, a busca da perfeição liderada pelo motor criativo e executivo da escola de Nilópolis, o gigante Laíla. Vi um trabalho emocionante executado pelo Fran-Sérgio, Bira, Victor e André Cesari. Que time!

Vi que nunca se pode dizer que um assunto está esgotado. Sempre há o que se dizer, por mais que um tema já tenha sido explorado. Gênios terão sempre como inventar. É assim o maravilhoso Carnaval sobre São Luís do Maranhão que a Beija-Flor vai levar para o Sambódromo renovado. Fiquei boquiaberto. A homenagem ao Joãozinho Trinta vai surpreender e emocionar a todos. Que coisa linda é uma Escola de Samba, seus criadores, artistas e operários. Chorei de alegria mais uma vez.

Mas havia também dor e tristeza na Beija-Flor. O comandante supremo, Anizio Abrahão David, mesmo doente e sem poder ser tratado estava ausente, encarcerado numa jaula sem que pese sobre ele nenhuma acusação concreta. Não pretendo aqui defender o jogo do bicho, mas repudiar a forma como se instaurou a campanha contra os bicheiros, utilizados como matéria-prima da construção de carreiras políticas e de interesses pessoais de alguns que – sem ter o que mostrar e sem ter bandeira social – querem fazer de seu currículo o combate à contravenção como se fosse uma luta contra crimes hediondos.

Chega de falsidade.

Ninguém sabe, de verdade, se há manipulação nas loterias e jogos oficiais. Difícil haver. Logo, por que não mergulhar no assunto jogo do bicho para estudar se ele pode ser regulado ou não? Tentar discutir que controles podem existir ou mesmo se deve ser mantido como contravenção ou crime. Injusto é punir de forma espetacular e humilhante a quem não teve direito ao mais miserável julgamento imparcial.

Não quero discutir o jogo do bicho em si. Quero, no entanto, falar do Anizio que eu conheço e que, além do mecenato ao Carnaval, foi um dos grandes responsáveis pela elevação da qualidade de temas, produção e organização do Desfile das Escolas de Samba nas últimas décadas. Vão lá a Nilópolis e vejam o trabalho social que ele desenvolve: as escolas, as creches, a assistência médica e social... Trabalho que nenhum de seus detratores jamais fez nada parecido.

O que dizer, então, da grossa corrupção cujo conteúdo todo dia aflora no país? E com que suavidade e carinho têm sido tratados esses ladrões. Dilma está sendo firme e justa. Mas ninguém apedreja esses culpados confessos porque isso não dá voto. Não sou e nem pretendo ser juiz das ações do Anizio. Mas, se querem julgá-lo, que o façam sem a vilania da perseguição.

Ratos e urubus... larguem a hipocrisia.





um companheiro nosso da antiga, é o homem forte da Beija-Flor e do samba. Ele fez muito pelos dois. E por isso, por tudo que o Anizio fez para o samba, para o sambista e para a Beija-Flor, ele é um baluarte. Eu tenho inveja da Beija-Flor por não ter Anizio na minha Portela, porque o Anizio sabe tudo... ele canta samba de Cabana, de Osório... É meu irmãozinho, que eu tenho um amor muito grande por ele... Eu desejo ao Anizio que Deus o ilumine e que dê a ele muitos anos de vida, para que ele esteja sempre com a gente... E feliz da Beija-Flor em ter um baluarte, um braço forte, como o Anizio." **Monarco**, ícone do samba brasileiro.

"Quero ressaltar a bondade desse homem. O homem bom que ele é. Através das suas obras sociais, através da assistência que ele dá a quem o procura, sem discriminação. Uma pessoa de um coração muito bom e que a gente deve muito a ele. Anizio é um homem

humilde, que tem feito pelo samba o que ninguém faz: é o cara que mais gasta no carnaval carioca. Ele veste uma comunidade de 2.200 pessoas, e com alegria, sem nunca soltar uma palavra de lamentação ou reclamação. Poderia estar viajando todos os dias para qualquer lugar do mundo mas não vai. Ele ama essa escola, ama a comunidade que tem. É uma pessoa que merece viver mais de cem anos. E na vida profissional, é um grande empresário com visão social.

O trabalho social que ele faz através da Creche, do Educandário e do Centro de Capacitação Profissional da Beija-Flor é essencial na vida das pessoas que lá estão. Alguém já pensou quantas cestas básicas ele dá por mês? Quantas famílias vivem as custas do apoio que o Anizio oferece nesses





Copa América de Jiu-Jitsu



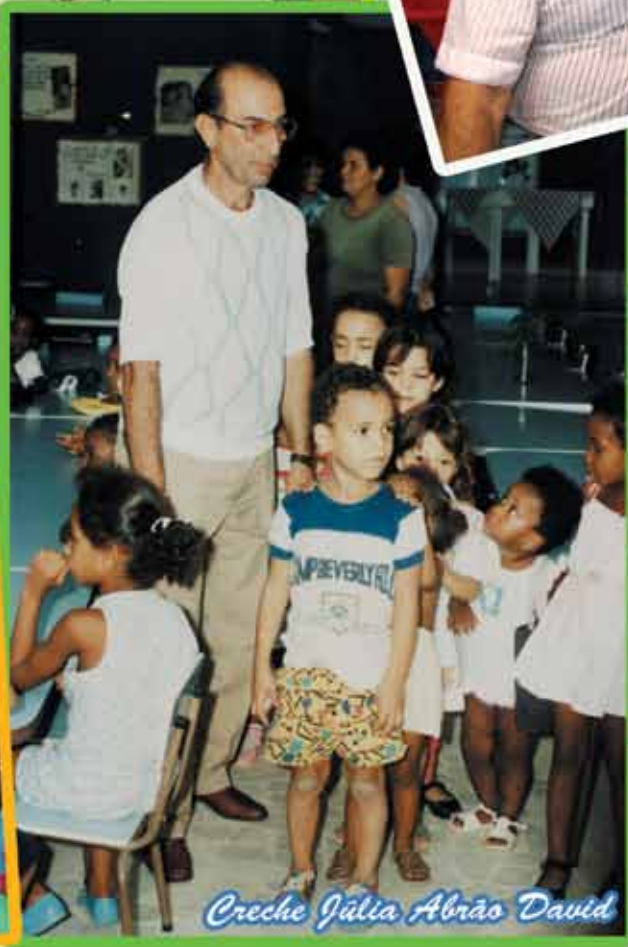
Festa de Natal



Festa de Natal



Cosme e Damião



Creche Júlia Abrão David



Festa de Natal

projetos? É um esforço sobrenatural que ele faz porque ama aquelas pessoas. Não faz por interesse, tanto que ele patrocina essas atividades há quase 30 anos e só a pouco mais de 5 anos as pessoas começaram a descobrir, através das reportagens da revista da Beija-Flor, o que ele faz pela comunidade.

Quero desejar ao Anizio que seja bastante feliz. Ele merece. Ele buscou essa trilha e merece ser feliz pelo resto de sua vida. Anizio, nos te amamos!"

Laíla, diretor de carnaval

"Anizio, um campeão! Sua maior vitória é a da ciência de saber subir, sempre olhando para baixo, para dar a mão ajudando e nunca esquecendo aqueles que participaram da sua caminhada de sucessos. Ótimo filho, pai, esposo, irmão e ótimo amigo, merece tudo o que tem. É um professor de vida. Um vencedor!" **Ricardo Calmon**, advogado.

"Sou Beija-Flor com muito amor. Anizio é o grande comandante da escola, uma pessoa do bem, porque ele só faz ajudar. A comunidade só o chama de pai, e ele merece, porque é uma pessoa de grandeza e bondade insuperáveis. Tenho muito orgulho em ser amiga dele e de sua esposa Fabiola, que também é maravilhosa, e espero que essa amizade continue para sempre." **Dóris Monteiro**, intérprete.

"Quando visitei Nilópolis, tive um enorme impacto com o trabalho educacional desenvolvido na cidade. Creche, escola, cursos profissionalizantes, academias de balé e jiu-jitsu, aula de natação, era simplesmente fantástico. Tudo obra e inspiração de um homem chamado Anizio Abrahão David, que ultrapassou os limites de incentivador e patrono da Beija-Flor de Nilópolis, transformando-a em motivo de justo orgulho de todos os moradores da cidade, para avançar no caminho da revolução pela



educação. É comovente." **Haroldo Costa**, produtor cultural.

"Anizio sempre dedicou sua vida a dar alegria a toda a comunidade de Nilópolis, tornando a Beija-Flor esse grande expoente do Carnaval do Brasil. O potencial desta comunidade se desenvolveu muito pela atenção e carinho do Anizio dedicado a todos." **Alcione**, intérprete.

"Anizio é uma pessoa muito importante para mim. Tenho uma verdadeira admiração pela pessoa que ele é. Lembro que ele mandava pegar o papai (mano Décio da Viola) aqui em casa e levava para 'esses lugares todos'. Papai tinha uma verdadeira adoração pelo Anizio. Lembro

papai falando para ele o seguinte: 'Você tem tudo para ser o líder do samba. Tem tudo pra ser nosso líder'. Eu vibro muito como amigo dele. Na hora que o Anizio aparece na Marquês de Sapucaí com a maior humildade do mundo, e o povo aplaude, é porque realmente ele é merecedor disso." **Jorginho do Império**, intérprete.

"Fazer com que 1.500 crianças e jovens participem de projetos que possam enriquecê-las como ser humano e como profissional é fantástico. Todos devem aplaudir e incentivar as iniciativas e o pioneirismo do Anizio e da Beija-Flor de Nilópolis." **Zico**, atleta.

Defrontamo-nos com a visão que alguns dos tantos amigos do Anizio têm dele. Visões parciais, é verdade. Nem por isso menos honestas e verdadeiras. Mas, se você leitor ficou com alguma dúvida sobre quem é Anizio, fica o convite: só quem o conhece sabe quem ele é.



RANKING LIESA

PERÍODO 2007-2011



LIGA INDEPENDENTE
DAS ESCOLAS DE SAMBA
DO RIO DE JANEIRO

ORDEM	ESCOLA	2007		2008		2009		2010		2011		TOTAL
		Col.	Pt.	Col.	Pt.	Col.	Pt.	Col.	Pt.	Col.	Pt.	
1º	G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis	1º	20	1º	20	2º	15	3º	12	1º	20	87
2º	G.R.E.S. Unidos da Tijuca	4º	10	5º	8	9º	2	1º	20	2º	15	55
	G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro	7º	4	2º	15	1º	20	5º	8	5º	8	55
4º	G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio	2º	15	3º	12	5º	8	2º	15	-	0	50
5º	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	6º	6	9º	2	4º	10	4º	10	4º	10	38



MUDAR O MUNDO?

RICARDO DA FONSECA

Não é fácil mudar o mundo. Especialmente quando falamos de transformações em uma sociedade onde valores individuais são preponderantes e se consolidam a cada dia.

Basta lembrar que uma das maiores catástrofes programadas do planeta, a fome, não é um problema de abastecimento e sim de decisão política.

Sobre esse assunto, o professor Jean Ziegler, sociólogo da Universidade de Sorbone (França) e da Universidade de Genebra (Suíça), declarou em entrevista a uma emissora de TV espanhola que "segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação - a FAO - o planeta atualmente pode alimentar, em condições normais, 12 bilhões de se-



res humanos (com 2.700 Kcal por dia para um adulto normal)”.
Não é preciso lembrar que a população mundial atual está estimada em aproximadamente 7 bilhões de pessoas (dados do Fundo de População das Nações Unidas). A declaração do sociólogo deixa claro que as “mudanças para melhor” não estão relacionadas aos fatores tecnológicos, climáticos ou geográficos como normalmente pensamos, mas sim - e sempre - à decisões individuais e coletivas.

Como dissemos, não é fácil mudar o mundo. Mas a certeza de que as grandes corporações sem pátria controlam as grandes causas mundiais não pode e nem deve tirar de cada cidadão o sonho de ver o mundo transformado em um lugar melhor.

Especialmente o mundo “mais próximo”, que é seu país, seu estado, sua cidade ou seu bairro.

Se por um lado o poder das grandes corporações é um poder avassalador, é importante lembrar que ao longo da história o povo e as forças populares que desejavam mudanças sempre foram capazes de lutar contra essas forças e, em muitos casos, interferir em suas decisões. No entanto, essas mudanças ou interferências são resultado de ações continuadas e persistentes, as quais muitas vezes não estamos dispostos a promover. Mas não é porque iremos nos confrontar com obstáculos próprios e externos que devemos recuar na realização do sonho das mudanças. Mudanças sempre se fizeram necessárias como partes de uma marcha que não sabemos onde chegará.



E nos dias de hoje, mais do que em qualquer outra época da história da humanidade, podemos identificar mais pessoas sensibilizadas em favor dessas mudanças. Saem, ainda que timidamente, da sua rotina e mobilizam-se em favor de uma causa, na esperança de transformar o lugar onde vivem em um lugar digno e feliz.

É natural que algumas ações ainda sejam um pouco desordenadas. Mas é importante que se entenda que as mudanças que cada um de nós quer ver e ser instrumento não vêm necessariamente do resultado direto de nossas ações. Fazemos parte de uma complexa e imprevisível engrenagem, na qual uma decisão que tomamos hoje aqui pode repercutir somente mais adiante. E sem que tenhamos o menor conhecimento disso.

Daí a importância de que cada um de nós, que desejamos ver a sociedade em que vivemos transformada para melhor, tome a sua decisão.

Poderão surgir incompreensões? Ou isolamentos? É possível. Mas isso não deve ser motivo de preocupação. Para chegar onde chegamos, em termos de crenças e ideologias, metas e sonhos, cada um de nós trilhou caminhos e vivenciou experiências próprias e solitárias. E com isso foi capaz de construir seu mundo interior, identificando necessidades e motivações.

Cada um tem o seu momento de despertar. Se o seu mundo interior foi capaz de compreender o papel que deve exercer nas transformações da sociedade, respeite os que pensam diferente, pois eles podem não ter passado, ainda, por esse momento íntimo de descoberta.

É uma questão de tempo.

O poeta tcheco Rainer Maria Rilke já refletia sobre essa questão quando escreveu no seu livro Cartas a um jovem poeta que "é sempre a si mesmo e a seu sentimento que deve dar razão... Mesmo que se engane, o desenvolvimento natural de sua vida interior há de conduzi-lo devagar, e com o tempo, a outra compreensão. Deixe a seus julgamentos sua

própria e silenciosa evolução sem a perturbar; como qualquer progresso, ela deve vir do âmago do seu ser e não pode ser reprimida ou acelerada por coisa alguma. Tudo está em levar a termo e, depois, dar à luz. Deixar amadurecer inteiramente, no âmago de si, nas trevas do indizível e do inconsciente, do inacessível a seu próprio intelecto, cada impressão e cada germe de sentimento e aguardar com profunda humildade e paciência a hora do parto de uma nova claridade."

E por que abordamos esse assunto, se essa é uma revista de Carnaval?

A questão é bem simples: desde que os irmãos Nelson e Anizio Abrahão David mergulharam de coração na escola de samba do município deles, o Carnaval se tornou, também, instrumento de transformação social. E é isso que vamos ver

PRIMEIRO MARCO: 1980

Essa história de transformação teve seu início no dia 9 de maio de 1980, quando os irmãos Anizio e Nelson Abrahão David inauguraram, ao lado de sua mãe Da. Julia e de outros valerosos colaboradores como Maria de Lourdes Goulart, a Creche Júlia Abrão David.

Nascidos e criados em um município com recursos limitados, numa época em que o poder público estadual e federal eram ausentes, e o poder público municipal não tinha poder, autonomia e nem recursos, não foi difícil para Anizio e Nelson sentirem-se sensibilizados pela carência que os cercava e decidirem-se agir.

E num pensamento de vanguarda para a época, os irmãos fundaram a Creche que no início atendia uma média de 60 crianças entre seis meses e seis anos de idade.

Os anos se passaram e a iniciativa se consolidou a ponto de a Creche Júlia Abrão David atender hoje e em regime de semi-internato mais de 300 crianças que, além das atividades educativas que uma creche deve oferecer, recebem quatro refeições diárias, assistência médica e odontológica.





Essas informações e esses números podem parecer para o leitor meras informações de autopromoção. Numa época como nossos dias, onde as mais variadas lideranças promovem ações sociais que são alardeadas aos quatro ventos por todo o país - desde as capas de revistas de grande circulação até nos programas de televisão - isso poderia ser verdade se não fosse o fato, que dá credibilidade e lisura aos propósitos dos irmãos David, de que essas ações promovidas pela Beija-Flor de Nilópolis sob a égide de Anizio e Nelson já acontecem há 32 anos. Poucas foram as vezes que um veículo de mídia promoveu ações semelhantes na região. Além disso, quando iniciaram as atividades da Creche o conceito de marketing social ou responsabilidade social eram termos que não existiam. Não eram ensinados nas universidades nem praticados em nossas empresas.

Mas nosso objetivo não é defender ninguém, apesar de não haver problema algum em defender uma realização importante como essa. Afinal, se falamos em números é porque eles retratam a amplitude de uma ação. Mas a alma de tudo que é feito na Creche Júlia Abrão David não está nos números, mas sim nas vidas que ganharam um novo rumo e uma oportunidade diferente daquela esperada.

Cada criança atendida na Creche recebeu - e recebe - a chave para construir um futuro melhor.

CRECHE JÚLIA ABRÃO DAVID

Rua Mário Valadares, 20
Bairro de Novo Horizonte, Nilópolis

Turmas:

Berçário - dos seis meses aos três anos de idade

Jardim I - três e quatro anos de idade

Jardim II - quatro a seis anos de idade



Segundo o advogado, professor de história e pastor Pedro Paulo Matos, o trabalho desenvolvido pela Beija-Flor é muito importante para as famílias da região. E olha que o pastor Pedro Paulo não é um novato em assuntos de bem-estar social. Como líder da 1ª Igreja do Nazareno em Nilópolis, ele e sua equipe também realizam importantes ações sociais, como a distribuição de cestas básicas de alimentos, sopas para moradores de rua e a manutenção de uma escola com 630 alunos. Com toda essa experiência acumulada em anos de liderança na comunidade, o pastor Pedro Paulo é bem claro ao destacar a importância das ações promovidas pela Beija-Flor: "Eu tive oportunidade de visitar e conhecer a Creche e o Educandário, e eu só tenho a tecer elogios ao trabalho. A diretoria da Beija-Flor está com seus olhos sensíveis às necessidades dessas famílias. As crianças que são

atendidas na Creche e no Educandário são crianças cujos pais e mães são carentes. É aquela mãe que só pode trabalhar se tiver onde deixar sua criança. Então, é um trabalho louvável que a Beija-Flor realiza, assim como as atividades esportivas que promovem. São ações muito positivas, porque quando a escola está atendendo em tempo integral um menino que ficaria metade do dia nas ruas ela está tirando-o daquele espaço e dividindo seu tempo entre os estudos e o esporte, e quando a criança ou o adolescente está envolvido no esporte ele ganha uma medalha. Quando ele ganha uma medalha ele vê que é possível ser um cidadão e realizar muitas coisas fora das drogas e do álcool. Esse é um mérito da Beija-Flor. Louvo e aplaudo essas iniciativas, que tiram crianças e adolescentes da rua, que incentivam e levantam essas pessoas", conclui



SEGUNDO MARCO: 1987

Dizem que quem faz com coração não descansa. No caso das atividades sociais da Beija-Flor de Nilópolis, essa é uma verdade. Com o passar dos anos, e acompanhando os resultados positivos da ação que realizaram na Creche Júlia Abrão David, Anizio e Nelson viram que o trabalho estava só no início. "Lembro que um dia, conversando sobre o futuro das crianças da Creche, eu, Nelson e a diretora da Creche Da. Maria de Lourdes nos demos conta de que os nossos esforços seriam incompletos se as crianças tivessem que sair da Creche ao completarem seis anos.

Tínhamos visto, na prática, os progressos que nossa Creche estava promovendo junto às crianças e seus pais, e sabíamos que se elas fossem estudar na rede pública de ensino seriam prejudicadas. Todo o trabalho de anos seria jogado fora. Foi então que decidimos fundar uma escola que complementasse a educação primária, como era chamada na época. A proposta era, nessa escola que chamamos de Educandário, atender às crianças recém-saídas da Creche. Dessa forma elas poderiam dar continuidade a um estudo e atendimento de qualidade, que era o que oferecíamos. No Educandário nós receberíamos também estudantes de outras origens, inclusive das escolas públicas da região", relembra Anizio. Decisão tomada, ação empreendida.

E foi assim que, a partir de mais uma importante decisão dos irmãos Anizio e Nelson, foi inaugurado no dia 19 de fevereiro de 1987 o Educandário Abrão David, voltado para crianças entre 6 e 16 anos, originárias da Creche Júlia Abrão David, e também de outras escolas.

No Educandário, que tem o nome do pai de Anizio e Nelson - Abrão David -, as crianças também recebem quatro refeições diárias, e na grade curricular são ministradas todas as matérias comuns às escolas públicas e privadas, entre elas matemática, português e geografia, além do ensino do inglês, do francês e aulas de laboratório. Até porque o Educandário Abrão David está subordinado ao controle pedagógico da Secretaria Estadual de Educação.

Atualmente, mais de 600 famílias se beneficiam das oportunidades que o Educandário oferece às crianças



e aos jovens da região, em turmas da 1a a 8a séries. O Educandário, que oferece uma completa oportunidade de estudo às crianças e aos jovens da região, também dispõe de uma ampla biblioteca e uma sala de informática com computadores de alto desempenho.

Segundo Maria de Lourdes Goulart, "o nível de ensino do Educandário está bem acima das demais escolas da região, inclusive das escolas privadas. Temos professores muito bem preparados que, além de

EDUCANDÁRIO ABRÃO DAVID

Equipe:

Nutricionistas e Professoras

Cozinheiras e Auxiliares de cozinha

Faxineiras e lavadeiras

Atendentes e auxiliar de serviços gerais

Motorista e vigias

trabalharem com muito amor, são respeitados pela administração, já que recebem todas as condições e a infraestrutura necessária para a realização de aulas com qualidade, ao contrário do que ocorre, infelizmente, na rede pública de modo geral. Temos que agradecer à família Abrão David, que desde a sua fundação esteve presente aqui, viabilizando os recursos necessários para o bom funcionamento do Educandário Abrão David. Nós, educadores, somos muito gratos pelo que fazem. E vejo que os pais também são muito gratos ao Sr. Anizio pelo que possibilita a suas famílias", conclui Maria de Lourdes.

Seu Ary, presidente do Conselho Deliberativo da Beija-Flor de Nilópolis e amigo pessoal de Anizio há décadas, é testemunha ocular do significado da presença das obras sociais da Beija-Flor na baixada: "O trabalho que é feito aqui em Nilópolis é emocionante. Já vi muitas crianças e jovens crescerem aqui em Nilópolis. Vi muito menino bom cair na má vida pela falta de bons conselhos e oportunidades. E já vi, também, muito garoto sem rumo se encontrar, porque teve o amparo das obras sociais do Anizio. Sempre que visito a Creche ou o Educandário, penso como seria o presente das crianças que passaram por aqui. E como será o futuro dessas que aqui estão. Aqui, eles receberam e recebem uma verdadeira oportunidade na vida. Tenho certeza de que muitos dos que foram atendidos nas obras educacionais do Anizio estariam envolvidos em bobagens se não tivessem crescido nesse ambiente de estudo, respeito e equilíbrio. Digo que o Anizio salvou e vem salvando a vida dessas crianças. Tenho muito orgulho de ser amigo desse cara, que é nota 1.000", nos conta, emocionado, seu Ary.

NA CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL CAC

Mas o que a Beija-Flor de Nilópolis faz pela sua comunidade - extensivo a toda a baixada fluminense - não fica apenas nas atividades da Creche e do Educandário.

Partindo do mesmo pressuposto que motivou o surgimento do Educandário, Anizio comenta por que o

trabalho tinha que continuar e crescer: "Vivi muitas experiências difíceis na minha vida. Ouvi e dei muitos conselhos, e entendo que nenhum homem ou mulher, por mais solidário e amigo que seja, é capaz de dar uma vida digna às pessoas. Dignidade não é um objeto que passa de mão em mão. Se uma pessoa quer dignidade para a sua vida, ela precisa conquistar isso. O que podemos - e devemos fazer - é auxiliá-las criando oportunidades. Mas a ação de mudança e melhoria depende exclusivamente de cada um." Pensando assim, no dia 3 de agosto de 1991 foi inaugurado o CAC/NAD - Centro de Atendimento Comunitário Nelson Abrahão David.

ses jovens a ampliarem a força que carregam dentro deles mesmo. Não tenho dúvida de que temos um papel fundamental nessa história, mas é óbvio que partimos da força que eles já carregam dentro de si", nos diz o administrador.

Completamente de acordo com as palavras de Aroldo, Anizio conta que desde o início havia uma preocupação em desenvolver um projeto focado em resultados. "Quando pensamos em criar o CAC, eu já sabia o que queria. Tínhamos que ter um lugar onde o jovem - e até mesmo os adultos - pudessem ter acesso à informações e treinamento que permitissem que eles já saíssem daqui com oportuni-



O CAC/NAD é, na verdade, um grande complexo de capacitação profissional voltado ao cidadão da baixada que tenha interesse e necessidade de se capacitar em alguma profissão.

Aroldo Carlos, responsável pela administração do CAC/NAD, explica que "o CAC/NAD é um importante vetor de desenvolvimento da baixada fluminense, já que prepara profissionalmente o jovem para o exercício de uma atividade profissional. Assim, esse jovem se qualifica e fica em condições de encontrar um trabalho ou um emprego. Empregado, o jovem pode ter o seu dinheirinho, ajudar em casa e ter uma vida econômica. Tudo isso fortalece a sua autoconfiança e o torna melhor e mais feliz. Costumo dizer que o CAC/NAD é uma alavanca. Na física, alavanca é um dispositivo que tem como função ampliar forças. É isso que fazemos: ajudamos a es-

des de trabalho. Por isso, decidimos oferecer cursos profissionalizantes de operador de telemarketing, técnico em refrigeração, elétrica, marcenaria, mecânica de motocicletas, fotografia, corte e costura, maquiagem, moda (modelo e manequim), cabeleireiro, culinária para festas e decoração artística para bolos. Sabíamos que profissões como essas têm uma demanda cativa e bastava que o aluno se capacitasse para que entrasse quase que imediatamente no mercado de trabalho, seja em um emprego formal ou trabalhando para si mesmo.

Hoje, passadas mais de duas décadas desse sonho tornado realidade, o CAC/NAD oferece aos seus alunos serviços de nutrição, clínica médica, psicologia e odontologia.

Um trabalho completo da Beija-Flor de Nilópolis.

NO ESPORTE

Mas quem pensa que o trabalho social da Beija-Flor de Nilópolis se resume às atividades escolares e de capacitação técnica se engana. A agremiação nilopolitana desenvolve há muito tempo um importante trabalho de desenvolvimento pessoal e inclusão social através da prática esportiva.

Essas atividades não se iniciaram de um modo tão organizado como as atividades da Creche, do Educandário e do CAC, mas foram ganhando maturidade ao longo dos anos.

No início, as crianças e os jovens da região tinham aulas de natação, futebol, handebol e jiu-jitsu, além das aulas de dança.

No entanto, em 2008 o projeto patrocinado pela Beija-Flor de Nilópolis ganhou um novo e importante aliado: a Petrobras. Identificando o potencial do projeto que vinha sendo desenvolvido pela agremiação, a área de Responsabilidade Social da Petrobras firmou um convênio no qual, durante um período pré-estabelecido, iria dar um suporte em forma de recursos financeiros para a construção de um complexo esportivo de qualidade e para o pagamento dos professores dos cursos e escolinhas de esporte.

Hoje, com o apoio da empresa, a Beija-Flor de Nilópolis executa o projeto Sonho do Beija-Flor, que oferece cursos e treinamento esportivo em diversas modalidades, como judô, karatê, jiu-jitsu, natação, futsal masculino e feminino, tênis de mesa, vôlei e basquete.

"O trabalho que a Beija-Flor realizava, mesmo sem apoio financeiro externo, sempre foi muito importante para a comunidade. No entanto, existiam limitações. Afinal, a fonte de recursos também tinha suas limitações. Hoje, com essa importante parceria com a Petrobras, ainda que também com recursos limitados ao valor do convênio, as atividades podem ser desenvolvidas com maior qualidade, variedade e regularidade. A Petrobras é uma das mais fortes empresas do país, e o investimento que ela faz aqui na Beija-



Karatê



Jiu-Jitsu



Judô

Flor faz parte de uma política de bem-estar social que a empresa abraçou. Então, a Petrobras destina recursos que sob o ponto de vista de uma empresa de energia é pequeno - até porque ela patrocina diversas outras ações sociais, culturais e esportivas -, mas que para nós é muito importante e nos dá um fôlego bem maior", comenta Elan Santiago, professor de jiu-jitsu do projeto e o precursor do curso de jiu-jitsu na Beija-Flor.



Além das atividades esportivas, o projeto também contempla a realização de aulas de dança, street dance, passista, mestre-sala e porta-bandeira, aulas de informática, música, maquiagem, trabalhos manuais e customização de produtos e confecção de adereços para Carnaval.

Segundo Ubiratan Silva, um dos professores dos cursos de maquiagem ministrados na Beija-Flor, "o Brasil e o Rio de Janeiro, especialmente, estão vivendo um momento lindo. As oportunidades de ascensão econômica são cada dia maiores. Mas essas oportunidades são como um trem: só ingressa quem tem o bilhete. E o bilhete é a capacitação. Infelizmente, muitos brasileiros não poderão aproveitar o momento que se vive porque não têm acesso a esses canais de capacitação. É por isso tudo que esse projeto aqui da Beija-Flor é muito importante. Não são números. São pessoas de carne e osso – e espírito – que estão se preparando para entrar mais confiantes no mercado de trabalho, onde ganharão um dinheirinho a mais e poderão melhorar a qualidade de vida delas e de suas famílias", conclui.

É verdade.

Muitos brasileiros não irão pegar o trem do progresso econômico. Mas, se depender da Beija-Flor de Nilópolis, muita gente boa vai estar nesse trem.

E se você, leitor, tiver o sonho de mudar o mundo – seja em que nível for –, "se espelha na família Beija-Flor" e coloque seu sonho em prática. Não duvide dos seus sonhos e do seu poder de realização. Afinal, será que os filhos de Da. Júlia imaginavam que o sonho que eles deram início há três décadas se transformaria na grande obra que hoje enche de orgulho e esperança a baixada fluminense?



Passistas



PROJETO
SONHO DO BEIJA-FLORES
1920 alunos cadastrados

Gestor: Farid Abrão David e
Rodrigo Dias Duarte

Supervisora: Márcia Barros

Equipe Técnica: Ana Julia (Pe-
dagoga), Nadia Arruda e Martina
Wendt (Psicóloga) e Rilma Ribeiro
(Assistente Social)

Equipe Administrativa: Fábio An-
derson, Wilson Abdala, Manoela
Ferreira, Noel Foligno e Luciana
Bandeira

Professores: Jeferson Carvalho
(Judô), Luciano Rangel (Karate),
Elan Santiago / Rodrigo Concei-
ção (Jiu-jitsu), Robert Poty Maurício
(Capoeira), Marcio da Conceição dos
Santos (Volei e Basquete), Gerson
Elias Hanna (Futsal Feminino), Cristia-
no Henrique Moraes Dias (Futsal Mas-
culino), Luiz Carlos Ferreira Macedo e Cleiton da
Silva Sereno (Tênis de Mesa), Eduarda Santos de Al-
meida e Anderson (Violino), Valeria Brito (Street dance),
Hugo Leonardo (Adereço Fantasia e Chapelaria), Eliza-
beth Clementino (Customização), Ubiratan Silva (Ma-
quiagem), Dejjane Noronha, Adriana Kappaun e Josiane
Cristina da Silva (Natação), Rodnei (Percussão), Selma
Matos, Claudio de Souza e Iverson Gusmão (Mestre sala e

Porta Bandeira),
Mailú Cecílio, Anderson Be-
zerra e Tchoay (Passistas), Wellington Rufino da
Costa (Cavaquinho), Joelson Frazão (Dança de Salão) e
Norberto Pereira de Carvalho (Informática).

Pré-Vestibular: Renata Simonek (Matemática), Ana
Paula Bastos da Silva Bertoldo (Português e Espanhol),
Alexandre Albino (Geografia), Fabiana Carvalho Nichelli
(História), Alessandra dos Anjos (Química), Edilson Reis
da Silva Junior (Física), Cristiane Rodrigues (Biologia) e
Adriana Potente (Redação).



Mestre-sala e Porta-bandeira



Bateria

CAMPEÃ FAZENDO CAMPEÕES

A cada ano, a Beija-Flor de Nilópolis se consolida como uma força do Carnaval carioca, resultado inevitável de um trabalho sério e dedicado iniciado há mais de três décadas pelos irmãos Anizio e Nelson Abrahão David.

A força dessa agremiação, no entanto, está inegavelmente ligada a uma rede de amigos e colaboradores que se forma a partir de um objetivo comum: fazer da agremiação nilopolitana um canal de realizações e progressos sociais e culturais.

É por isso que os anos passam e a Beija-Flor não perde a sua força. Novos desafios surgem diariamente, mas a família Beija-Flor se articula e se movimenta para vencê-los e avançar, aguardando os próximos desafios. Recentemente, duas histórias envolvendo desafio, arte, esporte, oportunidade e cidadania encheram de orgulho a família Beija-Flor de Nilópolis.

A primeira história envolve o jovem artista e bailarino Davi Chagas, de apenas 16 anos de idade – dez dedicados ao balé –, e possuidor de uma técnica e uma sensibilidade artística ímpar.

Davi Chagas, morador da comunidade da Maré, no Rio de Janeiro, participou de uma importante iniciativa promovida pela Beija-Flor de Nilópolis e pela coreógrafa Ghislaine Cavalcanti: o I Festival de Danças da Beija-Flor de Nilópolis, realizado na Cidade do Samba.

O Festival, além de agregar jovens que serão o futuro da dança no Rio de Janeiro, é um essencial canal de visibilidade para os artistas da nova geração, que muitas vezes não encontram um meio eficaz de se exporem para o público, produtores culturais e empresários.

"Davi é aluno do professor Rômulo Ramos, do Balletarj Escola de Dança, e um ótimo dançarino. No festival de dança que realizei com a Beija-Flor, ele ganhou merecidamente o prêmio de Melhor Bailarino do Festival. Isso me deixou muito feliz porque, além do trabalho que fiz à frente da Comissão de Frente da Beija-Flor durante quinze anos, abrindo portas para a dança, tenho buscado criar oportunidades para as revelações na arte e na dança, como foi o caso do Davi. No I Festival de Danças, importantes personalidades da dança estiveram presentes, entre elas a internacional Tatiana Leskova, ícone nacional da dança clássica no Brasil, que ficou muito impressionada e empolgada com o estilo de dança do jovem Davi Chagas. Logo que viu a apresentação de Davi Chagas, a professora Leskova veio até a mim dizendo que o rapaz devia ir para fora do país, onde as oportunidades são maiores do que as que o Brasil oferece. Na conversa, Rômulo disse que Davi havia se classificado para ir ao Youth America Gran Prix, um concurso de dança disputado anualmente em Nova York e um dos maiores e mais importantes do mundo", revela Ghislaine.



E como a família Beija-Flor é uma rede de apoio, não foi difícil criar uma oportunidade para o jovem Davi. Tatiana Leskova, aproveitando os acontecimentos no festival, dirigiu-se ao presidente de honra da agremiação, Anizio Abrahão David, e expondo o caso Davi perguntou se ele poderia ajudar o rapaz a participar desse sonho, viabilizando recursos para a compra das passagens aéreas e para o pagamento da estadia, que sempre ficam por conta dos participantes de concursos e festivais.

Quem conhece bem o Anizio já pode imaginar o resultado: ele prontamente se comprometeu a ajudar Davi Chagas a participar do Youth America Gran Prix. O que poderia parecer um final feliz para o bailarino ganhou contornos mais interessantes. "Fomos até à quadra da Beija-Flor, em Nilópolis, e lá recebemos o apoio financeiro no valor das passagens aéreas das mãos do Antonio Marcos Barreto, diretor de marketing da agremiação. Na mesma semana, antes que comprássemos a passagem do Davi, ele recebeu outro importante convite: participar do 40º Prix de Lausanne, um concurso muito importante realizado há 40 anos na Suíça e conhecido por revelar grandes nomes da dança mundial. Assim, devido a proximidade do evento, optamos por comprar a passagem para o Prix de Lausanne. Tenho certeza de que lindas portas se abrirão para ele. Mas o que considero muito importante destacar é que o primeiro passo para que toda essa magia tenha se realizado na vida do Davi Chagas foi ele ter ganho como melhor bailarino o festival de dança realizado pela Beija-Flor. Além disso, foram essenciais e dignos de gratidão o empenho da Gislayne, da Tatiana Leskova e o grande apoio do Sr. Anizio na concretização de tudo isso. Sou grato a todos eles, porque os caminhos do Davi serão outros a partir de tudo que vem acontecendo. Quero tornar público nosso agradecimento, em meu nome, em nome da minha esposa Ana e de toda a equipe da Balletarj Escola de Dança e dizer que cada vez mais o apoio de pessoas como vocês é de vital importância para a realização de importantes e transformadores projetos como esse", conclui Rômulo.

A segunda história é tão emocionante quanto a primeira, mas tem outros contornos, já que é uma história de superação que foi crescendo dentro dos limites da agremiação nilopolitana.

Quando Anizio decidiu incluir na grade de atividades esportivas da Beija-Flor o jiu-jitsu, não imaginou que estivesse criando um canal tão poderoso de inclusão social. Logo no início das atividades foi montada a

equipe de professores. Como não se imaginava tão ampla repercussão das aulas, os treinos de jiu-jitsu foram inaugurados pelo professor e faixa-preta Elan Santiago. "Depois de já ter negociado com o Sr. Anizio a implantação das aulas de jiu-jitsu, me comprometi a dar aulas às crianças que procurassem a Beija-Flor para participar do jiu-jitsu. Como estávamos começando um projeto, imaginei que teríamos poucos alunos. Por isso, acertei com o Sr. Anizio que eu mesmo daria as aulas. Acontece que subestimei os números (risos)! As crianças foram chegando. E os jovens também. De um dia para outro, de 20 alunos passamos para mais de 200. Fui obrigado, então, a montar uma pequena equipe de professores. Tudo com a anuência do Sr. Anizio", lembra Elan.

Aqui damos uma breve parada nessa história para lembrar que o próprio Elan é um caso de superação. Criado nos Morros do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, Elan conviveu na sua juventude com muitos dos perigos que a favela e o tráfico promovem. Até que encontrou no jiu-jitsu sua oportunidade de construir uma nova história. E esse seu convívio de rua com os moradores do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo fez com que conhecesse muitos jovens talentosos, que viviam numa corda bamba para se manterem honestos e trabalhadores.

Um desses jovens, Rodrigo Conceição, hoje com 24 anos, mostrou desde cedo um grande talento para as artes marciais. Foi então que Elan, para atender a grande demanda de crianças e jovens que chegavam ao projeto do jiu-jitsu na Beija-Flor, lembrou do amigo.

Rodrigo foi convidado para fazer parte da equipe de instrutores do projeto, podendo, nos horários vagos, utilizar a estrutura de luta da Beija-Flor para realizar seus treinamentos.

A possibilidade de treinar diariamente em condições favoráveis não poderia ter propiciado ao atleta outro resultado: Rodrigo foi ganhando condicionamento, técnica, força e experiência, o que culminou na participação em uma série de disputas nos mais variados pontos do país.

Nessa história, mais uma vez a Beija-Flor foi um importante instrumento da superação de Rodrigo, que teve aqui também o apoio incondicional do patrono da escola, Anizio: "Um dia, durante as aulas na Beija-Flor, comentei com o Elan que estavam abertas as inscrições para o Sul-brasileiro de Jiu-Jitsu, uma competição que aconteceria em Florianópolis. Como estou construindo uma carreira no jiu-jitsu, participar de competições é muito importante. Inclusive porque ganho visibilidade no próprio meio. Não tinha como bancar essa viagem,

nem mesmo a inscrição. Foi então que o Elan me disse: 'Negão, o Sr. Anizio ajuda todo mundo! Tenho certeza que se ele souber do que me falou ele vai ajudar você. Vou ligar para a casa dele e ver se pode me atender. Fica frio, negão!' Não esqueço o Elan falando 'fica frio, negão!' Fiquei muito empolgado. Dias depois, Elan aparece com o a grana da inscrição e das passagens de ônibus. Fiquei super agradecido ao 'Homem', que é como algumas pessoas chamam o seu Anizio. (risos)"
 Detalhe: na competição, Rodrigo foi campeão na sua categoria. Na época, faixa roxa e peso leve.

Mas o "negão" protagonizou outra situação que revela a situação injusta que muitos esportistas passam, em contraponto com tantos outros esportistas do futebol, que recebem milhões sem nenhuma justificativa honesta. Em janeiro desse ano foram abertas as inscrições para o Campeonato Europeu de Jiu-Jitsu, ocorrido em Lisboa (Portugal). Rodrigo, ainda construindo sua estabilidade financeira, não tinha como participar desse importante evento que, além do seu aspecto internacional, era mais

um degrau a ser escalado pelo atleta na busca de reconhecimento e de medalhas. Sem nenhum apoio do Poder Público ou da iniciativa privada, que na sua maioria prefere gastar milhões em suas publicidades com artistas já consagrados em vez de investir nessa promissora geração de vencedores, Rodrigo só viu uma alternativa para participar do campeonato: seu incentivador, Anizio Abraão David.

Infelizmente, o patrono da Beija-Flor de Nilópolis foi compulsoriamente afastado das suas atividades profissionais e do convívio da nação Beija-Flor, repercutindo, assim, nas discretas pretensões do atleta.

Sem alternativas, Rodrigo não tinha muito o que fazer: "Vi que não haveria a menor condição de eu participar desse torneio. Então pensei assim: 'Sei que

Deus me ajuda sempre, e outras oportunidades surgirão'. Mas é lógico que fiquei chateado. Sem ter o que fazer, desisti de participar da competição em Lisboa e voltei aos treinamentos pensando no torneio de jiu-jitsu que será realizado na Califórnia, em junho desse ano", relembra Rodrigo.

Novamente, a solidariedade que transforma vidas reverteu a situação do atleta. Amigos de Rodrigo, utilizando a rede social Facebook e outros meios mais diretos, mobilizaram amigos e amigos dos amigos para



fazerem um caixa que levantasse recursos para a inscrição no torneio, para o pagamento das passagens aéreas e para as despesas de hospedagem e alimentação. O resultado dessa iniciativa colaborativa foi a participação de Rodrigo Akillis no Torneio em Lisboa, com direito à medalha por equipes e um upgrade técnico. "Hoje me sinto em um outro nível de luta. Pode parecer exagero, mas não é. O Elan já havia me dito que as competições internacionais, disputadas contra atletas de outros países e na casa do oponente, proporcionam muita maturidade ao atleta. Acho que ele está certo." Rodrigo revela ainda um enorme e sincero agradecimento: "Poxa... Nunca imaginei que isso aconteceria. Fiquei e estou muito agradecido a todos os que me ajudaram a participar desse torneio."

SÃO LUÍS

O POEMA ENCANTADO DO MARANHÃO

MIRO LOPES

É de lá, da 'ilha da assombração', que Joãozinho Trinta veio para imprimir as grandes inovações na maior manifestação de arte e cultura popular do mundo que é exibida durante o Carnaval carioca. E o desfile das escolas de samba nunca mais foi o mesmo. Joãozinho promove, então, com suas ideias e talento a ruptura indispensável à livre criatividade, que assim deu espaço para que artistas populares pudessem viajar nas asas da imaginação e desenrolar temas que oferecessem um espetáculo cada vez mais surpreendente, possibilitando a imersão no imensurável mundo dos sonhos e da fantasia.

"Mas esse mundo dos sonhos tem que ser visível ao público na Sapucaí. Por isso, o conteúdo plástico é o elemento essencial nesse desafio de levar um espetáculo de sonhos e fantasia", explica o carnavalesco Fran-Sérgio. "O enredo possibilita ótimas fantasias e alegorias. Então, abrimos um leque de elementos para que as fantasias sejam instrumento visual de transmissão de toda essa mensagem e magia", complementa "Fran".

Fazendo sua estreia na comissão de carnavalescos da Beija-Flor, o designer André Cezari, entusiasmado com o enredo, não esconde sua percepção de que a principal matriz de toda a beleza que irão levar para a Sapucaí está lá, em São Luís: "A cidade ofereceu uma história fantástica para que desenvolvêssemos o atual enredo. Precisamos apenas de um olhar silencioso e apurado para mergulharmos na atmosfera histórica e cultural da região. São Luís é um reservatório imenso de beleza e sensibilidade. Holanda, França e Portugal deixaram um legado muito valioso na região. Esses países, e também (É claro!) o desenvolvimento cultural e artístico dos que lá permaneceram e das gerações que se fizeram lá, transformaram São Luís numa cidade diferente de todos os lugares que eu conheci".

Ao definir o atual enredo da Beija-Flor de Nilópolis em homenagem aos 400 anos de São Luís do Maranhão, Fran-Sérgio fala que "é um enredo com peso cultural e folclórico muito forte. É um resumo do que é o Brasil. Uma grande festa de cores, elementos folclóricos, lendas. O Maranhão possibilitou fantasias e alegorias fantásticas e, ainda, que a gente brincasse





SÃO LUÍS

4

A história que toda capital
gostaria de ter.

muito, no sentido de poder fazer coisas muito boas. É um enredo com a cara da Beija-Flor!"

Enredos da azul e branco de Nilópolis são assim: brincam com ingredientes de realismo, naturalismo, romantismo e misticismo, elementos em que objetividade e subjetividade propõem desafios, mas que nunca intimidaram seus carnavalescos. "Quando a gente fez a pesquisa preliminar, pudemos ver vários caminhos a seguir e visualizar o que poderia ser o enredo. Mas quando fizemos a primeira visita ao Maranhão e mergulhamos naquele universo, novas e não pensadas possibilidades artísticas surgiram. A história e as manifestações culturais e artísticas da cidade acabaram nos conduzindo a novos caminhos, que exploramos sem preconceitos. E tenho certeza de que conseguimos um resultado fantástico", disse o carnavalesco Ubiratan Silva (Bira).

Não há dúvida de que enredos sobre cidades e pessoas sempre propõem um desenvolvimento histórico, cívico e biográfico. É uma volta ao passado: "Sempre buscamos novos caminhos e linguagens para fugir do trivial, e falar de lugares, acontecimentos e pessoas sob uma perspectiva não tratada, mas importante. Uma abordagem que considere as histórias e o passado e valorize o assunto tratado, mas que desperte emoção e afeto. Para isso, nada melhor do que a arte. O senso e a

estética artística são muito importantes para perceber e extrair o oculto dessas histórias" reflete Bira.

Para Victor, o enredo é o próprio surgimento da Ilha de São Luís. "Nunca vi um lugar tão misterioso. Desde que trabalhei com Joãosinho Trinta, sempre quis falar um pouco das lendas de São Luís (da serpente de prata, do rei-menino...). Fico pensando... por que tanto misticismo? Por que tantas lendas se desenvolveram? Então, o que a gente pretende fazer na avenida é mostrar essas coisas, como elas aconteceram. Além disso, tem a poesia de todo o enredo, do samba que se casou bem com o desenvolvimento do projeto e a idealização dos carros alegóricos".

Com a palavra, Bira fala: "Quando se tem um enredo abstrato e o transformamos em fantasias e alegorias, é porque se teve uma fonte onde beber para que pudéssemos trabalhar. A cidade tem um lado sofisticado e outro histórico, com uma riqueza cultural muito grande, e conseguimos abordar isso de um modo diferente. Em uma de nossas idas ao Maranhão, tivemos a oportunidade de conversar com Joãosinho Trinta e mostrar o que a Comissão de Carnavalescos estava desenvolvendo. Ele se surpreendeu e nos disse: "Não esperava que vocês fossem fazer um trabalho tão original. Estará tudo lindo!"





COM A PALAVRA: LAÍLA, O COMANDANTE DO CARNAVAL CARIOCA

Nos últimos três anos foram três coreógrafos no comando da comissão de frente. Houve a saída e o retorno do Hilton Castro, a saída do Louzada e a entrada do Vitor Santos (2010) e do André Cezari (2011). A mudança de profissionais em pontos tão estratégicos é um sinal de que a escola busca algo que ainda não encontrou?

Luis Fernando "Laíla" Ribeiro do Carmo – Buscamos sempre corrigir os setores que a gente vê que não estejam enquadrados dentro do espírito da escola, seja em nível emocional, artístico ou técnico. Até mesmo em criação. A cada ano o desfile de Carnaval tem evoluído e apresentado ao público um espetáculo excepcionalmente fantástico. As escolas estão trabalhando para levar para a avenida um Carnaval bonito e campeão. A Beija-Flor também está empenhada em ganhar títulos, com apresentações sempre inesquecíveis. Então, temos que estar sempre em busca de novidades, de pessoas com cabeça mais arejada, de pessoas que queiram inovar.

O Carnaval e seu público exigem novidades. Um Carnaval sempre igual não desperta o público. O que a Beija-Flor de Nilópolis preparou para agitar o público na Sapucaí e o telespectador em sua casa?

Laíla – É a Beija-Flor de sempre, com seu trabalho cuidadoso, com fantasias e carros alegóricos feitos com cuidado e qualidade. Estamos criando algumas novidades nas alegorias, mas o conjunto da escola será sempre o grande atrativo, especialmente em razão dessa comunidade muito aguerrida e confiante que temos.

A Beija-Flor de Nilópolis desenvolveu o enredo de Agotime, que abordava aspectos da história do Maranhão. Como pensar em ser original quando se tem uma referência tão forte de um enredo tão bom como o de Agotime? A Beija-Flor de Nilópolis não está correndo o risco de fazer um desfile igual e previsível?

Laíla – A minha resposta é muito simples: o Salgueiro fez Maranhão em 74, a Mangueira fez não sei quando, o Tucuruvi fez e a Grande Rio fez também. Quatro escolas fizeram. Linguagens diferentes, certo? Eu acho que nós somos bastante inteligentes para não pegarmos os mesmos caminhos que eles pegaram e sair fora de Agotime. Porque nós falávamos da Casa das Minas, não falávamos de São Luís do Maranhão diretamente. Nos falávamos de Agotime e da Casa das Minas. Isso dava um setor e nós o transformamos num enredo.

Há uma grande expectativa de se fazer uma homenagem ao Joãozinho, já que ele iria desfilar. Já existe alguma ideia definida, alguma surpresa que possa ser revelada?

Laíla – Definida já existia, que era a coroa em que ele viria, com a réplica da cidade onde ele nasceu simbolizando o grande gênio maranhense no Carnaval carioca. Com o falecimento, outras coisas surgiram. E o grande público pode esperar, porque nós vamos reviver "Ratos e Urubus" com muita maestria, muita dignidade e com a cara um pouco diferente, e fazendo com que a vontade do João seja feita na avenida. O desejo de vir com o Cristo descoberto.

A QUIMERA EUROPÉIA E O PARAÍSO DOURADO DE UPAON-AÇÚ

ABERTURA

Harmonia do Setor: Anízio, Laila e Marcos Aurélio
Compositores: Gilson Doutor, Serginho Aguiar, Rômulo Presidente, Thiago Alves, Ademir Glivaldo

A Serpente Encantada e os Guerreiros Tupinambás na

Ilha de Upaon-Açu

Ala: Comissão de Frente

Presidente: Fábio de Mello

Quantidade: 15

Os índios Tupinambás, que no imaginário europeu, tinham seus corpos revestidos de ouro em pó, segundo a fantástica Lenda do Eldorado, batizaram o seu solo sagrado de Upaon-Açu; o qual esconde em suas entranhas uma lendária e monstruosa serpente que cresce incessantemente. Certo dia, quando a cabeça e a cauda da temerosa criatura encontrarem-se, uma profecia se realizará: a "Ilha Grande" imergirá para sempre, extinguindo a cidade de São Luís do mapa para toda a eternidade! Impedir a catástrofe consiste em encontrar uma maneira de evitar a união das extremidades do réptil colossal, mesmo que isso signifique sacrificar a mítica serpente, façanha que só poderá ser realizada pelos poderosos espíritos dos bravos guerreiros Tupinambás, evocados do passado para preservar o futuro.

Os Ancestrais Tupinambás

Ala: 1o Casal de MS e PB

Presidente: Selmynha Sorriso e Claudinho

Quantidade: 2

Os ancestrais Tupinambás são os antepassados dos



Fabiola David

guerreiros dos cumes dos montes, dos vastos horizontes, onde canta o sabiá; detentores das origens, das raízes e das verdadeiras riquezas da tribo dos homens nus. Tais espíritos guardiões são invocados pelos nativos de pele dourada para proteger todos aqueles que habitavam o solo sagrado de Upaon-Açu.

Indomáveis Corpos Nús Tupinambás

Ala: Arte Folia

Presidente: Valéria Britto

Quantidade: 100

Antes mesmo da chegada dos franceses, a cidade de São Luís, então ainda chamada Upaon-Açu ("Ilha Grande"), era densamente habitada por povos indígenas. Uma paisagem quase intocada abrigava cen-



tenas de índios Tupinambás, que viviam da caça, da pesca e da agricultura de subsistência. Os nativos da terra, que compunham a tribo dos homens nus, e que eram imaginados com corpos dourados pelos invasores europeus, resistiram com bravura às invasões estrangeiras, e não se deixaram dominar.

holandeses e por fim colonizada por portugueses.

Alegoria 01 - Abre-Alas

"A Quimera Européia e o Imaginário Paraíso Dourado de Upaon-Açú"

Três Coroas em Mares de Ambição

Ala: Explosão e Fúria

Presidente: Hilton Castro

Quantidade: 32

Sem saber o que esperar ao se lançar rumo ao Novo Mundo, três Coroas européias – França, Holanda e Portugal – inflamaram suas paixões e cruzaram os mares, dotadas com os olhos da cobiça e as garras da ambição; gananciosos, vislumbravam encontrar cidades de ouro puro e desfrutar das riquezas imaginadas e de fantásticos prazeres. Única cidade brasileira fundada por franceses, São Luís foi invadida por



E xtrato Vegetal

Farmácia de Manipulação

Nilópolis

Av. Mirandela, 225
TEL/FAX 21 3760-0270

Nilópolis

Rua Frei Ludolf, 131
(Em frente a rodoviária)
TEL/FAX 21 2756-2392

São João

Rua S. João Batista, 115
TEL/FAX 21 2756-2392

Nova Iguaçu

Rua Dr. Guimarães, 139
TEL/FAX 21 2667-3692

Nova Iguaçu

Pça da Liberdade nº 120
(em frente a estação)
TEL/FAX 21 2657-6594



COLEÇÃO RETRÔ

BEIJA-FLORES



A BEIJA-FLORES
ACABA DE LANÇAR
A COLEÇÃO RETRÔ
DA ESCOLA!

CAMISAS COMEMORATIVAS
ALUSIVAS AOS 12 TÍTULOS
DA CAMPEONÍSSIMA!



CAMISAS 100% ALGODÃO, COM BORDADO DE ALTA QUALIDADE NO LOGO E TÉCNICA DE FLOCAGEM NAS COSTAS, DANDO O TOQUE FINAL ÀS BELÍSSIMAS CAMISAS FEITAS PARA UM PÚBLICO SELETO E EXIGENTE COMO VOCÊ!

PHALCON H&S/ARQUIVOTE ILUSTRATIVA

À VENDA NA BOUTIQUE DA ESCOLA
GARANTA JÁ A SUA!

Acesse nosso site e saiba mais sobre essa coleção!
www.beijaflorretro.com.br

BABADÃO DA
FOLIA

ARTIGOS DE CARNAVAL

RIO

*Babadão da Folia
e Beija-Flor.
Uma parceria
que dá samba.*

A Fantasia vem aí!

Tel./fax: (21) 2507-0598

Rua Buenos Aires, 287 e 300 - Centro



DE “CARA NOVA” NA AVENIDA?

RICARDO DA FONSECA

A Beija-Flor de Nilópolis estará de “cara nova” na avenida. Mas não se preocupem. Isso não quer dizer que a escola vai abrir mão de todas as suas qualidades estéticas e artísticas. Ao contrário. A cara nova na escola é para dar um novo visual ao “cartão de apresentação” da agremiação: para o desfile de 2012, a comissão de frente da Beija-Flor de Nilópolis chega com a assinatura do coreógrafo Fábio de Mello. Assumindo a coreografia e a direção da comissão de frente, Fábio defende que a comissão de frente deve ser parte integrante do desfile, e não um show à parte, feito de piruetas e exageros “pirotécnicos” que muitas vezes não tem nenhuma relação com o enredo, como alguns dos chamados “criativos” tem abusado, em nome de uma criatividade que, por sinal, passa bem longe.

Fábio não abre mão de uma comissão de frente com impacto visual e grandiosidade, mas sem fugir do enredo e do desenvolvimento lógico do desfile, e sem deixar de lado a beleza e a capacidade de emocionar o público: “Faremos uma apresentação de alto nível, à altura da tradição da Beija-Flor de Nilópolis”, promete o coreógrafo.

Como foi sua chegada ao Carnaval?

Fábio de Mello – Minha formação se deu na Imperatriz Leopoldinense. Passei por outras escolas, mas a Imperatriz foi meu ponto de referência. Nesses 18 anos de Carnaval, meu trabalho teve uma ótima repercussão, e comecei a receber prêmios, inclusive seis estandartes de ouro e um tamborim de ouro. Com o reconhecimento, as portas se abriram.

Como aconteceu esse encontro com a Beija-Flor?

Fábio de Mello – Ao terminar meu contrato com a Viradouro, pensei em não fazer Carnaval por um tempo. Cheguei a planejar alguns trabalhos fora do Brasil, porque sou curador de uma mostra de dança em Lausanne (Suíça). Estava planejando uma curadoria no período do Carnaval. Mas na minha cabeça eu pensava que, se um dia voltasse para o Carnaval, ia querer voltar trabalhando na Beija-Flor. Porque era onde eu acreditava que teria estrutura para fazer um trabalho com o nível e a qualidade que pretendia. Um dia o Laíla me procurou fazendo o convite. Aqui eu encontrei a palavra-chave: renovação. Estava realmente desmotivado para trabalhar no Carnaval. O convite do Laíla deu uma virada na minha cabeça. E foi uma situação muito curiosa, porque ele me telefonou numa segunda-feira pela manhã e me pediu que viesse na hora do almoço no barracão. No almoço, conversamos



muito e ele me apresentou um pouquinho da ideia. Disse que ia falar com seu Anizio, e que eu deveria voltar no dia seguinte. No dia seguinte, já com os integrantes da comissão de carnavalescos, Laíla disse que queria ouvir a minha visão, como eu senti o convite, qual seria a minha maneira de trabalhar. Enquanto falava, eles foram percebendo que eu tinha uma proposta muito parecida com a da escola. Isso aumentou muito a identificação entre nós. De repente o Laíla, que é uma pessoa que faz coisas que a gente não espera, disse: "deixa eu te mostrar o Carnaval da escola". O convite para ver os trabalhos antes de fecharmos qualquer acordo me emocionou. Era sinal de que ele estava confiando em mim. Foi uma sensação muito boa. Fui passear pelos barracões e fiquei maravilhado quando vi o atelier todo pronto – e de uma beleza estonteante. Fiquei muito feliz de ver a Beija-Flor com um estilo de Carnaval que se adequa a uma série de coisas. A agremiação também está buscando o retorno a um estilo Beija-Flor. Não que ela não devesse experimentar. Em uma trajetória tão longa como a dela, os experimentos são essenciais, para não cair numa mesmice. Mas existe um estilo que é característico da Beija-Flor e que se perde em algumas inovações. E você não precisa ser tradicionalista para voltar ao estilo. Você pode se renovar mantendo a identidade que você construiu.

Você tem planejada alguma novidade para a comissão de frente da Beija-Flor?

Fábio de Mello – A Beija-Flor, durante muitos anos, teve uma comissão de frente de balé. Essa comissão absolutamente não tem balé. Ela tem dança, com homens que têm experiências coreográficas de estilo de comissão de frente, e tem o meu estilo pessoal. Essa comissão vem com 15 componentes e o que eu mais precisar de tecnologia.

Por outro lado, vamos estar bem afinados com o regulamento. Eu estou fazendo uma comissão de frente contextualizada com o enredo, apresentando a escola, saudando o público, cumprimentando a comissão julgadora. Acompanho o regulamento durante todos

os anos. As mudanças são pequenas. Quando surge uma mudança, ter que se apresentar no setor 1 por exemplo, eu acompanho. Mas ninguém nunca me disse que comissão de frente pode ter bebê de colo, alguém voando de asa delta ou uma pessoa cair de paraquedas no meio da comissão. Enquanto isso não acontecer, para mim comissão de frente tem um conceito definido, e quando eu conversei com o Laíla e com a comissão de Carnaval o meu estilo bateu com o que a escola estava querendo.

Para o Carnaval de 2012 vamos levar para a avenida uma comissão de frente mítica, lendária, não realística. Será uma ópera. Vamos contar uma história: e ela tem herói. Parece um épico. Vamos chamar de pequeno épico, por causa da duração. Mas ela vem grandiosa, rica, com tudo que a Beija-Flor e o público esperam.

O que é para você "comissão de frente"?

Fábio de Mello – Eu penso que a comissão de frente é um comitê de apresentação, é um cerimonial, um momento ritualístico: um ritual de introdução a um enredo. Você pode introduzir modernizações, inovações, acrobacias, misturar danças, ópera. É lógico! Faz parte de um espetáculo artístico. Mas não pode permitir que a comissão de frente perca algumas de suas características conceituais, explícitas no regulamento da Liesa. Minha visão de coreógrafo de comissão de frente não é daquele que cria, apronta e entrega. É, antes, daquele que participa do processo, e monta uma comissão que dê à escola o que ela pretende, o que ela sonha. Eu sou um realizador de objetivos. Eu não sou o objetivo. Muita gente confunde isso.

E onde está a diferença do seu trabalho?

Eu estudei o enredo para fazer o que estou fazendo. As coisas vão surgindo na minha cabeça... Conversei e venho trocando informações e visões com a equipe de Carnaval, com o Laíla, com a comissão carnavalesca, com os componentes. Eu acho que o coreógrafo, quando se acha maior que a escola, quer montar o seu trabalho, trazer tudo pronto e entregar. Eu nunca trabalhei assim. Sempre fiz um trabalho focado nos anseios do carnavalesco, da presidência, da direção de Carnaval da escola. Sempre foi assim.

O que o público deve observar mais atentamente na sua comissão de frente?

Fábio de Mello – O público deve prestar atenção na concepção da comissão de frente em relação à escola que virá. Quero que o público veja que, por mais que a gente traga inovação, tecnologia, coisas diferentes do habitual, tudo que a comissão de frente precisa ter estará embutido ali. Quero que o público avalie isso.



Claudinho e Selminha Sorriso





MALTE E LÚPULO IMPORTADOS
E ÁGUA DE EXCELENTE QUALIDADE.
NESTE VERÃO, SÓ ITAIPAVA
É SEM COMPARAÇÃO.

Além de muito sabor, este verão também vai ter malte e lúpulo importados e água de excelente qualidade. Este verão vai ter Itaipava, uma cerveja única, feita especialmente para pessoas iguais a você, que sabem apreciar o que a vida tem de melhor. Itaipava. A cerveja sem comparação.

— ITAIPAVA —
A CERVEJA
— sem comparação —

www.cervejaitaipava.com.br



MULTISOLUTION

SE FOR DIRIGIR, NÃO BEBA.

LAMENTOS DE DOR ENTOADOS NAS ONDAS DO MAR

O TRÁFICO NEGREIRO EM NAVIOS TUMBEIROS

SETOR 2

Harmonia do Setor: Celso Bastos e Sérgio Sá
Compositores: Veni Vieira, Samir Trindade, Pereirão,
Ricardo Lucena, Carlinho Amanhã e Sidney de Pilares

Fascinante Terra das Palmeiras
Ala: Menina Flor
Presidente: Maurício Ribeiro
Quantidade: 70

As palmeiras são plantas perenes, arborescentes, que possuem caule cilíndrico não ramificado, do tipo estipe, atingindo grandes alturas. Encontram-se distribuídas pelo mundo inteiro, embora estejam mais centralizadas nas regiões tropicais e subtropicais. Imaginadas pelos europeus feitas de ouro puro, e com vasta presença em São Luís e em todo o território maranhense, as palmeiras são tão notórias, que chegaram a ser mencionadas no poema inesquecível de Gonçalves Dias, intitulado "Canção do Exílio", onde o poeta afirma "Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá...".

Escrava Nobreza
Ala: Vento Forte
Presidente: Hilton Castro
Quantidade: 80

Iniciado o processo de colonização do Maranhão, houve a necessidade de mão-de-obra para construir São Luís. Os trabalhadores cativos chegaram através

do tráfico negreiro, uma vez que a escravatura foi praticada desde as épocas mais remotas, por diferentes povos e regiões, inclusive entre tribos e reinos rivais. O cruel e lucrativo comércio de homens e mulheres vindos da África subjugou reis, rainhas, príncipes e princesas à um destino atroz. Soberanos de selvas longínquas, ontem belos, livres e bravos, tornaram-se míseros escravos, atuando como braços fortes responsáveis por erguer a cidade de São Luís.

O GIGANTE BAIXINHO ESTÁ DE VOLTA!

Afastado da agremiação nilopolitana para dar uma "reciclada nas ideias", o diretor teatral Hilton Castro está de volta ao Carnaval da azul e branco. Encarando o desafio de dirigir 1.500 componentes, esse maranhense de São Luís é só alegria. "Estou muito feliz com as coisas que estão acontecendo na minha vida. E isso inclui esse Carnaval da Beija-Flor. Retornar com um enredo que fala da minha terra é muito bacana, e me dá uma sensação de uma mística ajuda do mais alto, porque trabalhar dentro



desse enredo tem sido muito fácil. Mesmo tendo saído do Maranhão com quatorze anos de idade, aquele lugar está na minha pele, no meu respirar... São tantas as lembranças emotivas, que remontam demais a minha infância. Eu lembro que eu ia com a minha mãe aos mercados lá no Maranhão. Eles não tinham bancas, era tudo na mão, ou nos cofos... um mercado ambulante, o cara seguia assim: 'olha senhora, olha o caju!' Minha alma está mergulhada nesse enredo. Essa ideia de fazer desse mercado onde tudo é vivo, é movimento, é de uma concepção artística mágica. E quando nós fizemos desse movimento do mercado uma história a ser contada na avenida, criamos arte. Uma arte sagrada, sem sombra de dúvida. Não sagrada na visão das religiões, mas sagrada no sentido religioso, de religação do homem com sua identidade, com seu interior. Eu posso dizer, sem nenhum receio de errar, que um dos grandes momentos do desfile acontecerá nesse mercado, com seus gritos, burburinhos, movimentos... E todo esse movimento e barulho em determinado momento cessa, cessa ao presenciarem uma tortura. E na hora que esse mercado vê essa tortura, que são negras sendo chicoteadas em pleno mercado, acontece a submissão, o ponto ápice da religiosidade. Só de falar, me arrepio. E tenho certeza de que o público também vai se emocionar, pela beleza, pela criatividade, pelo significado e por toda a energia que será liberada naquele momento", declara, emocionado.

Angústia dos Grilhões

Ala: Força Total

Presidente: Hilton Castro

Quantidade: 80

Malfeitores escravocratas, algozes carrascos, promoveram todo o tipo de atrocidades contra os negros vindos da África. Subjugados, experimentaram o estalar do açoite, a dor oriunda da chibata e a angústia de estarem presos à cordas, correntes e grilhões. Tormentos e lágrimas revelaram o suplício e o horror vivido pelos escravos, que ergueram boa parte das construções de São Luís e dos becos, vielas e ladeiras da cidade.

O Mercado de Dialectos Africanos

Ala: Alegria, Alegria

Presidente: Hilton Castro

Quantidade: 360

Foram as mãos pretas e esfoladas dos negros escravos e seus braços fortes que ergueram boa parte das diversas estruturas de São Luís, fazendo da cidade um importante centro de mão-de-obra escrava. Escravos carregadores de cabaças, de frutas, de animais e de diversas mercadorias, compuseram um grande mercado de dialectos africanos, e terminaram por alavancar a construção e a estruturação de São Luís do Maranhão.

Os espíritos dos Pretos-Velhos africanos, espíritos de luz, detentores de elevada sabedoria, e que atuam como guias, auxiliando aos encarnados são reconhecidos e reverenciados por "seus filhos". Os Pretos-Velhos são mandingueiros poderosos, sábios, ternos, humildes e pacientes, que com seu olhar prescrutador, fumando o seu cachimbo e rezando com o seu terço, seguem orientando, aconselhando e benzeando aqueles que buscam fortalecer a fé Criador.

Alegoria 02 - A

"Lamentos de Dor Entoados nas Ondas do Mar"

Alegoria 02 - B

"O Tráfico Negroiro em Navios Tumbeiros"

MPCR
Engenharia

MANUTENÇÃO PREDIAL
(elétrica, hidráulica e alvenaria)

MANUTENÇÃO DE EQUIPAMENTO
MÉDICO E HOSPITALAR

MPCR Engenharia
Tel: (21) 3137-9710
mpcrenharia@ig.com.br

WIDMORE & S.L.
COMERCIAL

SANTUÁRIO MÍSTICO DE DEVOÇÃO

O SAGRADO E O PROFANO EM UNIÃO

SETOR

3

Harmonia do Setor: Helinho e Eduardo Sumaré
Compositores: J. Velloso, Paulinho Beija-Flor, Wanderlei Novidade, Walnei Rocha, Rouxinol e Jr. Beija-Flor

Festa do Divino - Povo Santo em Oração

Ala: Uni-Rio / Jovem Flu

Presidente: André Porfírio / Sérgio Ayub

Quantidade: 70

A Festa do Divino é um culto ao Espírito Santo, onde a terceira pessoa da Santíssima Trindade é festejada com banquetes coletivos, onde há distribuição de comida e esmolos. No Maranhão, o culto ao Divino Espírito Santo teve início século XVII, com a chegada dos colonos portugueses para povoar a região. Especificamente em São Luís, a Festa do Divino se realiza principalmente nas casas de culto africano, e é universal a presença da Pomba e de cores vivas.

São Marçal - Festejo Santo

Ala: Dos Cem / Amar é Viver

Presidente: Terezinha Simões / Teresinha Alves

Quantidade: 70 cada

Registros da Igreja indicam que São Marçal foi bispo de Limoges, na França, e um dos primeiros mártires da Igreja Católica Apostólica Romana. Acredita-se que o festejo de São Marçal, no bairro do João Paulo, em São Luís, tenha começado há mais de 80 anos, quando os grupos folclóricos de Bumba-Meu-Boi de matraca ou sotaque da Ilha começaram a se reunir na Praça Ivar Saldanha.

Bico-Bilico - Santinho Assanhado

Ala: 2o Casal de MS e PB

Presidente: David Sabiá e Janailce Adjane

Quantidade: 2

JANAILCE , UM REINO PELO PAVILHÃO

Ser porta-bandeira é tarefa nobre, algo quase monárquico. Como a bateria que tem sua rainha, a escola inteira tem suas porta-bandeiras. À frente de um séquito formado por enormes alas de foliões e súditos, a porta-bandeira também não passa sua coroa para sucessora alguma sem justo motivo, como registra a tradição. Portanto, para portar o pavilhão da escola não basta parecer nobre. Há que ter postura nobre, bem mais do que sua indumentária possa sugerir. Afinal, elas se vestem como verdadeiras rainhas. Sambam se preciso for, mas é obrigatório manter o ritmo em suas evoluções imperiais. Casada com Goutemberg, mãe de Jeniffer (8 anos), Janailce Adjane Santigo foi entronada no cargo aos 14 anos pela Leão de Nova Iguaçu, tem passagem pela Vizinha Faladeira e já ostenta o pavilhão da Beija-Flor como segunda porta-bandeira há 16 anos.

Janailce teve como professor o mestre Manoel Dionísio, criador do projeto Escola de Mestre-Sala, Porta-Bandeira e Porta-Estandarte, que ensinou a plebeia nascida em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, a se transformar numa nobre quando pisa na passarela. Sua estreia na Beija-Flor foi em 1995, no desfile em homenagem a "Bidu Sayão", uma experiência extraordinária que se renova a cada ano. "É gratificante estar na escola", afirma Janailce. "Se a porta-bandeira tivesse que ser rainha de verdade, e eu fosse, daria meu reino pelo pavilhão da escola", finaliza.

DAVID, O SABIÁ QUE DANÇA

O mestre-sala, como um mosqueteiro da porta-bandeira, protege-a tanto quanto ao pavilhão que ela car-

rega. Como um guardião, ele a acompanha e a apresenta ao público com mesuras de um sedutor, com a postura de um cavalheiro, com a devoção de um súdito. Na passarela, David do Nascimento, 25 anos, é o companheiro, escudeiro e guardião de Janailce.

Integrou a ala mirim da Beija-Flor, onde revelou seu talento de passista e mestre-sala. Teve como professor Edinho (Edson Bittencourt), que foi o passista número um da azul e branco durante anos. Embora mais por sua compleição, o apelido Sabiá sugere também seu talento. Chegado à dança e à música, Sabiá também é cavaquinista desde cedo. Por indicação de Eraldo, Sabiá se tornou o segundo mestre-sala, estreando no posto em 1999 quando a Beija-Flor apresentou o enredo "Araxá, lugar mais alto de onde primeiro se avista o Sol".

Natural de Campinho, subúrbio carioca, e morador de Nilópolis desde criança, David é recém-formado em enfermagem, profissão que ainda pretere em favor do samba.

São Bilibeu - O Santinho do Breu

Ala: Samba Show

Presidente: Rosimere Ezequiel Maia

Quantidade: 70

Bilibeu, São Bilibeu, ou Santo Horácio, protege os bichos de casa, doentes ou perdidos. Difundido no Maranhão, acredita-se que seja milagreiro como poucos. Sua celebração é uma farra, um verdadeiro festim carnavalesco, cuja representação determina que o santo morra e seja sepultado, para depois ressuscitar. Seu pequeno namorista, seu trabalho mais pesado é mamar nos peitos apoiados das mulheres alheias, depois de lhes garantir a mais impossível gravidez!?! Bico-Bilico, Bilí-Bilibeu, santinho assanhado, calunginha de breu!

O Cortejo de Dom Sebastião

Ala: Os Impossíveis

Presidente: Cosme Alves Cabral e Robson Guilherme

Quantidade: 70

Dom Sebastião foi o rei português que faleceu em 1578, aos 24 anos, quando desapareceu na batalha de Alcácer Quibir. Seu corpo nunca foi encontrado, e como na Encantaria as entidades não são necessariamente de origem afro-brasileira e não morreram, e sim se "encantaram", diz a lenda maranhense que, nas noites de São João, o fantasma do rei retorna à praia. Uma vez quebrado o encanto, diz-se que D. Sebastião emergirá glorioso das profundezas do mar, com toda a pompa de sua corte.

Janailce e David



Dom Luís - O Encantado Rei de França

Ala: Raízes da Flor

Presidente: Luciana Castro

Quantidade: 70

A Encantaria é uma forma de pajelança afro-ameríndia praticada no Maranhão. Em seus rituais, são cultuadas diversas divindades, de diferentes origens, onde incluem-se os chamados Encantados e os Caboclos. Dentre os encantados, destaca-se a figura do soberano francês Luís XIII, o Justo, fonte de inspiração para que a capital do Estado Maranhão fosse batizada com o nome de São Luís.

Toda a Magia do Vodun

Ala: 3o Casal de MS e PB

Presidente: Andrezinho e Naninha Fidellys

Quantidade: 2

LIANA (NANINHA), A FILHA DE PELÉ

Cabe à porta-bandeira carregar o pavilhão da escola. Naninha é a terceira porta-bandeira da Beija-Flor de Nilópolis. Com o mastro sustentado pelo quadril e suspenso por uma única mão, é como, mas do que o pavilhão, se ela carregasse toda a escola. O peso da responsabilidade tem a leveza de uma pluma quando ela roda em torno de si mesma distribuindo sorrisos e graciosidade, com toda a exuberância da raça, com toda a sensualidade de sua negritude e, principalmente, com toda nobreza que é conferida por sua ancestralidade.

É a porta-bandeira que, na verdade, carrega pela passarela afora sua comunidade car-

navalesca, que representa uma escola inteira, e às vezes até uma nação. A hipérbole é justificada, no caso, porque a Beija-Flor tem afilhadas na Itália, França e até no Japão. A bandeira da campeã nilopolitana é a primeira e única que Eliana (Naninha) Fidélis Adão, 28 anos, carregou até hoje. Ela tem orgulho disso. É coisa de ancestralidade. As origens de Naninha confirmam. O pai, o compositor Pelé, é um dos autores do samba-enredo "Alice no Brasil das Maravilhas", e a mãe, Valdeia, que integrou a ala das damas e depois das baianas, sempre incentivou seu gosto pela dança, pelo samba e pela azul e branco. A quadra foi sua escola e nos ensaios teve suas aulas práticas.

Já desde "bem pequena", Naninha participou da ala mirim comandada por Aroldo do CAC. Foi alçada ao posto de porta-bandeira durante o carnaval de 94, estreando com "Margaret Mee, a dama das bromélias".

ANDREZINHO NOTA DEZ

André de Souza, 40 anos, é o companheiro, escudeiro e guardião de Naninha. Andrezinho teve como mestre, Adaury, mestre-sala da Lins Imperial. De quebra, como dançarino foi aluno de Ana Botafogo.

Andrezinho Nota Dez, epíteto que recebeu da repórter Glória Maria, nascido no Andaraí, já conquistou todos os prêmios da categoria, desde o Estandarte de Ouro até as moções mais simples e indispensáveis ao



Naninha e Andrezinho

seu talento de bailarino. Dos 20 anos dedicados ao Carnaval, Andrezinho garantiu nove notas máximas. Em sua passagem pela Viradouro, onde desfilou durante 11 anos, Andrezinho encontrou a fama e o sucesso, mas também enfrentou alguns obstáculos. No entanto, confiante em seu talento de mestre-sala, Laíla o recebeu na Beija-Flor. Há dois anos é o mestre-sala de Naninha. Atualmente vivendo uma nova fase, ele se prepara com muita dedicação, ensaios e até malhação para voltar à passarela mais uma vez. "Amo o Carnaval. Eu vivo no ritmo do samba. Sem o samba eu não vivo", declara, agradecendo a força que tem recebido de todos na escola.

A Essência dos Rituais Voduns

Ala: Néctar do Samba

Presidente: Roberto Mangueira e Rosivaldo Colins

Quantidade: 70

O vodun (Divindade de origem Ewe/Fon) é uma tradição religiosa originada na África, que se difundiu com a importação de escravos africanos. No Maranhão, o culto aos voduns acontece na Casa das Minas, onde as voduns recebem um único vodum, ao som de cânticos em língua Jeje, e só dançam quando estão com ele. Durante o transe, os voduns não comem, não bebem, não satisfazem suas necessidades fisiológicas, cantam e dançam com os olhos abertos, e conversam entre si e com os devotos, dando conselhos.

Agotime - A Rainha Feiticeira

Ala: Destaque de Chão

Presidente: Jaqueline Faria

Quantidade: 1

Ritual de Fé da Rainha Agotimé

Ala: 100% Mídia

Presidente: Léo Mídia e Luíz Carlos PS

Quantidade: 70

Nã Agotimé, negra Mina rainha do Daomé, fundou, em São Luís do Maranhão, em meados do século XIX, a Casa das Minas ou Querebentã de Toy Zomadonu, a qual dedica-se ao culto Jeje dos voduns. Nã Agotimé foi esposa do rei Agonglô e mãe do rei Guezô do Daomé, pertencendo à família real de Abomey, e posteriormente trazida como escrava para o Brasil. A pantera negra é o símbolo totêmico do vodun daometano, e simbolizava a rainha Agotime.

Mensageiros Espirituais

Ala: Terreiro de Iemanjá

Presidente: Biné Gomes

Quantidade: 30

Os médiuns são instrumentos de comunicação entre os espíritos encarnados e espíritos desencarnados, entidades e orixás. Dotados de clarividência, intuição e/ou sensibilidade, servem como elo entre o plano espiritual e o mundo terreno. Em São Luís do Maranhão, onde o sincretismo religioso é deveras expressivo, e são numerosas as casas de culto, os médiuns exercem a função de mensageiros espirituais, auxiliando aqueles que buscam reforçar a sua fé, e trazendo mensagens de conforto e paz.

Alegoria 03

"Santuário Místico de Devoção - O Sagrado e o Profano em União"



CAPITAL DA CULTURA

O ENCANTO DAS FESTIVIDADES QUE TE ENFETAM

SETOR 4

Harmonia do Setor: Gilvan e Jorge Pitanga
Compositores: Lopita, Silvio Romai, Carlinho DETRAN, Gilberto Oliveira, Gonzaguinha e Adilson China

O Bailar do Tambor de Crioula
Ala: Mamãe Beija-Flor - Damas
Presidente: Adilson Pedro, Francinete Souza e Rosângela Simões de Oliveira
Quantidade: 100

O Tambor de Crioula é uma dança africana praticada no Maranhão, principalmente por descendentes de escravos, em louvor à São Benedito. As mulheres dançam e se apresentam para os demais brincantes – dirigentes, dançantes, cantadores e tocadores – num bailado marcado por muita descontração.

Na Explosão dos Folguedos
Ala: Vôo Esplêndido
Presidente: Márcio Santos
Quantidade: 70
Nos mais diversos festejos, resplandece a vida das tradições e a beleza dos folguedos. As festas populares, repletas de música, canto, dança, cor e poesia, preenchem o calendário e garantem a animação do povo o ano inteiro; fazendo das manifestações culturais de São Luís, momentos únicos das expressões mais tradicionais, já tão enraizadas na alma da população.

Folclore Multicor
Ala: Baianas
Presidente: Luizinho Cabulosos
Quantidade: 80
O conjunto das tradições, lendas e crenças do povo mestiço e festeiro do Maranhão é retratado através

de danças, provérbios, contos e canções, os quais compõem a cultura popular ludovicense. A ala das Baianas, ricamente vestida com renda de palha de buriti, evolui apresentando seu tradicional bailado, rodopiando e balançando dezenas de fitas coloridas; uma verdadeira explosão de cores, a exibir toda a pluralidade, beleza e magia do folclore de São Luís.

Formosura de Muitas Cores
Ala: Musa das Passistas
Presidente: Charlene Valnice
Quantidade: 1

Bumba-Meu-Boi me Faz Dançar
Ala: Passistas
Presidente: Assis Santos e Aline Souza
Quantidade: 120

No mês de junho, um sentimento bate forte dentro do peito e invade as ruas de São Luís. A festa do Bumba-Meu-Boi é uma tradição que se mantém viva desde o século XVIII; é uma mistura de sons, emoções e cores, que compõem um espetáculo fascinante. Dezenas de grupos folclóricos, subdivididos em sotaques, se revezam em apresentações nos diversos arraiais espalhados pela cidade, reunindo milhares de pessoas para dançar até a madrugada.

O Amo Cantador
Ala: Intérprete
Presidente: Neguinho da Beija-Flor
Quantidade: 1

Sublime Arte Secular do Bordado
Ala: Rainha de Bateria
Presidente: Raíssa Oliveira



Quantidade: 1

O Sotaque Colorido

Ala: Bateria

Presidente: Mestres Rodney e Plínio

Quantidade: 280

Sotaque é o termo usado pelos maranhenses para designar o estilo de cada grupo folclórico que retrata a tradição do Bumba-Meu-Boi. Sotaque de Matraca, Sotaque de Zabumba, Sotaque de Orquestra, Sotaque da Baixada, Sotaque Costa de Mão... Em meio a muitas fitas e pedras multicoloridas, observam-se diferentes sotaques, cada qual com suas características próprias, que se manifestam nas roupas, na escolha dos instrumentos, no tipo de cadência da música e nas coreografias. No carnaval da Beija-Flor em homenagem à São Luís, o sotaque maranhense vai ser representado pelo ritmo preciso e pelo vigor da bateria nilopolitana.

BATERIA

"A cabeça da molecada está ótima. Melhor, impossível!" É assim que Mestre Rodney começa a conversa quando lhe perguntam sobre a bateria da Beija-Flor de Nilópolis para o Carnaval desse ano. Formada por 280 componentes, a bateria da azul e branco de Nilópolis vem com tudo para o desfile de 2012. Segundo Mestre Rodney, a bateria deu início aos seus ensaios há dez meses, treinando regularmente (todas as segundas-feiras) "para que não fique nenhuma aresta para ser aparada. A partir de muitas conversas com o Laíla, chegamos a conclusão de que a escola deve fazer um trabalho bastante sério e permanente com a bateria. Somos a sustentação de toda a harmonia da escola. A partir dessa constatação, de que temos que trabalhar com muito afinco para alcançar algo próximo a perfeição, temos encarado a preparação da bateria de uma maneira muito original. Não focamos apenas nos ensaios, que acontecem às segundas-feiras. Além dos ensaios, que são o tratamento e o burilamento técnico do grupo, estamos trabalhando também o aspecto social, da confraternização, da relação de amizade entre todos. Para que



todos entendam melhor, estamos alcançando um nível de convivência bastante intenso, com partidas de futebol, churrascos e diversos outros encontros. Assim, mais do que componentes de uma mesma bateria, estamos nos tornando amigos. E isso é muito importante para o desenvolvimento dessa bateria, que é uma bateria formada por muitos jovens", relata Mestre Rodney.

Uma bateria jovem, sim, formada eminentemente por componentes da baixada, com algumas poucas exceções, seguindo as instruções do comandante Laíla que propôs fazer da agremiação nilopolitana um celeiro de sambistas, seja como ritmistas da bateria, mestres-salas, porta-bandeiras ou passistas. "O Laíla há muito tempo vem trabalhando conosco essa ideia de construirmos a nossa 'prata da casa'. No início, pudemos contar com o apoio financeiro do seu Anizio, que bancava todas as despesas de infraestrutura, além das passagens e do lanche da garotada. Agora, com a parceria que fizemos com a Petrobras, uma nova etapa começa a ser desenvolvida, já que a Petrobras tem uma estrutura e uma metodologia de trabalho bastante profissional", destaca Mestre Plínio que junto com Mestre Rodney, Pó de Mico e Leo, ministram as aulas de per-

cussão de Carnaval do projeto "Sonho do Beija-Flor", uma parceria Beija-Flor de Nilópolis / Petrobras. As aulas de percussão são destinadas a jovens de todas as idades, mas os alunos de 12 a 14 anos estão mais próximos de representar a azul e branco na avenida. Isso porque, segundo Mestre Rodney, "dos 120 alunos que temos atualmente, alguns levam muito mais jeito do que outros, e por isso se destacam no curso. Esses meninos que se destacam acabam sendo chamados para participar da bateria oficial da agremiação. Já fizemos isso no Carnaval de 2011 e deu muito certo porque essa molecada é bem aguerrida, bem dinâmica. Além de eles darem uma energia nova à bateria, eles aprendem a desenvolver o *feeling* e as técnicas que identificam a escola. Mas tudo isso é resultado de um trabalho diário, focado em resultados e bastante rígido. É da nossa filosofia de trabalho que bateria é mais do que um grupo de ritmistas na avenida: somos a sustentação rítmica dos 4.500 componentes, a sustentação do canto e da evolução. Por isso, nenhum tipo de vaidade ou vontade de aparecer pode ser mais importante do que fazer nosso trabalho direito. Essa garotada já sabe: estamos trabalhando para chegar a ter uma bateria perfeita. E nosso futuro é bem promissor, se consideramos a

experiência de alguns componentes da bateria aliada à juventude e garra de outros componentes. Só não posso deixar de destacar que todo esse projeto, que é também um processo, só tem dado os resultados que vemos porque estamos com um grupo coeso e que fala a mesma língua. Quero fazer uma homenagem a esses parceiros – no sentido mais intenso da palavra – que são os diretores de bateria”, conclui o ritmista.

O Florescer das Festas Juninas

Ala: A Dança dos Colibris

Presidente: Alessandra Oliveira

Quantidade: 80

As festas juninas guardam um caráter de celebração muito particular: A magia, a beleza plástica e o envolvimento apaixonado de quem participa diretamente das apresentações são emocionantes, e estão na alma da população. A grande ópera popular que se instala na ilha tem muitos sotaques, e nos festejos de São João em São Luís, quem dita o ritmo não é o forró, e sim as matracas, as zabumbas e a orquestra, que acompanham as dezenas de grupos de Bumba-Meu-Boi que florescem nos arraiais, ricamente decorados com os característicos balões de São João.

Pai Francisco e Mãe Catirina Entram na Roda

Ala: Ouro Negro

Presidente: Cátia Cristina Sant'Ana

Quantidade: 80

O auto da tradição do Bumba-Meu-Boi é a maior manifestação cultural de São Luís, cujos protagonistas são Pai Francisco e Mãe Catirina, que participam do seguinte enredo: em uma fazenda de gado, Mãe Catirina, grávida, deseja comer a língua do boi. E Pai Francisco, para satisfazer o desejo da esposa, mata um boi de estimação de seu senhor. Quando descobre o sumiço do animal, o senhor fica furioso e, após investigar quem foi o autor do crime, descobre que foi Pai Francisco, e o obriga a trazer o boi de volta. Quando o boi ressuscita, todos participam de uma enorme festa para comemorar o milagre.

O Colorido da Sinhazinha do Boi

Ala: Diamantes Alados

Presidente: Alessandra Oliveira

Quantidade: 70



A festa do Bumba-Meu-Boi é uma tradição que se mantém desde o século XVIII, arrastando maranhenses e visitantes para brincar nos diversos arraiais espalhados por todos os cantos de São Luís, enfeitados com belas bandeirinhas coloridas. Dentre as personagens que participam dos festejos juninos, a sinhazinha é a filha do dono da fazenda, que é assim chamada à título de cortesia, e geralmente se apresenta com vestido rendado e sombrinha, representando a cultura "branca-européia" no Boi.

"Cuidado vaqueiro, esse boi é ligeiro, esse boi é danado!". O Bumba Boi de Nina Rodrigues foi criado há mais de duas décadas por Concita Braga, fundadora e Presidente desse Boi de Orquestra que tem suas vestimentas confeccionadas quase que exclusivamente com materiais artesanais. Apresenta músicas e coreografias contagiantes, além de um elenco de belíssimas índias, fatores que asseguram um público de fiéis seguidores. Afinal de contas, "Nina é, Nina Boi, Nina foi, Nina sempre será, pra sempre tão lindo".



A Vibração das Toadas

Ala: Bumba Meu Boi de Axixá

Presidente: Leila Naiva

Quantidade: 60

O Grupo Folclórico Bumba-Meu-Boi de Axixá é um Boi de Orquestra, fundado em 1959 por Francisco Neiva. Todos os anos, o Boi de Axixá, um dos mais famosos do Maranhão, irradia talento, beleza e alegria, apresentando belos trajes e coreografias bem executadas, o que faz com que seja sempre admirado e respeitado por brincantes e expectadores. Como diz a turma da Bela Mocidade, "Na entrada do terreiro, tu não pode acompanhar, ele é manso mas estranha, tu

Vem Brincar Nesse Arraiá

Ala: Boizinho Barrica

Presidente: José Pereira Godão

Quantidade: 60

O Barrica é mais que um Boizinho, é uma Companhia, a Cia. Barrica do Maranhão. Concebida em função da paixão pelas artes populares de novos artistas do bairro da Madre Deus, a Companhia abrange diversas formas de expressão artística, tais como o canto, a dança, a música, a literatura, o artesanato e o teatro de rua. As indumentárias utilizadas nos espetáculos valorizam o artesanato de fibra vegetal, enquanto as coreografias, são inspiradas na diversidade das manifestações artísticas da cultura maranhense, destacando-se o Bumba-Meu-Boi. A graça e a leveza dos baiantes deve-se ao prazer e à alegria com que se apresentam nos arraiais.

A Sensualidade Orquestrada

Ala: Bumba-Boi de Nina Rodrigues

Presidente: Concita Braga

Quantidade: 60

não pode arriscar. Te arreda da frente! Esse boi famoso, é da fazenda Axixá..."

Eu Quero Ver o Cazumbá

Ala: Boi Unidos de Santa Fé

Presidente: Zé Olhinho

Quantidade: 30

A Associação Cultural do Bumba-Meu-Boi e Tambor de Crioula Unidos de Santa Fé foi fundada em 1988, sob coordenação dos boieiros José de Jesus Figueiredo – o popular "Zé Olhinho", Raimundo Miguel Ferreira e João Madeira Ribeiro. O grupo apresenta belíssimas Brincadas de Roda, onde a famosa personagem Cazumbá não pode faltar.

Batalhão Pesado

Ala: Boi da Maioba

Presidente: Zé Reinaldo

Quantidade: 30

A Maioba é o nome de um arbusto, e também de um dos maiores povoados da zona rural de São Luís, com características indígenas. O Bumba-Boi da Maioba,

de Sotaque da Ilha, tem um jeito festivo de comemorar o São João, "botando o boi na rua" para homenagear o Santo, com os brincantes "maiobeiros" esbanjando espontaneidade nos festejos e nos arraiais espalhados pelos diversos bairros da cidade.

Batalhão de Ouro

Ala: Bumba Boi de Maracanã

Presidente: Humberto de Maracanã

Quantidade: 30

O Bumba-Boi de Maracanã, de Sotaque da Ilha, é uma comunidade centenária localizada na periferia de São Luís (MA). Composto por rajados, índias, caboclos reais, músicos e organizadores, é um dos maiores e mais conhecidos conjuntos tradicionais do Estado do Maranhão. Esse Batalhão de Ouro, forjado com maestria por São João, é conduzido pelo maracá de prata de Humberto.

Diamante Brasileiro

Ala: Boi Unidos de Santa Fé

Presidente: Zé Olhinho

Quantidade: 30

O Boi Unidos de Santa Fé defende a idéia de que, nas brincadas do grupo, é estritamente valioso o

momento de interação entre os brincantes, quando a roda flui naquilo que se denomina pertencente ao povo. Composto por ricos personagens como os Rajados, o Bumba-Meu-Boi Unidos de Santa Fé ganhou destaque na história do folclore do Maranhão e do Brasil, sendo aclamado "Diamante Brasileiro".

Alegoria 04

"Capital da Cultura – O Encanto das Festividades que te Enfeitam"



madalena moura
odontologia

Madalena Moura

CRO: RJ-CD-19691

Tel.: (21) 2439-9806

Av. das Américas, 2901 sl. 106

madalena@madalenamoura.com.br

www.madalenamoura.com.br

O INVEROSSÍMIL IMAGINÁRIO

LUDOVICENSE

SETOR

5

Harmonia do Setor: Leonardo Carvalho
Compositores: Picolé, Marcos Laureano, Jorginho Moreira, Thel Neto, Kléber do Sindicato e Quintino

A Maldição do Palácio das Lágrimas
Ala: Tom e Jerry / Tudo por Amor
Presidente: Rogério Coutinho / Élcio Chaves
Quantidade: 100

Na rua 13 de Maio, em frente à Igreja de São João, havia um casarão de três pavimentos. Diz-se que dois irmãos portugueses foram para o Maranhão em busca de riquezas, e um conseguiu e o outro jamais saiu da pobreza. Cheio de inveja, o irmão pobre assassinou o outro a fim de herdar a sua grande fortuna, já que o irmão rico vivia amasiado com uma escrava e seus filhos, portanto, sem herdeiros legítimos. Após o assassinato e de posse dos bens herdados, passou a maltratar os escravos, inclusive a ex- mulher de seu irmão e seus filhos, agindo com extrema crueldade. Certo dia, quando um de seus sobrinhos descobriu que fora ele o assassino de seu próprio irmão, matou-o após arremessá-lo de uma das janelas. Descoberto o crime, e por ser escravo, seu autor foi condenado à morte na forca, a qual foi levantada em frente ao sobrado. No momento do enforcamento, o condenado amaldiçoou o sobrado através de suas últimas palavras: "Palácio que viste as lágrimas derramadas por minha mãe e meus irmãos, daqui por diante, serás conhecido como Palácio das Lágrimas." E assim o sobrado passou a ser chamado.

A Lenda da Praia do Olho D'Água
Ala: Casarão das Artes / Cabulosos
Presidente: Graça Oliveira / Luizinho Cabulosos
Quantidade: 100

Diz a lenda que a filha do chefe indígena Itaporama se apaixonou por um jovem da tribo, muito bonito. Mas a beleza estonteante do jovem despertou também a paixão da Mãe D'água, que através de seus poderes, conquistou o jovem índio e o levou para seu palácio encantado nas profundezas do mar. Perdendo para sempre o seu grande amor, a filha de Itaporama caiu em grande desolação, parou de se alimentar, e foi para a beira do mar, onde chorou até morrer. De suas lágrimas, surgiram duas nascentes que até hoje correm para o mar, as quais deram origem à Praia do Olho D'Água (MA).

Na Ponta da Areia, Iná Princesa
Ala: As Guerreiras
Presidente: Norma Pereira e Carlos Dantas
Quantidade: 70

Lendas e mistérios povoam o imaginário popular maranhense, e dentre as diversas histórias que habitam o fértil imaginário ludovicense, destaca-se a narrativa fantástica de Iná, a Princesa das Águas, entidade encantada que habita um castelo no fundo da Praia Ponta D'Areia, localizada na Baía de São Marcos, em São Luís.

A Serpente Encantada
Ala: SorrisoZ
Presidente: Marcos Gomes
Quantidade: 70

Segundo a lenda, uma Serpente Encantada que cresce sem parar habita os túneis subterrâneos que cortam o subsolo de São Luís. Existem várias versões sobre a localização das partes do corpo da serpente, embora o endereço mais aceito do animal seja a secular Fonte do Ribeirão. Apesar das suposições, o imaginário popular ludovicense acredita que, no dia



em que a cauda e a cabeça do monstro se encontrarem, a serpente abraçará a ilha, comprimindo-a e afundando São Luís.

A Vitória Lusitana e o Milagre de Guaxenduba

Ala: Kurtisamba

Presidente: Marcus Vinícius

Quantidade: 70

No principal combate travado entre portugueses e franceses em São Luís do Maranhão, no dia 19 de novembro de 1914, diante do Forte de Santa Maria de Guaxenduba, os portugueses estavam prestes a ser derrotados por sua inferioridade numérica de homens, armas e munições, quando surgiu entre eles, uma formosa mulher, envolta em auréola resplandecente. Ao entrar em contato com suas mãos milagrosas, a areia transformou-se em pólvora, e os seixos, em projéteis, fazendo com que os portugueses se revigorassem e derrotassem os invasores gauleses.

Crimes Ocultos pela Manguda

Ala: Pura Raça

Presidente: Edson Reis

Quantidade: 70

No final do século XIX, um fantasma assombrava a região onde hoje localiza-se a Praça Gonçalves Dias, em São Luís do Maranhão. Era a Manguda, uma figu-

ra alva, fantasmagórica, uma espécie de lençol com mangas largas e compridas, e com o rosto dissimulado por uma máscara. Descobriu-se mais tarde, que o fantasma que trouxe pavor e sobressalto à população não passava de uma fraude, e que a brincadeira de mau gosto, na verdade, foi uma invenção de contrabandistas, criada com o objetivo de expulsar as pessoas das ruas enquanto cometiam seus delitos.

Ana Jansen - Assombrosa Tirania

Ala: Espíritos

Presidente: Hilton Castro

Quantidade: 66

Descendente da nobreza européia, Ana Joaquina Jansen Pereira, apelidada de Donana, foi uma rica proprietária de terras, imóveis e títulos de nobreza. Poderosa matrona maranhense, de marcante presença na vida econômica, social e política na São Luís do século XIX, ficou conhecida na cidade pela fama de tirana, em função dos maus tratos, e pela forma desumana com que tratava seus escravos; que mesmo depois de mortos, permaneciam com seus espíritos atormentados, a assombrar as noites de São Luís.

Alegoria 05

"O Inverossímil Imaginário Ludovicense"

A POETIZADA E RASTAFÁRI

ATENAS BRASILEIRA

SETOR

6

Harmonia do Setor: Francisco Flávio e Thiago Moura
Compositores: Adilson Dr, Moacir, Hugo Leal, Kid, Almir Sereno e Wilson Bombeiro

Humano Patrimônio Imortal

Ala: Signus / *Dá Mais Vida*

Presidente: Débora Rosa / Ana Maria Mascarenhas

Quantidade: 100

São Luís, berço de reverenciados e distintos artistas, terra de poetas e prosadores, grande vitrine literária do país. Escritores, versadores, poetas, trovadores, literatos e acadêmicos; compositores anônimos e famosos, altamente gabaritados, são o patrimônio humano ludovicense, e representam a expressão maior da nossa literatura, uma vez que diz-se que em São Luís, se fala e se escreve o melhor português do Brasil.

São Luís Traduzida em Obras Literárias

Ala: Vamos Nessa / *1001 Noites*

Presidente: Tuninho / Luiz Figueira

Quantidade: 70

São Luís do Maranhão, Ilha do Amor, Atenas Brasileira, Cidade dos Azulejos, Capital Brasileira da Cultura... São Luís é uma poesia além da cidade. Dotada de beleza e magia, tem sua história, sua natureza, seu folclore, suas cores e seus sabores descritos em verso e prosa, e traduzidos em obras literárias, revelando-se não só a capital, mas também o poema encantado do Maranhão.

A Oralidade Preservada em Cordel

Ala: Asas Invisíveis

Presidente: Iara Mariano

Quantidade: 70

A Literatura de Cordel é um gênero literário popular

escrito frequentemente na forma rimada, originado em relatos orais e depois impresso em folhetos. Sua origem remota ao século XVI, e o nome deriva da forma como tradicionalmente os folhetos eram expostos para a venda em Portugal, pendurados em cordas, cordéis ou barbantes, e como ainda são encontrados até hoje, pelas ruas e feiras de São Luís. Algumas obras são ilustradas com xilogravuras, e por divulgar a arte do cotidiano, das tradições populares e dos autores locais, a Literatura de Cordel é de inestimável importância para a manutenção das identidades locais e das tradições literárias regionais, contribuindo para a perpetuação do folclore brasileiro.

Atenas Verde e Amarela

Ala: Iridescentes

Presidente: Simone Sant'Ana

Quantidade: 70

Atenas, a capital da Grécia, foi o principal centro cultural e intelectual do Ocidente na Antiguidade. E São Luís, a capital do Estado do Maranhão, ganhou o epíteto "Atenas Brasileira" devido ao fato de que muitos filhos de nobres ludovicenses foram enviados à Europa para estudar – principalmente Coimbra, Paris e Londres. Quando retornavam para São Luís, difundiam o grande conhecimento intelectual adquirido, fomentando a grande efervescência cultural que havia na cidade.

Radiola no Terreiro – A Jamaica Popular

Ala: Sol Brilhante

Presidente: Rosinaldo Vieira

Quantidade: 70

O Reggae é um gênero musical popular que tem origem na Jamaica. O auge ocorreu na década de 1970,

quando o gênero se espalhou pelo mundo, invadindo também o Estado do Maranhão, principalmente a capital, São Luís, onde organizam-se diversas festas ao som do reggae, que emana das radiolas. O som jamaicano ganhou sotaque nordestino, e hoje, é ouvido nos becos, nas ladeiras, barzinhos, eventos e residências e de São Luís, transformando a cidade na "Jamaica Brasileira", a capital brasileira do reggae. Influenciados pelo Movimento Rastafari, muitos reggaeiros adotaram cabelos com dreadlocks e o uso da imagem do Leão de Judá em suas vestimentas.

No Rádio o Reggae do Bom

Ala: Amigos do Rei

Presidente: Presidência

Quantidade: 120

O Reggae é um gênero musical que surgiu na Jamaica, e foi fortemente influenciado pelo Movimento Rastafari; que também di-

fundiu mundialmente o uso de dreadlocks (também chamados só de locks, dreads ou rastas), uma forma de se manter os cabelos numa espécie de penteado que consiste em bolos cilíndricos de cabelo, os quais aparentam "cordas" pendendo do topo da cabeça. Fruto de uma mistura de vários estilos e gêneros musicais (música folclórica da Jamaica, ritmos africanos, ska, rocksteady, calipso...), o reggae retrata, através das

letras das canções, principalmente questões sociais, assuntos religiosos e problemas típicos de países pobres. O ritmo dançante e suave caiu nas graças do povo ludovicense e firmou-se em São Luís, embalando os amantes de boa música.

Alegoria 06

"A Poetizada e Rastafári Atenas Brasileira"



A HISTÓRICA SÃO LUÍS E A ARTE DO GÊNIO JOÃO

SETOR 7

Harmonia do Setor: Marcelo

Compositores: Pelé, Roxinho, Eloyr, Tom Tom, Jair Sapateiro e Júnior

Vira-Latas pelos Becos Coloniais

Ala: É Luxo Só / Camaleão Dourado

Presidente: Nádja Gomes / Waltemir Valle

Quantidade: 100

O Vira-Latas é um antigo bloco maranhense, criado em 1933, por um grupo de cerca de 15 cadetes. Inicialmente, era composto por rapazes da elite local, que frequentavam os grandes clubes sociais da época. Tanto as vestimentas coloridas, estampadas, tipo fofão, adotadas posteriormente por todos os blocos tradicionais maranhenses, como também os grandes tambores de batucada, foram invenções do Vira-Latas.

Foliões pelas Ruas e Salões

Ala: Borboletas / Travessia

Presidente: Nêia Nocciole / Delano Sessim

Quantidade: 70

Os Blocos Tradicionais são grupos caracterizados por um ritmo próprio e fantasias luxuosas, confeccionadas com tecido estampado. Sobre a cabeça, os brincantes ostentam chapéus feitos com penas coloridas, propiciando um bonito espetáculo visual. Esses blocos são marcados pela cadência de instrumentos que acompanham músicas de qualquer ritmo, possibilitando aos foliões, brincar o carnaval com alegria e descontração.

Cruz-Credo, Diabo!

Ala: Deixa Falar

Presidente: Ivone Pinheiro

Quantidade: 70

O Cruz Diabo é um personagem do carnaval antigo das ruas de São Luís. Caracterizado com traje vermelho e uma

grande cruz no peito, uma máscara no rosto, chifres e tridente, a figura espantosa ameaçava quem passasse na sua frente, perseguindo adultos e crianças. Quando parado numa esquina, quem o via se benzia, e dizia: "cruz diabo!"; de onde se conclui que o nome "Cruz Diabo" se originou da exclamação "cruz-credo, diabo!".

Mascarados da Ilha do Amor

Ala: Foco de Luz

Presidente: Mariza dos Santos

Quantidade: 70

Os mascarados são personagens do carnaval tradicional de São Luís do Maranhão, cujas fantasias são inspiradas em luxuosas vestimentas européias. A proposta dos mascarados era aproveitar a folia e brincar o carnaval com muita animação, pompa e elegância. À noite, a animação era nos clubes, e o baile que se tornou mais famoso por sua organização, foi o Baile de Moisés, com as melhores orquestras, uma série de brincadeiras e o clube decorado desde a entrada com figuras carnavalescas.

Alegres Fofões Colorem a Cidade

Ala: Energia do Amor

Presidente: Aroldo Carlos, Evandro Silva, Arthur "da Raça" e Fábio Francisco

Quantidade: 70

Os fofões são figuras tradicionais do carnaval do Maranhão. Como o próprio nome sugere, vestem largos macacões, confeccionados com tecido estampado, além de usarem máscaras esquisitas, estereotipadas, caricaturais, geralmente feitas de massa, papel machê ou papelão, caracterizadas com narizes enormes, além de calombos na frente e bocarra. Solitários ou em grupos, os expressivos fofões invadem as ruas de São Luís no carnaval, e aos gritos de U-la-lá!, colorem a paisagem e alegam os foliões.

Reluz o Teu Futuro em Mineral

Ala: Bem Querer

Presidente: Osvaldo Luiz Corrêa e Wanda Mercedes

Quantidade: 70

A bauxita é uma mistura natural de óxidos de alumínio, classificado tipicamente de acordo com a aplicação comercial. O termo deriva do nome Les Baux de Provence, aldeia francesa onde o minério foi descoberto. Batizado pela Coroa que fundou São Luís, a bauxita é um recurso natural muito valorizado; e no Maranhão, é farta a sua extração, abrindo as portas da capital para o progresso, que de tão desejado pela população, virou motivo de celebração no carnaval, festejando as novas possibilidades de ascensão.

A Cidade dos Azulejos

Ala: Doce Florescência - Baianinha

Presidente: Aroldo Carlos, Patrícia Pinho, Adilson Roberto, Jorge Costa e Graça

Quantidade: 80

São Luís, a capital do Estado do Maranhão, é conhecida como a "Cidade dos Azulejos". Os prédios e os famosos sobrados localizados no Centro Histórico – principal palco do carnaval ludovicense – impressionam pela beleza das fachadas azulejadas, que conservam a tradição e a história de São Luís. Os azulejos, em sua maioria vindos de Portugal, nas cores azul e branco, revestem cerca de 3.500 edificações datadas dos séculos XVIII e XIX que, por seu significado arquitetônico e pela singularidade, foram reconhecidas pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade.

A História que o Tempo Guardou

Ala: Velha Guarda

Presidente: Débora Rosa

Quantidade: 78

No dia 08 de setembro de 2012, São Luís vai comemorar 400 anos de sua fundação. A comemoração pelos quatro séculos de história terá início na Marquês de Sapucaí, com o carnaval elaborado pela Deusa da Passarela. A cidade, fundada por franceses e cujo nome é uma homenagem à Luís XIII, então Rei da França, verá a história que o tempo guardou representada pela nata nilopolitana, a honrosa velha-guarda azul e branco do G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis. Afinal de contas, não há nada mais enriquecedor do que a memória dos mais experientes para que possamos conhecer e registrar a vida cultural da nossa terra.



O Alegre Carnaval de Rua

Ala: Arco-Íris

Presidente: Léo Mídia

Quantidade: 70

O carnaval é uma festa relacionada à idéia de deleite dos prazeres da carne. O termo deriva da expressão em Latim "carnis valles", sendo que "carnis" significa carne e "valles" significa prazeres. O período compreende os três dias que precedem a Quaresma, e é caracterizado por grande divertimento. O carnaval de rua em especial, é caracterizado pela extravagância, espontaneidade e descontração dos foliões, personagens anônimos que adoram se exibir e enchem a festa pagã de alegria contagiante.

O Espírito do Carnaval

Ala: 1o Passista

Presidente: Cássio Dias

Quantidade: 1

Alegoria 07

"A Histórica São Luís e a Arte do Gênio João"

RIO DE JANEIRO

NOSSA CIDADE FELIZ

RICARDO DA FONSECA

Paulo, conte-nos um pouco da sua trajetória até chegar à diretoria executiva do Rio Convention & Visitors Bureau (Rio C&VB). Conte, também, como surgiu o Rio C&VB.

Paulo Senise - Meu início profissional foi como professor de inglês, diplomado pelas Escolas Fisk. Formei-me em Hotelaria e Turismo pela Faculdade de Turismo Centro Unificado Profissional no Rio de Janeiro (atual UniverCidade) com especialização em Gestão de Investimento e Financiamento em Hotelaria pela Universidade de Cornell - Distrito de Ithaca, Nova Iorque, EUA.

Desde 1975, atuo no ramo da hotelaria, com experiência na área operacional, de implantação e expansão de empreendimentos hoteleiros no Brasil, assim como vendas e marketing internacional. Trabalhei em Grupos, como a Intercontinental Hotels, Brascan Hotelaria e Turismo e Accor Hotels. Em 2001, assumi a Diretoria de Vendas e Marketing no Brasil da Starwood Hotels, liderando equipes de Vendas, Marketing e Relações Públicas e desenvolvendo projetos para toda a rede Sheraton no Brasil, além da promoção dos hotéis da rede no Brasil e no exterior. De lá fui para o Rio Convention & Visitors Bureau, onde estou desde o início de 2004.

O Rio Convention Bureau foi criado em 1984, como era tendência na época, visando aumentar o fluxo turístico nos períodos da baixa temporada turística, principalmente através da atração de eventos para a cidade.

Qual a principal missão do Rio C&VB? Quais são os focos (e as estratégias) de atuação?

Paulo Senise - A principal missão do Rio C&VB é o aumento do fluxo turístico de qualquer natureza para a cidade, seja o turismo de lazer, incentivo,

negócios ou eventos. O foco principal é alcançar o profissional do turismo, seja ele brasileiro ou estrangeiro. Para atingir seu objetivo, o Rio C&VB participa de diversas feiras e exposições, nacionais e internacionais, do calendário turístico apresentando o destino Rio e sua infraestrutura.

Uma das forças do Rio C&VB é a capacidade de articulação com os diversos agentes interessados na promoção do turismo. Você poderia dar alguns exemplos da atuação do Rio C&VB que geraram um resultado positivo e concreto para o Rio de Janeiro?

Paulo Senise - O Rio Convention & Visitors Bureau é uma fundação privada, sem fins lucrativos, que reúne entre seus mantenedores os órgãos públicos de turismo, municipal e estadual, além das empresas de diversas categorias e prestadoras de serviços para o turismo, como hotéis, agências de viagens, organizadoras de eventos, etc.

Além de participarem como mantenedores do Rio C&VB, os órgãos de turismo estabelecem parcerias com a fundação para o desenvolvimento de ações específicas. Como exemplo de parceria, podemos destacar o Botequim do Rio, que foi organizado durante todo o período de realização da Copa do Mundo de 2010, na África do Sul, com vistas à divulgação da Copa do Mundo no Brasil e no Rio em 2014. A ação constituiu-se de um bar em ótima localização em Johannesburgo, decorado com fotos e elementos característicos do Rio, que oferecia em seu cardápio comida de boteco e bebidas típicas, como a caipirinha.

Em qualquer parte do mundo a cultura local tem sido tratada como um instrumento de atração e conquista do turista. Nesse contexto, como você analisa os Desfiles das Escolas de Samba, que além

de serem por si só uma manifestação cultural, promovem e divulgam ao mundo outras manifestações culturais através de seus enredos?

Paulo Senise - Os desfiles das Escolas de Samba são uma aula de cultura e história. É impressionante como o cidadão carioca consegue, com os desfiles, apresentar de forma lúdica e criativa a sua história e cultura, e tratar, muitas vezes, de temas controversos e universais. Não é sem razão que o Carnaval carioca é considerado a maior festa popular do mundo.

Qual a importância das escolas de samba e dos desfiles organizados pela Liesa no desenvolvimento do turismo do Brasil e do Rio de Janeiro?

Paulo Senise - O desfile do Carnaval carioca, montado pelas escolas de samba e pela Liesa, é o ponto alto de nossa temporada turística. Além de atrair um grande número de turistas para o próprio desfile, há os ensaios das escolas de samba que também atraem muito, pois ali o turista pode brincar, dançar, participar, aprender o samba, enfim, e não apenas assistir, como na avenida. Através dos ensaios, o turista tem maior contato direto com quem faz o Carnaval e com sua cultura. Com a atual ação das Forças de Segurança e a criação das UPPs, acredito que esse filão pode ser mais bem explorado, com o investimento em infraestrutura para melhorar o acesso e o próprio conforto do turista e dos cidadãos da cidade nas quadras das escolas.

A Beija-Flor, no desfile "Sonhar com Rei dá Leão" (1976) revolucionou o desfile de Carnaval, levando para o público um desfile-espetáculo, com a utilização de grandes carros alegóricos, fantasias e destaques de carro com grandes esplendores... Ano a ano, a Beija-Flor apresenta desfiles de altíssima qualidade, o que a tornou a principal escola de samba do Brasil e primeira colocada no ranking da Liga Independente das Escolas de Samba. Você considera que manter um alto nível de qualidade dos desfiles de Carnaval é essencial para que o turista visite a cidade ou nesse aspecto o turista não é um consumidor exigente, interessado no desfile de Carnaval independente da qualidade e das inovações que traz?

Paulo Senise

Paulo Senise - O Carnaval carioca oferece diversas opções ao turista folião. Temos o Carnaval de rua, os bailes, do Copacabana Palace, por exemplo, e agora o Baile do Rio, e os desfiles. Cada um oferece um atrativo diferente para brincar o Carnaval. No caso do Desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial, o atrativo principal é o grande espetáculo visual que as escolas apresentam em sua passagem pela passarela do samba. Portanto, a qualidade e as inovações apresentadas não só são bem-vindas, mas é uma exigência para que, a cada ano, o turista tenha a certeza de que vai assistir a uma nova apresentação, sempre criativa, bela e única.

Você gostaria de deixar alguma mensagem para os nossos leitores e para os foliões do Carnaval carioca?

Paulo Senise - É sempre um prazer entrar em contato com o folião, com o amante do Carnaval, pois eu mesmo faço parte desse grupo. Assistindo a expressão daqueles que fazem o Carnaval e participam dele, posso afirmar que não foi à toa que a Revista Forbes apontou o Rio de Janeiro como a Cidade Mais Feliz do Mundo. Nosso Carnaval nos provoca essa alegria e descontração, não encontradas em destino turístico algum do mundo. Vamos brincar, vamos curtir o nosso Carnaval, pois isso por si só já é um grande espetáculo e um grande atrativo para aqueles que nos assistem.



O CHÃO BEIJA-FLORES

ARTE E MAGIA NA AVENIDA

JULIANA PRADO



Eles entram eufóricos na silenciosa sala de entrevista no barracão da escola. Mesmo que um pouco ressabiados. Não demora e já transbordam um discurso de respeito, dignidade e amor pela sua bandeira. Atravessam a porta da sala onde está sendo feita a entrevista para falar da Beija-Flor de Nilópolis com um misto do orgulho e da energia com que dobram a esquina da rua do "concentra" com a Marquês de Sapucaí nos dias mágicos de Carnaval.

As moças vêm de unhas azuis (ou azul e branco, naqueles casos extremos de paixão em que não há mais remédio algum por aí). Os rapazes chegam com a camisa da escola vestindo o corpo como se fosse um troféu - ou um valioso estandarte.

Os componentes da Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis são mesmo gente cheia de orgulho.

Diferentes entre si, no pensar, na profissão e no perfil, mas iguais na hora de falar da apaixonada relação com a escola. Iguais na hora de defender as suas cores na avenida. Fazem parte do sagrado "chão" da Beija-Flor de Nilópolis, aqueles que batalham o ano todo para fazer na Sapucaí um espetáculo mágico e contagiante.

E a paixão é tão grande que os integrantes da comunidade não se importam em seguir à risca os protocolos e as rígidas regras definidas pelo Laila e pela administração da Beija-Flor de Nilópolis. Tudo para chegar à perfeição e ao apuro técnico do sonhado dia do desfile. "No momento em que a gente nasce, em que vê a luz da vida pela primeira vez, já começa a ser regrado. Regras são fundamentais para se ter um bom desempenho", nos ensina o administrador Gerson Fonseca, há cinco anos componente da escola de Nilópolis.

E para tudo dar certo é preciso mesmo gastar sola de sapato nos ensaios semanais em Nilópolis. E sem pestanejar. Toda eloquente e orgulhosa do seu papel como componente, Maria Lúcia Couto, dez anos de chão de escola, é taxativa: "a gente tem que seguir os horários, as vestimentas, o comportamento, mas é tudo em prol daquele esplendor todo... Quando a gente explode na avenida, qualquer insatisfação fica pra trás, e o que permanece é a alegria e o orgulho de defender a Beija-Flor no desfile".

UM ORGULHO QUE CONTAGIA. E QUE GANHA CARNAVAL

Sim. Fica tudo para trás, e permanece o orgulho de defender a agremiação nilopolitana. E permanece o orgulho de mostrar para o mundo um Carnaval único, vibrante e inesquecível.

Um orgulho que transforma pessoas comuns em mágicos mensageiros da alegria alterando a paisagem da Marquês de Sapucaí: "Não sou Beija-Flor, mas gosto muito de assistir o Desfile das Escolas de Samba. Sempre que a Beija-Flor entra na avenida já espero um desfile maravilhoso. Os componentes da escola, quando entram na Marquês de Sapucaí, transformam a noite. É como se eles viessem com mil volts de energia... e contagiam a gente, independentemente da escola que torcemos", conta Luiz Antonio, morador da Tijuca e torcedor de uma agremiação do bairro. E não é só o Luiz Antonio que tem essa sensação de mudança nos ares da Sapucaí com a entrada dos componentes da Beija-Flor na avenida. O observador um pouco mais atento

pode conferir que o público presente nos camarotes, nas frisas e nas arquibancadas vibram de uma maneira especial com o desfile da Beija-Flor. Não há

como não se emocionar e não se envolver com o desfile que esse povo da baixada realiza.

E os especialistas também são quase unânimes (o que, segundo o dramaturgo Nelson Rodrigues, é um bom sinal): o chão da Beija-Flor de Nilópolis faz a diferença. "A empolgação, o cuidado com que se preparam e desfilam, a criatividade, a leveza e a beleza, a harmonia e o ritmo, o canto afinado e a emoção transbordante não deixam dúvidas de que o chão da Beija-Flor de Nilópolis sustenta toda a escola durante o desfile. E o público também. Cada componente brilha na avenida como em nenhum outro lugar que já tenha ido", analisa a comentarista e carnavalesca Maria Augusta Rodrigues.

MÁGICA CONFUSÃO

Mas esse brilho e energia que transborda dos componentes é resultado de um trabalho árduo realizado bem longe dali, dos palcos da Sapucaí.

Como os verdadeiros reis desta mágica e organizada confusão chamada Carnaval, os componentes seguem, nos ensaios semanais realizados na quadra da agremiação, na Rua Pracinha Wallace Paes Leme, o



rumo ditado pelos diretores das alas de comunidade, atentos a cada detalhe, a cada movimento. Afinal, cada um dos 4.500 componentes da escola será responsável por abrilhantar a maior festa do país – e

considerada o maior espetáculo popular do planeta. Com tanta responsabilidade correndo nas veias, não dá para deixar a bola cair.

É nesse contexto que surgem histórias como essa, contadas pela componente Valéria Teixeira, que buscam explicar o inexplicável: "Durante os ensaios do ano passado houve uma coisa que me emocionou muito. Emocionou a todos nós que estávamos lá na quadra da escola. Estávamos ensaiando, cheios de gás e disposição, quando de repente a luz acabou. Por alguns instantes aquele silêncio, resultado da surpresa e do inesperado. Mas em frações de segundos a bateria, sob a batuta do Mestre Rodney, não titubeou e continuou a tocar. No meio do blecaute, do breu total, a comunidade levou os ensaios até às duas horas da manhã só no gogó, sem o Neguinho da Beija-Flor poder cantar. Sem nada. Foi uma emoção grande, ninguém parava, ninguém ia embora. E o ensaio comendo solto. Quando eram três e pouco da madrugada, a luz voltou. Foi quando o Laíla visivelmente surpreso, mas feliz, agradeceu o empenho

ditas pelo Laíla e nos abraçamos. Foi muita energia que circulou por ali. Aí o Laíla nos liberou. Foi um momento de muita emoção mesmo, que guardo no coração com muita saudade."

ORDEM NA BAGUNÇA – OU ORDEM PARA NÃO TER BAGUNÇA...

Pois é com muita ordem e responsabilidade que a escola segue, desde os primeiros ensaios em Nilópolis, em agosto, a meta de estar entre as melhores escolas de samba no meio das luzes e da magia da Sapucaí. E para pôr ordem na bagunça os diretores são estratégicos. Para o diretor teatral Hilton Castro, dez anos de "casa", o que faz da Beija-Flor o que ela é hoje é a comunidade. "Já colocaram na imprensa que a escola é um rolo compressor. É rolo compressor por causa dessa comunidade. Eu acho que a vitória da Beija-Flor, de verdade, é o chão da escola".

Para Hilton, a organização, associada à recorrente "sede de título", faz a agremiação entrar no "ringue" para valer, e mostrar na avenida o resultado da dedica-

ção e entrega nos inúmeros ensaios realizados ao longo do ano. "A escola e a comunidade vêm sempre com tudo, cantando o samba na ponta da língua, o chão vibrando. Isso é fundamental".

Alguém duvida?

Já o nilopolitano Márcio dos Santos, presidente das alas de comunidade – o chão da escola – desde 1995, não descarta a importância da disciplina e do insistente treinamento para um desfile com o padrão Beija-Flor. Não deixa, no entanto, de lembrar o universo místico que envolve os ensaios e, principalmente, os desfiles no sambódromo. Segundo

Márcio, existe uma energia que envolve cada componente, do mais tímido ao mais extrovertido, transformando-os numa peça pulsante de um organismo único. De onde vem essa energia? "Eu confesso que não sei falar dessa energia. Eu sou espírita umbandista e tem uma entidade no meu centro que fala que não me conhece, que não sabe como eu consigo



de todos os componentes que permaneceram naquele ensaio, chamando a nossa atenção para aquele momento que criamos. Antes de dispersar o grupo o Laíla disse a todos nós: 'Minha gente, só quem tem o samba e a Beija-Flor no coração faz o que vocês fizeram hoje. Isso é mais um sinal de que na Sapucaí a nossa escola vai brilhar.' Aplaudimos as palavras

fazer tanta coisa e continuar em pé, acordado, não sei... Deus é quem sabe. Deus me deu uma coisa, e eu faço. Não sei explicar de onde vem essa energia. Mas sei que quem ama faz. E faz bem feito. Sem amor não se faz nada perfeito. Tem coisas que a gente não consegue responder. Só estando lá. Para sentir, então, o que a gente sente...", confessa emocionado.

ESSA GENTE QUE VEM DE LONGE... ESSA GENTE QUE VEM DE PERTO...

"A Beija-Flor pode ser considerada uma nação, com integrantes com as mais variadas diferenças, pessoais, profissionais e financeiras. São componentes de diversos bairros, de diversos municípios do Rio, uns bem situados financeiramente, outros mais pobres, e a gente consegue reunir todos eles e fazer com que todo mundo seja igual. Não há diferença. Isso é uma das coisas que fazem com que a escola tenha esse rendimento na avenida. Faz parte de um somatório de coisas," diz Marcio.

"Eu digo que sou cidadão nilopolitano". É assim que o cozinheiro e vendedor Manoel Messias Campos, morador de Jacarepaguá, define sua relação de paixão com a escola de Nilópolis. Indo para o desfile e o quinto desfile neste ano, ele é um dos muitos e muitos componentes da agremiação que fizeram laços na comunidade, mesmo vindo de longe. "Na Beija-Flor não importa

onde você mora. Pode ser em Manilha, Pedra de Guaratiba, ou no Espírito Santo. Se você gostar da escola, for até lá, fizer sua inscrição e participar dos ensaios você será parte da comunidade".

E como muitos dos nascidos no quintal da escola, Messias também não foge da luta quando o assunto em pauta é a sua azul e branco. O sangue é capaz de ferver se ouvir alguém falando mal de sua escola. "Se passar em algum lugar e ouvir alguém falando mal pode saber que vai ter briga, porque eu vou revidar". Outra adoção que "vingou" foi a enfermeira Andréa Caetano de Souza, 28 anos de Beija-Flor, mesmo tendo morado sempre na Barra da Tijuca. "Aos 12 anos de idade, minha prima me levou na quadra pra conhecer a escola. Foi quando eu me apaixonei", conta a componente, que desfila na escola desde os 13 anos e fala como quem fosse nascido e criado na família: "A Beija-Flor pra mim é mágica. Todo ano é um encanto diferente".

Mas a agremiação nilopolitana não está só nos corações da vizinhança. No município



de Nilópolis, berço da agremiação, podemos encontrar apaixonados torcedores e dedicados componentes como a jovem Raissa Cristina Menezes de Oliveira. Raissa Cristina nasceu e cresceu em Nilópolis, e desde pequena é apaixonada pela Beija-Flor. Ela conta que sempre gostou de ver na televisão o desfile das escolas de samba. "Sempre gostei de Carnaval, e minha paixão desde criança era a Beija-Flor. Eu ficava perturbando a minha mãe para me levar no ensaio da escola, até que um dia ela me levou. Foi um dia inesquecível. Aquela escola, as pessoas, o samba... Chequei e fiquei. E estou aqui até hoje", conta, emocionada, a jovem foliã que fez parte da ala de passista mirim com oito anos de idade e que, por seu amor e dedicação à agremiação nilopolitana, conquistou um posto de grande importância na Beija-Flor: Rainha de Bateria.

"Na verdade, eu nunca me imaginei como Rainha da Bateria, ainda mais de uma escola como a Beija-Flor (risos). Sempre vi que as rainhas eram atrizes, modelos, "mulatões"... Mas esse diferencial da Beija-Flor, de apostar na sua comunidade, me deu essa oportunidade. Mesmo assim, nunca passou pela minha cabeça de menina ter um posto tão importante dentro da escola. Eu sempre via a Sonia Capeta, que era a Rainha da Bateria antes de mim, e via como ela tinha presença, como sambava, como transbordava alegria na avenida. Achava tudo lindo e tinha (e tenho) um enorme respeito e carinho por ela. Por isso mesmo, não pensava ser Rainha tão nova; o meu objetivo foi sempre desfilar na minha escola de coração."

Ganhadora do concurso "Pé no Futuro" da TV Globo com 11 anos, Raissa conquistou o direito de representar a maior escola de samba do mundo como Rainha de Bateria. "Foi muita emoção. Foi lá que tudo começou. Lembro que no meu primeiro ano como Rainha (Carnaval de 2003) eu tinha 12 anos e chorava muito. Eu não queria ir para a frente da Bateria. Eu só queria ficar na ala de passista porque estava acostumada com as minhas amiguinhas da ala. Com o decorrer do tempo eu fui crescendo, amadurecendo e entendendo a importância do posto de Rainha da Bateria e a responsabilidade que me passaram. Hoje eu amo de paixão o que eu faço e tenho muita honra de representar a Beija-Flor."

É o amor e a energia do nilopolitano pela agremiação que motiva, transforma e cativa. "Eu fico brincando que no dia que eu deixar de ser Rainha de Bateria vou ficar na Ala das Baianas ou na Velha Guarda (risos). Mais eu nunca vou deixar de sair na minha escola, independente de qualquer coisa, pois tudo o que sou

e tudo o que eu conquistei só foi possível por causa da Beija-Flor, do meu tio Laila e do meu tio Anizio, pois depositaram uma enorme confiança em mim e acreditaram no meu trabalho.

E sou muito grata a todos eles, e a minha dedicação é uma das formas de agradecer a eles e a todo o povo nilopolitano e da baixada que torcem por mim e pela Beija-Flor. Hoje vivo um sonho nessa escola mágica que é a Beija-Flor."

A MAGIA DO TEMPO

Quem também acredita, com toda propriedade, que a Beija-Flor é uma escola mágica é Márcio Silva dos Santos: "Existem coisas aqui que ninguém nunca vai explicar. Esse amor, essa fiel paixão pela escola". E Márcio tem razão. Afinal de contas, é realmente difícil, por exemplo, entender como uma pessoa pode passar mais de 50 anos de sua vida desfilando na mesma agremiação.

Que o diga a doméstica Ivete Nunes de Lima, 52 anos de escola e 62 de vida: "Aquilo ali é o máximo! Quando chega na avenida a gente esquece de tudo, do sono, do cansaço, as pernas não doem... Sou apaixonada pela Beija-Flor. É só alegria, alegria, alegria!" O pessoal não brinca mesmo em serviço quando a ideia é preencher os quesitos "longevidade e fidelidade à azul e branco" que, aliás, completou no Natal de 2011 seus "seis ponto três" em plena forma. A doméstica Jane de Andrade é outra que não sabe o que é separar a vida da Beija-Flor. Ela passou 33 dos seus 43 anos defendendo a bandeira de Nilópolis no chão da agremiação. E se arrepia só de começar a falar na escola: "Fui crescendo assim (no meio dos ensaios). É um amor... Tanto que eu não consigo desfilar em outra escola. Tenho amigos que me convidam para outras escolas, mas não dá. Eu amo demais. Carnaval pra mim é Beija-Flor".

Ainda bem que paixão não exige formalidades e escrituras do tipo "contrato assinado com as cem razões" ou "os dez motivos compreensíveis para existir". Nada. Paixão é coisa para ir acumulando absurdos mesmo, produzindo números irrealistas e estatísticas mirabolantes. E deve ser pela paixão que ao ouvir a banal pergunta do outro lado da mesa – "E aí, até quando vai desfilar pela Beija-Flor?" – a integrante não vacila: "Até morrer!"

É claro. Ninguém imaginou algo diferente dessa gente que, trocando em miúdos, mais se parece com um belo e ordeiro bando... de beija-flores.

MINHA ESCOLA CAMPEÃ!

VICENTE DATTOLI

Todos os anos, os desfiles das escolas de samba vêm cercados de grandes expectativas.

Que novidade aquele carnavalesco irá preparar? Qual será a paradinha que o diretor de bateria vai apresentar? Quantas e quais escolas irão exibir algum tipo de efeito especial? Que samba-enredo irá fazer mais sucesso junto ao público?

Estes detalhes, que para muitos são pequenos, representam boa parte da magia deste que é considerado o maior espetáculo da Terra.

Este ano, porém, a grande novidade não vai estar nos cerca de 700 metros da pista de desfiles. Mas estará margeando a pista. A grande novidade está sendo erguida, desde abril, movimentando operários e corações: a ampliação do Sambódromo.

Com o apoio da Prefeitura do Rio de Janeiro foram erguidos quatro novos módulos de arquibancadas especiais, além de novas frisas e camarotes – se bem que, neste caso, a quantidade até diminuiu. Mas o conforto, sem dúvida alguma, aumentou.

Esta obra, que como diversas outras que acontecem simultaneamente estão alterando a nossa cidade, tem um componente diferenciado para o coração do carioca.

O chamado legado, tantas vezes dito e repetido para justificar os transtornos que qualquer tipo de modificação urbana provoca, passa, por vezes, distante do cidadão comum. Isso não acontece com o Sambódromo.

A relação afetiva, de cumplicidade, que envolve o carioca com a Passarela do Samba jamais permitirá que qualquer coisa que ali seja feita passe distante dos nossos olhos e, principalmente, dos nossos corações. Experimente perguntar a qualquer pessoa que já tenha desfilado qual foi a emoção que sentiu quando

ouviu o grito de guerra do intérprete de sua escola de samba? Questione se as pernas tremeram quando cruzou a linha do início do desfile ou quando passou pela primeira cabine de julgador. Todas estas emoções – e muitas mais – ficaram para sempre marcadas em quem um dia já passou pelo Sambódromo.

Este ano, o público será maior. De 1984 a 2011 eram cerca de 60 mil espectadores por noite de espetáculo. A partir de 2012 serão, pelo menos, 72 mil e quinhentas pessoas com as emoções afloradas, esperando pela entrada desses artistas anônimos que se apresentam na maior ópera popular a céu aberto do planeta.

Os desafios para carnavalescos e desfilantes serão muitos.

Para os artistas, estará em jogo todo um sentimento de como se faz Carnaval. Haverá mudanças na volumetria das alegorias para que elas continuem causando o mesmo impacto visual. Para os diretores de bateria e intérpretes, a dúvida será como o som irá se comportar, ou melhor, como eles farão para que os sons, das vozes e dos instrumentos, cheguem ao público de forma forte e impactante. E para os componentes... Bem, estes estarão ali para, mais uma vez, viverem todas as emoções de ouvir o grito de guerra do intérprete, serem saudados pela massa que se comprime no setor 1, atravessar a linha de início de desfile, olhar fixamente para o julgador de cada uma das cabines.

E, de quebra, viver uma emoção única: participar da inauguração do novo Sambódromo, fazer parte desta história.

Felizmente eu estarei lá, como estive em 1984 e pude ouvir as arquibancadas gritarem "é campeão" para a minha escola de samba favorita.

Desde abril de 2011, a Beija-Flor de Nilópolis tem um novo presidente, eleito conforme o estatuto da agremiação nilopolitana: Nelson Alexandre Senas David. Empresário, Nelsinho é pai de David (12 anos) e de Julia (9 anos), filho do saudoso Nelsinho Abraão David com Marlene, e irmão de Marcia e Alexandra.

Sucedendo o advogado Farid Abrão, que conduziu a agremiação por quatro mandatos consecutivos, Nelson faz questão de elogiar a administração anterior, do "tio Farid, que soube conduzir com disciplina e organização as questões pertinentes a uma administração, dando uma importante contribuição à Beija-Flor de Nilópolis", revela. Nelsinho não abre mão, no entanto, de destacar a necessidade da renovação: "Toda administração precisa se reciclar e observar as coisas sob outras óticas para se adequar a tantas mudanças que estão

NELSINHO DAVID

PRESIDENTE

ocorrendo na sociedade moderna, inclusive no comportamento do cidadão. Nenhum de nós abre mão de uma filosofia que norteie a escola. Aliás, foram meu pai e o tio Anizio que deram esse rumo à escola, quando assumiram a Beija-Flor. Tio Farid e tio Jacob deram continuidade a essa filosofia, porém imprimindo suas formas de pensar e agir. E isso foi muito importante. Farei o mesmo: sigo a filosofia humana e solidária que meus tios construíram, mas imprimindo a minha personalidade e a minha forma de ser, e tenho certeza de que vamos continuar crescendo e sendo a principal escola de samba do mundo".



Nelsinho, como foi o seu começo na Beija-Flor de Nilópolis?

Nelsinho – Eu comecei a me entrosar na escola com seis anos, em 1978, no ano do tricampeonato da escola com o enredo “A criação do mundo na tradição Nagô”. Meus pais se dedicavam à Beija-Flor, cada um da sua maneira e, por isso, frequentava com eles a escola. Lá eu via a minha mãe e as irmãs dela com a tia Jane e outras amigas fazendo fantasia, e eu achava aquilo muito legal. Noite e dia, elas fazendo as fantasias, as próprias fantasias delas. Via também meu pai correndo para lá e para cá, indo ao barracão, à quadra, falando, orientando. Eu cresci vendo tudo isso, e foi despertando em mim uma paixão pela Beija-Flor. O amor à Beija-Flor está no sangue também. Desde meu avô José Rodrigues, que foi presidente da escola.

Apesar de já existir uma forma de administrar as coisas da Beija-Flor, você se propõe a fazer mudanças. Você pode explicar melhor isso?

Nelsinho – Quem olha de fora pensa que a Beija-Flor sempre foi essa força no Carnaval. Houve uma época em que a agremiação passou por grandes dificuldades, não só financeira mas também de identidade com a comunidade. Como consequência, a comunidade, bem mais precioso da Beija-Flor, estava se afastando. Tio Farid assumiu, então, a presidência em 1994, e eu a vice-presidência. Com uma tremenda administração nós resgatamos importantes valores e ideias. Movimentamos a quadra promovendo vários shows, realizando muitas coisas importantes para a comunidade de Nilópolis. Com a colaboração do Joãozinho Trinta e a volta do Laila, demos para a comunidade de Nilópolis um lugar onde podiam se encontrar, tomar uma cervejinha ou refrigerante, dançar, cantar o seu sambinha, levar os filhos para brincar. Enfim, oferecemos dignidade à Beija-Flor e à comunidade.

Com essas melhorias, ninguém pensou em trocar o comando da escola, localizada ali na Pracinha Wallace Paes Leme. Então, o que os associados com direito a voto fizeram? Conhecendo a qualidade e a dedicação do trabalho desenvolvido por nossa família nas administrações, foram nos prestigiando com a sua confiança. E a família, com todo o amor pela comunidade de Nilópolis e pela Beija-Flor, continuou transformando a escola em um grande clube. Hoje estou levando o trabalho dele adiante, mas trazendo uma marca de jovialidade e, obviamente, novas ideias. Mas manterei os princípios que sempre nortearam o trabalho dos meus tios e também do meu pai: fa-

zer sempre o melhor pelo nilopolitano e pela Beija-Flor. Mas para atingir esses resultados tenho a minha forma de trabalhar. Uma das primeiras ações que realizei foi a nomeação de uma jovem e competente equipe de trabalho que irá me apoiar e dar andamento às demandas que precisam ser solucionadas. Instalei um departamento de marketing profissional para planejar as ações da agremiação dentro de um formato moderno, profissional, ajustado aos padrões da atualidade e que valorize a competência nas ações através de um planejamento eficiente. Com isso, vamos revolucionar a Beija-Flor através de novas ações responsáveis e de utilidade pública. E quem vai ganhar muito com isso é o nilopolitano, o morador da baixada fluminense e todos aqueles que têm um carinho especial pela Beija-Flor.

Quais são os seus focos de ação?

Nelsinho – Vários. A Beija-Flor é uma grande empresa, com seus produtos principais e secundários. Como presidente tenho que coordenar os esforços para suas diversas ações. Temos metas como agremiação de Carnaval que disputa títulos no Desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial. Essas metas, e os meios para alcançá-las, são diferentes das metas da Beija-Flor como clube, que deve oferecer ao associado ótimas instalações. Mas a Beija-Flor é também uma entidade de utilidade pública, e temos que cuidar dos projetos sociais. Temos metas e estratégias diferentes para as atividades esportivas e artísticas oferecidas aos nossos jovens e crianças. Futebol, voleibol, natação, jiu-jitsu, futsal, bateria rítmica, dança de passistas e de mestre-sala e porta-bandeira, enfim, diversas atividades que geram compromissos com a sociedade e que exigem de nós uma administração organizada e diferenciada. Além disso, a Beija-Flor realiza shows nos mais variados eventos no Brasil e no mundo. Estamos com uma agenda sempre cheia, onde, novamente, a organização da escola é fundamental. Estou dando uma visão geral dos desafios que uma administração assume quando é eleita. Outras situações e responsabilidades, as quais posso não ter lembrado, estão no cotidiano de quem administra uma agremiação que conta com mais de 2 milhões de torcedores ou simpatizantes.

E isso assusta você?

Nelsinho – Não, de maneira nenhuma. Aprendi desde cedo com meu pai a assumir desafios. Além disso, conto com o apoio da minha equipe e do tio Farid, que tem uma importante experiência na administração da escola. E se não bastasse tudo



isso, ainda conto com toda a sabedoria e experiência de vida do tio Anizio. Ele é uma pessoa diferente das outras. Ele é capaz de ver mais a frente, de identificar as verdadeiras razões de alguns acontecimentos. Portanto, seus conselhos são muito importantes.

E para o começo do ano de 2012? Alguma ação já planejada será realizada?

Nelsinho – Sim. Algumas bem legais. Uma delas é a volta dos pré-carnavalescos da Beija-Flor. É uma reivindicação do moradores de Nilópolis, dos frequentadores da quadra e dos foliões que me encontram nas ruas.

Você falou que era uma reivindicação do cidadão. É comum você ouvir as pessoas a respeito da agremiação?

Nelsinho – Eu escuto as pessoas nas ruas sem nenhum problema. É importante ouvir e entender a visão delas sobre as questões relacionadas à Beija-Flor. Quem quiser falar comigo pode ir lá na quadra. Estou lá todos os dias úteis a partir das 14 horas. Digam o que pensam, o que a Beija-Flor está precisando e o que está faltando para estudarmos cada caso e providenciarmos a solução. A gente quer ver a felicidade do povo.

Você gostaria de deixar alguma mensagem?

Nelsinho – Sim. Gostaria de deixar duas mensagens. A primeira também diz respeito a vocês, editores da revista. Tenho que dar parabéns a vocês por todo o trabalho que estão realizando. Vocês estão homenageando pessoas que eu já havia me esquecido delas. E também pessoas que eu não conheci, porque eu era muito criança. Eu vejo vocês homenageando essas pessoas do samba da antiga e da Beija-Flor, e isso é muito bom. Além do mais o que vocês colocam na revista. São tantas coisas que a gente lê e aprende... "fulano" foi da escola, e fez isso e aquilo... Você e a revista estão de parabéns. E por tudo que a revista oferece aos leitores, a primeira mensagem é para que as pessoas peguem, leiam e guardem o seu exemplar da revista. O que está aqui dentro é um tesouro que talvez alguns poucos ainda não tenham reparado.

E a outra mensagem?

Nelsinho – Eu escuto as pessoas falarem que a Beija-Flor é uma escola de nariz em pé, que ganha o Carnaval injustamente, entre tantas outras coisas. Elas estão enganadas. Tem gente que não gosta da escola. Antes de falar mal da Beija-Flor, essas pessoas deveriam conhecer o que a escola faz. Ver o componente suando a camisa, ir aos ensaios na escola. Nossos ensaios às quintas-feiras, que nós realizamos há vinte e cinco anos, são maravilhosos. Pessoas que nunca foram à Beija-Flor, amigos meus e artistas que foram pela primeira vez falam até hoje da Beija-Flor. Então, quero convidar essas pessoas que não acreditam na Beija-Flor para que venham para a comunidade, venham participar da escola e do desfile. Venham ver, venham conhecer. A escola não é isso que vocês estão pensando. Nossa escola é humilde, um bloco de Carnaval que se transformou em escola de samba através do trabalho de pessoas honestas que estão aqui para suar a camisa por amor à escola.

NOVOS TEMPOS

KARLA LEGEY

A chegada de Nelsinho à presidência da Beija-Flor já era esperada por muitos dos seus amigos, que tinham a exata noção do que o filho de Nelson Abrahão David poderia realizar em favor agremiação nilopolitana.

A gestão ainda é recente, mas nesse primeiro ano Nelsinho iniciou uma real revolução na estrutura da Beija-Flor, com a instalação de uma equipe profissional especializada em marketing e negócios.

Para assumir a coordenação dessa equipe, chamou seu amigo e competente marqueteiro Antonio Marcos Barreto, que como uma das primeiras ações mostrou que entende do seu negócio. "Quando Nelsinho me chamou para colaborar com a profissionalização da área de marketing e planejamento da Beija-Flor fiquei muito honrado com seu reconhecimento e mais feliz ainda porque tinha certeza de que poderia dar importantes contribuições à azul e branco. A primeira coisa que fiz foi montar uma equipe competente e de confiança. Uma equipe pequena, afinal, o que precisamos é ser profissionais e eficazes, e isso não tem nada a ver com tamanho. Aprovada a equipe, a primeira ação que implementamos foi, sem dúvida, a mais importante em termos de marketing e imagem: com o apoio do presidente Nelsinho, disparamos um comunicado interno informando a todos os integrantes e colaboradores da Beija-Flor que a partir daquele dia na agremiação só haveria uma única logomarca, e que todas e quaisquer outras marcas ou desenhos que representassem o GRES Beija-Flor de Nilópolis deveriam ser abolidas. Apresentamos a logomarca nova, que é muito bonita e cria, assim, uma importante identidade visual", declara Antonio Marcos.

E quem conhece bem marketing sabe do que Antonio Marcos está falando. Não é possível trabalhar a força de uma marca se a própria entidade ou empresa não sabe o valor que ela tem. E a unificação de uma marca é, sem dúvida nenhuma, o primeiro grande passo para a valorização de uma marca. Segundo Antonio Marcos, a partir do fortalecimento da marca "Beija-Flor de Nilópolis" outras ações estarão sendo implementadas gradualmente, com o objetivo de capitalizar a agremiação e, principalmente, atender com mais qualidade a nação Beija-Flor, que ultrapassa os limites do município, tendo admirado-

res e torcedores em todo o território brasileiro e no exterior. "O que queremos é atender com agilidade e variedade nossos torcedores, agregando um nível maior de qualidade em nossos produtos e serviços. Um exemplo disso é a coleção de camisas Beija-Flor Retrô, que vai ao encontro dos anseios dos torcedores da nossa escola, que sempre quiseram vestir camisas da agremiação feitas com um material mais nobre. E foi isso o que fizemos: criamos uma coleção, toda em algodão, que homenageia os títulos de campeã da escola. É uma ação pontual. Bem sucedida, mas pontual. Estamos planejando diversas outras ações para serem executados nesse e nos próximos anos. Sempre em favor da Beija-Flor, dos seus torcedores e parceiros", conclui Antonio Marcos.





BARRACÃO

OS FABRICANTES DE SONHOS

MIRO LOPES

Existem pessoas que dispensam apresentação. No caso de um trabalhador, que prepara uma escola para o desfile, mesmo que sua atividade e sua produção falem por si, essa apresentação se impõe, até por uma questão de justiça.

Muito mais do que centenas de peças de esculturas para as alegorias, milhares de objetos para a decoração dos carros, outros tantos acessórios, grandes ou pequenos, para a confecção de fantasias e adereços, a produção fantásticamente exuberante, grandiosa e complexa de um desfile de escola de samba envolve uma mão de obra qualificada, seja pela experiência, seja pela vocação. Pessoas simples, modestas, alegres e principalmente trabalhadoras, tão diferentes em suas preferências pessoais e tão iguais em sua dedicação e profissionalismo. São trabalhadores que gostam do que fazem, e fazem bem feito, pois se afinam com o objetivo final: levar a escola sempre ao pódio.

CRISTIANO, O NOME DO ESTILO

O estilo é o homem. No seu modo de vida, Cristiano Cláudio Gonçalves, o Bara, é um homem que tem estilo: nas atitudes e na maneira de ser. Declara-se um cidadão de personalidade plenamente resolvida e veste-se segundo sua época. Magro, alto, cabelos à la moicano com uma crista dourada, cavanhaque em linhas finas, olhos claros. Usa camisas com pinturas exóticas e carregadas nas tintas, especialmente vermelho e preto, as cores favoritas do seu santo. Veste jeans escuros com tachas e tiras de couro. Não dispensa gotas de Blue Jeans, de Versace, ou qualquer fragrância Armani para harmonizar o conjunto. Deve isso ao seu senso estético e de equilíbrio, natural em um libriano. Ele define tudo isso como um estilo moderno, que combina com seu comportamento metrossesual, e que atrai olhares curiosos ou censores, mas na maioria das vezes de encantamento.

Nascido em 30 de setembro de 1972, em Belford Roxo, Bara considera sua casa, no Jardim Redentor, o seu porto seguro. Ele vive com a mãe, Da. Valéria, a quem dá bom dia com o cafezinho da manhã que ela gosta preparado por ele. É quando eles botam o papo em dia. Aliás, as delícias da cozinha também fazem parte do interesse de Bara, que gosta de experimentar novidades culinárias. Além de cozinhar e bater papo com os amigos, Bara gosta de ir ao cinema. Tem preferência por filmes de época e ficção. São os gêneros que mais trabalham com a criação de figurinos e cenários para contar uma história, como se faz no Carnaval para contar um enredo. A paixão pelo Carnaval é de infância. Ela o levou para a Inocentes de Belford Roxo, onde fazia fantasias e cria-



va peças para as alegorias. Mas foi como carnavalesco da Inocentes que alcançou seu sonho. Em 2010, fez "Água para prover a vida" e chegou em segundo lugar. Ano passado, fez o enredo homenageando o Mamonas Assassinas, "De Guarulhos para o palco da folia, sonhos, irreverência e alegria. Mamonas para sempre".

Há mais de duas décadas mantém um atelier que atende ao Carnaval carioca. "Gosto do que faço. Fazer coisas bonitas transforma as pessoas, e as tornam melhores. Adoro purificar as pessoas pelo belo", filosofa Cristiano, que chegou na Beija-Flor convidado pelo carnavalesco Fran-Sérgio, que viu nele competência e talento, lealdade e confiança. Bara participou da confecção dos protótipos juntos aos chefes de equipe de outras áreas envolvidas com a produção das fantasias. Ele coordenou o trabalho de costura e adereço. Além de assessor direto de Fran, Cristiano é o responsável pelo atelier de fantasias, onde coordena as atividades de um grupo de 15 trabalhadores.

Durante o Carnaval vai junto para a avenida, "onde me realizo como ser humano que participou da produção do maior espetáculo a céu aberto do planeta", exulta.

ADEMILDE, A TURISTA

Nequinha tem 55 anos. Pequena, franzina, mas do tipo que enverga, mas não quebra, cabelos lisos e curtos,



tem pele e feições de brasileira nativa. Compleição que cabe inteirinha no apelido diminutivo. Assim como o prenome de Ademilde Silvino de Souza é uma homenagem do pai-fã à rainha do chorinho, ganhou o apelido de Nequinha também por admiração a outra personalidade, que ela não conheceu. Casada com Vilmar Alves de Souza, o casal tem três filhos: Alex (21 anos), Patrícia (35) e Valéria (37), mãe de Jonathas (10) e Jeniffer (7). Todos nilopolitanos da gema.

É costureira desde menina. Entre figurinos, tecidos, linhas e agulhas, vendo sua mãe costurar 'pra fora', ainda pequena aprendeu a riscar, marcar, cortar peça por peça, alinhar, pontear e costurar uma roupa com responsabilidade e arte, demonstrando sempre suas habilidades nesses afazeres.

Costureira de mão cheia, não lhe faltou trabalhos avulsos ou por atacado para confecções de moda. Edson Bartolli, aderecista atualmente no atelier de Nilópolis, precisou de uma profissional para ajudar na produção das fantasias e contratou Nequinha, de quem já tinha referências positivas. Responsável pelos figurinos da quadrilha de dança junina Zé Puia (agora Aurora Boreal), criada por Fran-Sérgio, carnavalesco da Beija-Flor de Nilópolis, Nequinha trabalhou um longo período com Edinho.

Há dez anos, Nequinha dedica-se a confeccionar as fantasias da Beija-Flor. À frente da equipe de costura, Nequinha conta com oito profissionais: Lindalva da Silva, Maria José Pereira, Maria das Virgens (as mais antigas), Daise Azevedo, Edna Machado, Alex Samber, Robson Pandoja e Diogo Romário, da safra de 2011. Sobre a atuação dos colegas ela é taxativa: "A equipe é excelente!" E sobre sua maneira de administrar o trabalho do grupo, explica que "ninguém faz nada específico. Todo mundo faz tudo, por que todos são qualificados para fazer qualquer tipo de costura". Todas

as fantasias passam por seu controle de qualidade pessoal. Este ano serão oitenta fantasias de baianas e outras tantas de baianinhas, além dos "baianos", novidade do Carnaval de 2012. E ela acrescenta: "A costura sempre colabora com os outros setores quando é solicitada".

Há dez anos, Nequinha também dedica-se à Ala das Baianas. É na passarela do samba que ela mais se emociona. Com a escola, o desfile e a ala, os sentimentos da costureira se fundem com os da desfilante baiana: "Estou ali com as roupas que ajudei a fazer". Já que o assunto é costura, Nequinha põe um remate de ponto, digamos, final: "Acho o Carnaval

bem mais agradável, mais excitante. Porque a gente está sempre aprendendo. Tem sempre uma coisa diferente. É gratificante. Quando se vê na avenida, é melhor ainda".

E depois do Carnaval, já que ninguém é de ferro, Nequinha e o marido embarcam para viagens inesquecíveis: ontem em Manaus, hoje em Salvador, amanhã em Maceió, em família ou a sós. Mas é na pousada Sol de Luar, na capital baiana, que as bodas sempre se renovam.

WAGNER, O ESCULTOR

Wagner de Souza Amaral tem 52 anos, 1,80 m de altura e 92 kg. Embora a barba não ultrapasse o pomo de adão nem seja totalmente branca como uma nuvem de verão, bem que ele poderia encarnar o Papai Noel



nos shoppings da cidade. Exercício quase similar ao do bom velhinho, ele pratica todos os dias na volta para casa, quando a filha caçula Lavinia, 12 anos, e as netas Nicole (6) e Isaura (4) correm para seu abraço, com a euforia de quem ganha um presente. "Elas pulam em cima de mim", comenta com indisfarçável orgulho. Talvez Papai Noel nunca tenha exercido a tarefa de fazer os presentes que lhe incumbem de distribuir às crianças de todo mundo. Já com Wagner, a familiaridade com o artesanato, sem trocadilho, veio de dentro de casa. A mãe, Da. Francisca, fazia máscaras de Carnaval em papel machê. Já adulto, foi trabalhar com o amigo Átila, que lhe ensinou a técnica de fazer esculturas. Também fazia miniaturas de jogadores de futebol que pela qualidade despertavam o interesse dos torcedores se os personagens fossem ídolos dos grandes clubes.

Depois foi trabalhar numa loja de decoração para a qual produzia esculturas e troféus. Com a abertura das exportações e o surgimento da concorrência estrangeira, a firma fechou e, mais do que nunca, Wagner teve que arrumar um novo emprego, já que estava em tempo de formar sua própria família.

Carioca de Cordovil, subúrbio da Zona da Leopoldina, Wagner é casado com Leila há 32 anos. São pais, além da caçula Lavinia, de outras três mulheres, Vanessa (hoje, com 30 anos), Keila (28) e Chaiene (23). E, de quebra, mais dois netos, Wagner (9 meses) e Eduarda (2 meses). Mora com a família em Éden, bairro de São João de Meriti, na baixada fluminense. É em família que Wagner aproveita seu fim de semana ao redor de uma churrasqueira de tonel, petiscando e bebendo sua cervejinha sagrada ao lado de familiares e amigos. Chegou na Beija-Flor em 2007 indicado por Almir Reis, que trabalha na administração. A escola vivia a euforia de ser campeã e preparava-se para o seu segundo bicampeonato, conquistado com "Macapaba - Equinócio Solar. Viagens fantásticas ao meio do mundo". Talvez por ter sido seu primeiro trabalho na escola nilopolitana, o considere aquele que mais trabalho lhe deu. O carro que lhe coube tinha uma urna com oito metros de diâmetro. Daí em diante, a satisfação de a cada ano fazer uma coisa diferente como escultor é o que o fascinava neste trabalho de barracão. Trabalho que Wagner e seus dois auxiliares, Sorriso (João Reis)

e Cara Preta (Mauro de Oliveira) acompanham até os carros estarem formados na concentração: "Porque se quebrar alguma coisa a gente está lá. Embora seja difícil isso acontecer. O material é de primeira. Tudo que a gente precisa, a escola compra."

A eles cabe projetar o desenho no bloco de isopor para Wagner talhar. Enquanto isso, eles fazem as esculturas menores que complementam o carro. A equipe confecciona também peças pequenas para todos os carros da Beija-Flor. Mas o efeito final Wagner vê com a família pela televisão. "Gosto de ver pela televisão o trabalho pronto", diz.



No Carnaval passado, a equipe foi responsável pelo carro "Cachoeiro do Itapemirim". Para 2012, prepararam o carro da cidade de São Luís do Maranhão. "Aparentemente fácil, mas o importante é que cada dia é uma coisa diferente que a gente faz... não é aquela mesmice. É? - afirma "perguntando" Wagner, o escultor.

MAURO, O XERIFE

Peças de tecidos coloridos e estampados, rolos de rendas de diversos modelos e tamanhos, caixas de bijuterias variadas, douradas e prateadas, blocos de isopor maiores do que um armário, pesadas e compridas varas de ferro em diversas bitolas, madeirame, caibros, gesso, fibra de vidro, cola, papel, ferramentas. Tudo mais que se pensar e precisar começa a chegar em grandes volumes tão logo tem início o calendário de confecção das fantasias e adereços e a construção dos carros alegóricos. Isto é, a partir do meio do ano. É quando o almoxarifado entra em total ebulição. É um "entra" de carros descarregando produtos e um "sai"



de material para a realização de mais um Carnaval. É aí que também entra na história Mauro Francisco da Silva, o almoxarife, que rima com xerife. Ele é o administrador de todo esse material, de todos esses bens, sem os quais o desfile não teria beleza alguma. Mauro trabalha há 28 anos no barracão da Beija-Flor de Nilópolis, sempre no almoxarifado, que no atual período não fecha nem mesmo no Carnaval. Foi ajudante durante os dois primeiros anos e depois, por orientação de Joãozinho Trinta, passou a responder pelo setor. Mauro e seus auxiliares, Russo (Gilmar Basílio), Bira (Ubiracy Braz) e Jorge Franques – Jorginho da Beija-Flor, integrante da ala de intérpretes da azul e branco – têm hora pra chegar, mas não para sair, além de ficar de plantão até o desfile das campeãs. Receber, armazenar, desarrumar e redistribuir a farta quantidade de material para todos os setores é um fardo difícil de carregar. Porém, Mauro tem uma desconcertante paciência com tudo e com todos.

Nascido no Rio de Janeiro, Maurinho, como é chamado em casa, é leonino do dia 15 de agosto de 1960 e mora com a mãe, Da. Maria José, 70 anos, em Olinda. Isto é, uma estação antes de Nilópolis. É um homem de estatura mediana, magro, leve, com atitudes, passos e gestos pausados, voz inalterável e olhar impenetrável. Mas Mauro não esconde seus lazeres favoritos: assistir um jogo de futebol, especialmente do Botafogo, normalmente pela TV. Há tempos não vê uma partida ao vivo e confessa que ainda não teve tempo de conhecer o Engenhão. Conversar com os amigos e molhar a palavra com uma boa cerveja é outra coisa que gosta de fazer. Já enfrentou algumas maratonas de cervejada da boa com colegas de trabalho, para o que mostrou uma resistência insuspeita, considerando sua com-

pleição aparentemente frágil. Ledo engano. Nesses colóquios, não dispensa um churrasco, que curte fazer em casa nos fins de semana, ou no bar da esquina, quando se entrega aos prazeres que a solteirice lhe autoriza.

PAULO ROBERTO, O FERREIRO

Paulo Roberto Quirino de Oliveira não nega suas origens nativas. Um negão quarentão e forte, rosto escanhado no qual um bigode saliente acompanha sinuosamente o formato da boca. Parece um daqueles negros defendidos, com argumentos e razão, por Dom Obá II D'África, o príncipe dos afrodescendentes. Paulo Negão não se fixa muito nas suas origens africanas, mas o porte e a raça não negam que ele as tenha. Ou seria ele o personagem do escritor maranhense Aluísio Azevedo? "...Dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante, pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa..." (O Mulato, 1881). Parece, mas por uma questão de tempo não poderia ser.

Nasceu no Hospital Centenário, no Estácio, reduto do samba, em 22 de fevereiro de 1968, período em que a cidade já estava se preparando para o Carnaval; e cresceu em Santa Tereza, bairro que ainda mantém os vestígios dos tempos coloniais.

Hoje, Paulo Negão vive no bairro Centenário, em Duque de Caxias, com a mulher Cristina e os filhos Patrick (7 anos), Paulo (5) e Michele (13). É rotina, quando chega em casa, os filhos correrem ao seu encontro e pularem sobre ele. Alegria e felicidade de ambas as partes.

Embora seja receptivo, Paulo Negão é de poucas palavras. O que não o impede de beber "um gelo" com os colegas, fechando com uma "loura dourada" a semana de trabalho no barracão. Nos finais de semana não é diferente: trabalho e uma cervejinha. É quando Paulo volta ao tempo em que vivia de biscates, ora como ajudante de obras ou soldador, ora fazendo uma pintura aqui e ali. É um reforço no salário. Depois, sempre que possível, faz um churrasquinho em família. "É isso. Assim vou levando a vida", revela com simpatia.

Paulo é o ferreiro responsável, juntamente com Cláudio, pela montagem das estruturas que, com as madeiras, dão sustentação às esculturas, ornamentação, componentes e destaques dos carros alegóricos,

elementos dos quais os carnavalescos também se utilizam para desenvolver o enredo, mostrar a beleza das suas criações e a alegria da composição de cada carro. Paulo Roberto chegou na Beija-Flor em 1985. Joãozinho Trinta preparava o Carnaval "O mundo é



uma bola" para o ano seguinte. Trabalhou com os ferreiros Pedro e Tourinho, hoje aposentados, que comandavam a setor de ferragem. Agora à frente dos trabalhos com uma equipe de quinze trabalhadores, Paulo Negão diz que, embora a ferragem seja a primeira coisa a se fazer para a montagem dos carros alegóricos, o pessoal da ferragem acompanha os carros até o final do desfile. E ele garante que, se depender do trabalho da ferragem, vai comemorar mais um aniversário com a vitória da Beija-Flor de Nilópolis.

CLÁUDIO, O MOTOQUEIRO

Os ferreiros recebem do departamento de criação o desenho da estrutura de ferro que os carros alegóricos deverão ter. O chão do barracão é transformado em prancheta, onde Cláudio Jose Fernandes, ou simplesmente Cláudio, redesenha, fiel ao original, cada peça em traço de giz, sobre o qual os artesãos do setor reproduzem em ferro parte por parte toda a estrutura que irá sustentar a parafernália que os carros alegóricos vão levar pelos 700 metros da nova Passarela do Samba Professor Darcy Ribeiro.

A camiseta esconde a tatuagem que ocupa boa parte das costas. Tem uma postura casual, que não lhe tira os ares de uma pessoa de atitude, que

enfrenta qualquer situação. O boné com aba jogada pra trás mostra bem o rosto magro e sério que serve de tela para um desenho feito com barba, costeleta e cavanhaque, detalhes que lhe acentuam a personalidade. Pai de Joyce (21 anos), Kaylani (9) e Lohany (5), Cláudio mora em Vigário Geral, onde nasceu no dia 17 de julho de 1970. A responsabilidade com a bela família é conciliada de maneira equilibrada e responsável com as cervejas com os amigos e colegas de trabalho, e também com os animados bailes do subúrbio. Cláudio sempre trabalhou fundindo ferros em estaleiros, berço de monumentos marítimos de grande tonelagem, os quais ajudou a construir como soldador e ferreiro. Via seu trabalho tomar forma em meio às chamas saídas do seu maçarico produzindo um espetáculo de faíscas douradas quando tocavam o ferro frio. E depois via seu trabalho partir para singrar os mares, fazendo a imaginação mergulhar até o reino de Netuno. Mas água não é sua praia.

O que atrai Cláudio é a velocidade e o impacto do vento no rosto, que o capacete não consegue impedir de todo. É um desejo de liberdade que se satisfaz sobre uma motocicleta. Como a vida é feita de quedas e recomeços, o acidente – que lhe quebrou as costelas – explica certas dores que chegaram antes do tempo, mas que não o intimidaram. Correr, cair e levantar parece seu lema. Até porque parece que Cláudio faz parte da confraria "doidos por moto", mesmo que ela não exista.

"Araxá, lugar alto de onde primeiro se avista o Sol" estava sendo preparado quando Cláudio chegou na Beija-Flor. Fez dupla com Paulo Negão e juntos cuidam para que os carros alegóricos tenham a segurança indispensável, exigida pela planta oferecida pela escola. Quer seja produzindo e montando a estrutura dos carros, quer seja fora do barracão, com a família ou montado em sua máquina voadora, Cláudio não conhece rotina, porque "todo dia é sempre diferente".





“SEU JAIME”, UM SER AZUL E BRANCO

“Seu Bahia”: trata-se de uma entidade na essência mais autêntica de um ser. Filosofia e religião à parte, ser ou ente não apresentam contradição por se tratar de simples sinonímia. Mas se tratarmos “Seu Bahia” pelo viés religioso, aí ele alcança uma dimensão mística e curiosa, que nos envolve numa viagem pelas suas divagações sobre a secular religiosidade baiana. Afinal, o pai, seu Martiniano, índio nativo, tinha um terreiro de umbanda e surpreendia com sua inacreditável mediunidade, virtude que ele via também no herdeiro. À época, esses assuntos não interessavam ao jovem Jaime, que após servir o Exército veio para o Rio em busca de um futuro. Tanto ele quanto a mãe, Esmeralda, abdicaram da herança religiosa que, respectivamente, o pai e marido deixara.

Mas a religiosidade está sempre presente na sua vida, e ele não a rejeita. Um dos grandes momentos que ele vive todos os anos na Beija-Flor, da qual é um patrimônio humano admirável, é construir o barco que leva as oferendas à Iemanjá durante a passagem de ano nas águas de Copacabana. Nessa oferenda “seu Bahia” coloca toda a devoção da alma e toda a perfeição do carpinteiro.

Hoje, 80 anos completados no dia 18 de novembro, “seu Bahia” relembra que o pai lhe alertava para sua mediunidade. “Percebo que tenho grande intuição, mas acho que esse não era mesmo meu caminho”, declara. Mas seus gestos denunciam essa forte tendência mística. Seguindo sua aludida intuição, cerra os punhos, junta as mãos, beija uma e outra e as ergue para o céu numa saudação para o que ou quem está se referindo. Fez isto duas ou três vezes durante um bate-papo informal. A primeira, em gratidão ao Sr. Alcebiades, que o acolheu assim que chegou ao Rio de Janeiro, em 1949, aos 18 anos. Alcebiades tinha uma oficina de marceneiro. Com ele, o jovem Jaime

se aperfeiçoou no ofício de carpinteiro fabricando móveis. As dificuldades do patrão-amigo levaram “seu Bahia” a lhe propor uma sociedade num brechó, que durante muitos anos foi o ganha-pão da dupla.

Outra vez o gesto se repetiu, desta vez em memória ao escultor Augusto de Almeida, autor dos primeiros carnavais da Beija-Flor de Nilópolis, que o levou para a escola em 1955. Quando Augusto lhe disse que tinha que fazer um carro ele não entendeu nada. Entre seus grandes trabalhos, temos uma belíssima carruagem – feita a partir da imagem num monóculo – que todos queriam posar ao lado e fotografar. Foi para o Carnaval de 1960, cujo enredo era “Regência Prima”.

No ano seguinte, fez uma incursão pela Estação Primeira de Mangueira. Mas sua vida estava totalmente voltada para Nilópolis e para os amigos que fez na escola desde o tempo em que ainda era um bloco. Nesse tempo, “seu Bahia” convivia com Edinho do Ferro Velho, Negão da Cuíca, Cabana, entre outros, se insinuando como sambista, participando das rodas de samba, fazendo partido, samba de quadra e marcando presença com carteirinha da ala dos compositores, “documento” respeitado pelas coirmãs, que tinham para ele os portões sempre abertos.

Natural de Salvador, Jaime Bahia nasceu e se criou no nobre bairro Soledade. Mas “Seu Bahia” definitivamente naturalizou-se nilopolitano. Vive com a mulher Maria e a filha Vera Lucia. Aprecia um “uisquinho” amigo e não abre mão da habitual partida de buraco com os amigos na Praça Paulo de Frontin. Nos fins de semana, a jogatina começa pela manhã em frente ao bar do Sereno, sem hora para acabar.

HENRIQUE, O PESCADOR

Esta é uma história de pescador que contraria todas as outras, porque o pescador, no caso, é um artesão da escultura, e não conta “estórias”. Henrique Alves da Silva, nilopolitano, é escultor e pescador. Existem algumas semelhanças entre as duas artes; elas exigem total concentração e paciência. E uma percepção aguçada. Um cochilo, e o robalo pode desqualificar o engodo do anzol e, este, voltar sem peixe; uma distração, e o brilho do talento de quem confecciona a obra não se apresenta e a escultura perde valor.

Na hora do entretenimento, Henrique vai a Angra dos Reis, ou aqui mesmo perto, nas Ilhas Cagarras, no litoral da Zona Sul carioca, pescar para descansar, refletir sobre a vida ou simplesmente para levar um

peixinho para casa. Mudar periodicamente de uma atividade para outra já vale como um descanso, diz. Descansando no embalo das ondas, no silêncio da espera, como diz o poeta Lupicínio Rodrigues, "o pensamento, às vezes, voa", o pescador pensa nas artimanhas do robalo, mergulha nos problemas da vida, enfim, reflete sobre a existência de Deus. Sendo pescador, não surpreende saber que Henrique tenha se tornado também um seguidor de Cristo, sem cacoete fundamentalista algum.

Quando não está no mar, o escultor curte sua leitura favorita, o livro "Atos dos apóstolos", dos doze pescadores que seguiram Jesus. Misticismo à parte, recentemente Henrique (Laminação), Baiano (Fibra) e Wagner (Escultura) construíram réplicas da estátua do Cristo Redentor para as comemorações dos 80 anos dessa que é uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno.

Aliás, no momento inicial, Wagner faz a matriz, Baiano e Henrique fazem a forma ou o molde das esculturas. No segundo momento, Henrique desce do atelier para montar as esculturas nos carros, enquanto os dois continuam produzindo novas peças. E no terceiro momento, com Baiano, Henrique vai para a avenida aguardar o desfile. Quando não está pescando sozinho na beira de um píer ou com amigos num pesqueiro em alto mar, Henrique está com as filhas Paula Cristina (29 anos), Cristiane (25), Patrícia (21) e Mayara (19), com o filho Marcos Henrique (32) e a irmã Cleonice, com os quais divide um condomínio familiar próprio. Cada qual tem seu quadrado, num quadrado que é de todos. Viúvo de Cristina, com quem foi casado 33 anos, Henrique preferiu morar com a irmã, que o ajuda nos cuidados da neta Vitória.

BAIANO, O CICLISTA

Um dos setores sociais em que a Beija-Flor de Nilópolis vem se destacando é o esporte. Seus atletas-alunos têm participado de competições externas, além das promovidas internamente, como a primeira série de Artes Marciais Mistas (MMA), que estreou em dezembro com muitas lutas, samba e alegria.

O que poucos sabem é que entre os artesãos que trabalham na fábrica de Carnaval da azul e branco na Cidade do Samba também existem alguns atletas. O baiano José Jorge Guedes Soares é um deles. Integra o grupo "Aventureiros do pedal" e participa de competições de estrada nas modalidades resistência e contra o relógio. Já fez diversas vezes a volta da Baía de Guanabara (Mauá, Guapimirim, Rio Bonito, Itaboraí, Manilha, São Gonçalo,



etc) e agora se prepara para o Audaz (200 km em 6h). Mas foi a necessidade de ir e vir com independência, somada aos benefícios que traz à saúde, que levou Baiano a adotar a bicicleta como transporte e o ciclismo como esporte. "É uma excelente atividade aeróbica e sua prática regular queima muitas calorias", justifica. Morador do Engenho Novo, a cerca de 36 km do barracão, Baiano leva apenas 40 min para chegar ao trabalho.

Aquariano de 14 de fevereiro, Baiano tem 54 anos. Casado há 18 anos com Francisca, é pai de Yuri (16) e Yná (14), ambos estudantes. A mulher, que faz adereços para decoração do Downtown, shopping da Barra, também trabalha como baby-sitter. A família não dispensa uma visita à Feira do Nordeste para comer e beber as iguarias baianas e ouvir e dançar as músicas de sua terra natal.

Nascido em Salvador, veio para o Rio de Janeiro em 1992. Indicado pelo seu concunhado, Banana, veterano empregado da quadra em Nilópolis, conseguiu uma vaga de laminador. Seu primeiro Carnaval foi "Um ponto de luz na imensidão", de Joãozinho Trinta. Mas um dos mais marcantes para ele foi "Margarteh Mee, a Dama das Bromélias", de Milton Cunha.

Baiano é um dos designados para cuidar dos carros durante o desfile desde o momento em que saem do barracão para a concentração. Seguro da qualidade do que faz, ficar sem dormir uma, duas noites não é problema para ele. "Eu amo minha profissão. Não deixo ninguém colocar a mão onde não deve", diz, referindo-se às alegorias.

Há 16 anos, esse soteropolitano é o encarregado da seção da fibra, onde são produzidos os moldes para a multiplicação das peças. Baiano e sua equipe geram mais de duzentos moldes por Carnaval. "Graças à escola consegui ter certo nome nessa área", reconhece Baiano, que como a maioria dos escultores de Carnaval também trabalhou na construção de embarcações.

CARNAVAL NO ESPAÇO

FELIPE FERREIRA

Descendo dos morros ou chegando de áreas afastadas do centro da cidade, as escolas de samba cariocas buscavam, já na década de 1930, um espaço para se apresentarem. A Praça Onze, reduto popular próximo à área central e espécie de segundo centro carnavalesco carioca, reunia em torno de seu famoso chafariz um conjunto de manifestações populares conhecidas, genericamente, como grupos, cordões, ranchos ou clubes. É neste espaço democrático que os principais concursos entre escolas de samba iriam acontecer e se tornar uma das atrações da folia do Rio de Janeiro. Apresentando-se sobre um palco armado especialmente para o evento e sendo julgadas basicamente por seus valores musicais, estas primeiras escolas ainda não haviam definido seu formato, coisa que só aconteceria no final dos anos 30. A partir daí esperava-se delas um desfile que destacasse seus valores mais "puros" e "legítimos", onde a presença dos grupos de baianas e a ausência de instrumentos de sopro eram características obrigatórias.

A entrada do Brasil na Segunda Guerra, em 1942, causaria grandes baixas ao Carnaval das ruas. As escolas de samba, entretanto, não se furtariam a participar do esforço nacional e continuariam a desfilar, louvando o país e incentivando a luta pela liberdade. Estas apresentações, entretanto, seriam bastante singelas, realizados na região em torno do obelisco situado numa das pontas da Avenida Rio Branco. Em 1945, com o final da guerra, seria realizado um desfile em honra à vitória dos aliados com enredos

patrióticos e ufanistas. O resultado disso é que as escolas dariam um passo importante para se tornarem verdadeiros símbolos da nacionalidade.

Após a guerra, entretanto, os desfiles voltariam para a região da antiga Praça Onze, mais precisamente na recém-inaugurada Avenida Presidente Vargas, cuja construção havia destruído o antigo centro carnavalesco popular. As escolas se apresentariam sobre um longo tablado construído nas proximidades da estação de trens da Central do Brasil especialmente para as apresentações. Elas ali ficariam por onze anos, com desfiles cada vez mais grandiosos e atraindo um público que crescia a cada ano.

Em 1957, a disputa entre as escolas seria finalmente transferida para o eixo da Avenida Rio Branco, então o mais importante palco da folia carioca, ocupado também pelas grandes sociedades e ranchos, ainda consideradas como as maiores atrações do Carnaval. O novo espaço, mais largo, mais longo e, principalmente, sem tablado aproximaria as escolas do "asfalto", incentivando o contato com a plateia e a fixação de uma ideia processional para o desfile. Os seis anos nos quais elas se apresentaram na Avenida Rio Branco seriam marcantes na transformação dos desfiles que se organizavam, tornando-se verdadeiros espetáculos audiovisuais e ganhando, com isso, ainda mais popularidade.

Em 1963, o desfile é transferido para um palco próprio e à altura da grandiosidade do espetáculo em que o evento se transformara: a Avenida Presidente

Vargas. É lá que, ladeadas por grandes arquibancadas e envolvidas em decorações suntuosas e originais, as escolas de samba explodiriam em visualidade e vitalidade. A nova dimensão do espaço que acolhia o desfile, sua orientação em relação ao sol, os grandes prédios modernos que serviam de camarotes privilegiados, tudo contribuía para impor uma nova escala de alegorias, fantasias e harmonias sonoras. Em 1973, último ano na Presidente Vargas, as escolas de samba já haviam se tornado o maior espetáculo visual da Terra, atraindo as atenções do país e do mundo de forma nunca imaginada.



Este hiperdimensionamento, associado às obras para a construção do metrô carioca que tomariam conta da Avenida Presidente Vargas, apontava para a necessidade da criação de novos espaços capazes de acolher os desfiles. Por quatro anos – de 1974 a 1977 – as escolas vagaram por diferentes lugares no centro do Rio até que a ameaça de transferir o evento para a Barra da Tijuca acordou as autoridades que fixaram a Avenida Marquês de Sapucaí como o espaço do Carnaval. Livre das limitações (e das vantagens) da Presidente Vargas, a organização do desfile pode investir em arquibancadas maiores e na criação de camarotes, situação que durou até 1983, quando, para afastar de vez o fantasma do "exílio" na Barra e aproveitando-se, como justificativa, das reminiscências histórias advindas da proximidade da antiga Praça Onze, foi proposta a construção de um espaço especialmente concebido para os desfiles.

Em menos de um ano estava de pé o Sambódromo, com sua imponência, leveza e, por que não dizer, com seus defeitos e problemas. De 1984 a 2011, este

foi o palco dos desfiles. Suas dimensões gigantescas influenciaram de forma decisiva a forma das apresentações, tornando-as grandiosas (excessivamente para alguns), imponentes e mais afastadas do público. A criação de confortáveis camarotes e frisas ampliava, por sua vez, a participação de um público de poder aquisitivo mais alto e com novos interesses, o que se refletiria no surgimento de novas estrelas do samba, entre elas as comentadas rainhas de bateria. Grandes camarotes corporativos travariam verdadeiras disputas de celebridades com as próprias escolas criando novos focos de interesse.

A arquitetura do Sambódromo, entretanto, ainda que pese a assinatura venerável de Oscar Niemeyer, deixava muito a desejar enquanto espaço construído especialmente para os desfiles. Dos muitos problemas ali encontrados, um se destacava por destoar de forma brutal da inegável beleza do conjunto: o famigerado "prédio" conhecido como Setor 2. Sua demolição, mais que bem-vinda após o carnaval 2011, permitiu o espelhamento das arquibancadas "ímpares", criando um conjunto seguramente mais harmônico e coeso. É neste Sambódromo, que resolve um grande problema, mas preserva muitos outros, que as escolas desfilarão em 2012. Certamente, muita coisa vai mudar em resposta a esta nova espacialidade imposta (mais uma vez) ao mundo do samba carioca.

O que virá, ainda não sabemos. A certeza que se tem, entretanto, é a de que as escolas de samba não serão as mesmas de antes, e que as modificações, bem-vindas ou não, definirão o Carnaval do futuro.



AQUI NASCEU O SAMBA CARIOCA

RICARDO DA FONSECA

A história da humanidade é a história do homem na busca pela sobrevivência e de seus encontros com a dominação e o poder – seja de que lado estiver.

As épocas, as armas e os cenários variam.

E as justificativas também.

E nesse cenário de confronto, sonhos e opressão surgem, na história oficial, vencedores e vencidos.

Aos vencedores, o direito às terras, à moradia e a manutenção de seus hábitos, de sua cultura e de seus valores.

Aos vencidos, a orfandade, a desagregação e o esfacelamento pessoal e cultural...

No entanto, o receio de uma definitiva e desnortante ruptura das conexões dos vencidos com sua história e com sua identidade seja um dos principais ingredientes de uma reação de lideranças e comunidades derrotadas.

São nesses momentos que vemos surgir a “força do guerreiro” – que a Beija-Flor já retratou diversas vezes em seus desfiles – agarrando-se às suas origens, às suas crenças e buscando integralizar a sua identidade.

Um caso importante que deve ser registrado vem sendo protagonizado pelos quilombolas da Pedra do Sal, que vivem em sua maioria na região da Praça Mauá, aqui na cidade do Rio de Janeiro.

Seus ancestrais, expatriados contra a sua vontade de sua terra natal, eram negros africanos trazidos para o Brasil para servirem de escravos. Com o passar do tempo, muitos deles receberam a liberdade através das cartas de alforria. Vindos do Rio de Janeiro ou mesmo da Bahia, esses negros passaram a ter que bancar a sua sobrevivência. Buscaram, então, trabalho na região do cais do porto, onde, devido ao seu porte e força física, trabalharam como estivadores.

Mal remunerados, esses negros forros (alforriados) buscaram moradia coletivas e em regiões baratas próximas do cais. Não demorou muito para que a

região se tornasse o ponto de moradia e referência para a comunidade negra, inclusive para escravos fugitivos que encontravam nos labirintos da região e na solidariedade dos negros forros acolhida e proteção.

A região da Pedra do Sal, então, se consolidou como uma região de negros que podiam, livres do controle do Império, manifestar suas crenças, seus hábitos e sua cultura.

Foi na região da Pedra do Sal que negras alforriadas e livres preparavam o alimento de sua família – especialmente o Angu – instituindo um importante elemento de resistência cultural. Foi na região da Pedra do Sal que negros alforriados e livres relembavam suas raízes, evocando cânticos rítmicos encharcados de dor e saudade, mas também de esperança e alegria.

“NESSA ÉPOCA HOUVE NA BAHIA A DECADÊNCIA DO CACAU E DO CAFÉ, E OS NEGROS BAIANOS (ESCRAVOS OU FORROS) QUE CARREGAVAM OS SACOS DE CACAU E CAFÉ VIERAM PARA O RIO DE JANEIRO TRABALHAR NO QUE ESTAVAM ACOSTUMADOS: CARREGAR SACOS NOS ARMAZÉNS. ELES CARREGAVAM E DESCARREGAVAM OS SACOS DE SAL NOS TRAPICHES AQUI DO CAIS DO PORTO”.

HIRAM ARAÚJO

Foi na região da Pedra do Sal que negros e negras, distantes da Terra-mãe, construíram a sua segunda nação, onde puderam sem medo realizar seus cantos, cânticos e evocar seu guias e orixás através do Candomblé.

Hoje, a região é reconhecidamente um dos mais importantes núcleos de resistência pacífica dos negros no Rio de Janeiro, sendo o símbolo da região chamada pelo músico Heitor dos Prazeres de “Pequena África”.

AS ÉPOCAS E AS ARMAS VARIAM. E OS CENÁRIOS TAMBÉM.

Mas o reconhecimento público não é um presente dos homens. Ele é o resultado de uma ação organizada e coordenada promovida pelos descendentes da comunidade quilombola que se instalou e fez a sua história na região, formada atualmente por 25 famílias, num total de 150 descendentes. Quem nos conta um pouco dessa história é o presidente da ARQPEDRA - Associação da Comunidade Remanescente do Quilombo Pedra do Sal, Damião Braga: "O que ocorre aqui na região da Pedra do Sal é uma história de luta pelo reconhecimento dos nossos direitos, como remanescentes quilombolas que somos. Somos herdeiros dessa terra e não queremos nenhuma regalia ou privilégio. Só queremos o que é nosso: a garantia permanente de que ninguém, nenhuma corporação ou agente público poderá nos intimidar ou nos tirar daqui. Recentemente, uma irmandade da Igreja Católica, a Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, reagiu a uma decisão do Poder Público (Incra) que outorgará a essa região o título de área quilombola (Título de Reconhecimento de Domínio), reivindicando o direito pela posse definitiva dos imóveis da região. As famílias quilombolas da região já vem sofrendo a algum tempo a pressão da Ordem para que deixem os suas moradias. Muitos, temerosos, saíram. Por isso, entramos com uma ação no Ministério Público para assegurar nossos direitos", esclarece Damião. E para entender melhor essa questão, é importante que olhemos a comunidade quilombola com as suas reais peculiaridades, que não são as mesmas da civilização europeia. Segundo apuramos em diversas conversas com integrantes da comunidade quilombola da Pedra do Sal, ser quilombola significa, além da hereditariedade sanguínea, ter uma forma própria de ver e se relacionar com o universo ao seu redor. Existem pressupostos

que identificam a forma deles de ser, que passam por um tripé formado pela valorização e reconhecimento do território, da religião e da cultura, especialmente a música e a culinária.

Se entendermos que para o povo quilombola não é possível dissociar da identidade deles as referências territoriais, religiosas e culturais, vamos entender melhor o mérito da questão. Segundo o Dr. Hiram Araújo, um dos principais simpatizantes e colaboradores da causa dos quilombolas da Pedra do Sal, "essas pessoas não podem abrir mão do que é delas. É aqui na Pedra do Sal que a comunidade quilombola realiza seus rituais religiosos e culturais. Aqui eles reverenciam seus antepassados. É nessa região que seus ancestrais marcaram a história: aqui surgiu o samba. E há muitos anos ele vem realizando um trabalho muito importante de conservação das suas tradições. No dia 2 de dezembro, inclusive, as baianas da comunidade realizam um importante ritual, que é a lavagem da Pedra do Sal, onde conservam e difundem a sua tradição. Por tudo isso, por toda legitimidade que possuem em relação a essa questão, eles têm todo o direito de permanecerem aqui", conclui o pesquisador.

"A CONVENÇÃO 169 SOBRE POVOS INDÍGENAS E TRIBAIS DA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT) ASSEGURA OS DIREITOS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS. E NO BRASIL, A CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988 RECONHECE OS QUILOMBOLAS COMO MINORIA ÉTNICA DO ESTADO BRASILEIRO."

DAMIÃO BRAGA





A lalorixá Obi Tojá faz a lavagem simbólica da pedra do sal.







IMAGENS
DE UM CARNAVAL CAMPEÃO









www.nilopolis.rj.gov.br





ESTAMOS CONSTRUINDO UMA NOVA
NILOPOLIS

PREFEITURA MUNICIPAL DE
NILOPOLIS
GOVERNO COMUNIDADE



RIO 2012

CARNAVAL É NOSSA VOCAÇÃO

HILTON ABI-RIHAN

Carnaval carioca é um dos mais importantes vetores de turismo para a cidade. Nesse universo, o Desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial atrai turistas das mais variadas partes do planeta. Como estão os preparativos para a realização dessa grande festa?

Jorge Castanheira – Em primeiro lugar, é preciso analisar esse novo momento que o Carnaval carioca está vivendo, as dificuldades pelas quais passam as escolas de samba com relação aos barracões, tanto do Grupo Especial quanto dos Grupos de Acesso. Hoje, temos uma dificuldade em encontrar alternativas que possam abrigar os barracões das escolas de samba. A bem da verdade, as escolas do Grupo de Acesso precisam do apoio do poder público para encontrar uma área para abrigar a Cidade do Samba 2, porque o Carnaval do Grupo Especial só é forte se as escolas do Grupo de Acesso e Desfile Mirim forem fortes também, porque são os elos de renovação do Carnaval. Além do potencial que cada escola tem, nas suas alas de passistas, nas alas mirins e do trabalho feito dentro de suas comunidades, os Grupos de Acesso são também itens de renovação, de mão de obra, de sambistas, de valores, de talentos, que vão surgir para o Carnaval. E para isso é preciso que eles tenham também apoio, investimento e condições de apresentar um grande Carnaval. Quanto mais fortes forem os grupos de base maior será a força do Grupo Especial. E por isso eu sempre peço ao prefeito, ao governador, para que apoiem o Grupo de Acesso e as escolas mirins, para que a gente consiga ter a base do Carnaval muito forte, e assim crescer no desfile como

um todo. Nós queremos a avenida cheia e com um belo espetáculo em todos os dias do Carnaval..

As escolas dos Grupos de Acesso representam uma divisão de base do Carnaval, não é?

Jorge Castanheira – É a divisão de base que tem que ser forte, e a divisão de base do acesso também, e as escolas mirins. Elas é que vão ser um manancial para renovar os futuros sambistas. Surgem talentos em todas as áreas, na área de direção de bateria, na carnavalesca, diretores de Carnaval, diretores de harmonia, mestre-sala e porta-bandeira, comissões de frente. Tudo isso vai ter um grande impacto quando somado à força maior, que é o Carnaval do Rio de Janeiro.

Qualquer ação que pretenda alcançar o sucesso precisa de articulação e de entrosamento. No caso do Carnaval carioca, por ser um espetáculo imenso, envolvendo mais de 70 escolas de samba, essa articulação e esse entrosamento são mais essenciais ainda. A Liesa tem um bom entrosamento com a Lesga (Liga das Escolas de Samba do Grupo de Acesso) e com a Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro?

Jorge Castanheira – Sim. Há um entrosamento muito bom da Liesa com a Lesga, que coordena os desfiles dos grupos A e B, e com a Associação das Escolas de Samba, que coordena os desfiles dos grupos C, D e E. Há um entrosamento muito significativo nesse sentido, todo ele dirigido pela Riotur que, junto com a Secretaria de Turismo, administra e organiza o Carnaval carioca, tendo o suporte das agremiações e das entidades representativas – a Liga, a Lesga e a Associação. Todos sentam à mesa



para discutir os meios para realizar o que for melhor para o desfile em todos os grupos.

No Carnaval de 2012 o público verá escolas desfilando em um novo palco, devido à ampliação da avenida. Como serão essas mudanças?

Jorge Castanheira – As modificações resultantes da ampliação da Sapucaí não mudarão o percurso do desfile, e sim a plateia. E quando você muda a plateia, como estamos fazendo, você tem uma resposta, vamos dizer assim, simétrica. Tanto o lado esquerdo quanto o lado direito terão frisas, camarotes e arquibancadas, ao contrário do modelo anterior. O sambódromo, essa grandiosa obra concebida pelo arquiteto Oscar Niemeyer, é um sucesso inegável. Hoje temos sambódromos no Brasil inteiro, inspirados na experiência carioca. Mas existiam limitações, especialmente devido ao prédio que existia próximo ao sambódromo. Com a demolição dessa construção e a aplicação do projeto como foi concebido pelo arquiteto, chegamos ao formato ideal com o espelhamento da área pública: o que se tem de um lado, tem do outro.

Considerando os camarotes, frisas e arquibancadas, qual era capacidade anterior do sambódromo e qual será a atual, após as obras?

Jorge Castanheira – Inicialmente, tivemos uma perda de 62 camarotes, já que eram três andares de camarotes e passaram a ser dois andares. No entanto, nas demais posições o público terá grandes ganhos. Para você ter uma ideia, tínhamos 60.000 espectadores em cada dia de desfile, e agora teremos 72.500 – são doze mil e quinhentos lugares a mais. Com as obras, ganhamos em torno de 800 frisas, quase o dobro do que tínhamos anteriormente, e nas arquibancadas ganhamos, em cada setor, 2.500 lugares. São mais lugares colocados à disposição do público. Isso representa um ganho muito grande para o turista e para o público.

Gostaria de deixar alguma mensagem final para o nosso leitor, presidente?

Jorge Castanheira – Inicialmente, quero chamar a atenção do leitor para o profissionalismo das escolas de samba que hoje buscam uma aproximação maior com o seu público através da internet ou de seus veículos de comunicação. Quero ainda que o leitor da revista da Beija-Flor – essa revista que é um projeto com tantos anos de vitória –, que está lendo a edição deste ano saiba a dedicação e o sacrifício que existe por trás de cada uma das comunidades para fazer um veículo de comunicação com o acabamento, a beleza e a qualidade que vem sendo apresentado pelas agremiações. É notório que cada uma delas vem buscando se aprimorar, em especial a Beija-Flor, que saiu na frente com esse projeto. Eu acho que essa história é que fica como legado do que vem acontecendo a cada ano. No futuro, quem for pesquisar sobre o Carnaval terá uma grande facilidade de obter informações devido ao trabalho de pessoas abnegadas como vocês – editores da revista –, que vão atrás da notícia, que organizam e materializam informações e possibilitam que se tornem permanentes para consulta. Informações de um aprendizado riquíssimo: a cada ano, em cada enredo que vocês detalham junto com a parte artística da escola. Eu acho que o leitor deveria guardar com muito carinho essas edições. Aqueles que tiverem a felicidade de vir ao espetáculo, e puderem participar, observem a genialidade da criação dos artistas brasileiros e a beleza com que todo esse enfoque é mostrado na revista Beija-Flor. Por fim, o que desejo é que todos tenham um grande Carnaval, e que vença sempre a melhor – ou as melhores escolas, quer dizer, para o sábado das campeãs, e que o público seja parceiro do espetáculo, mostrando o que o Brasil tem de melhor para o mundo inteiro.

EXPRESSÃO DO SAMBA

MIRO LOPES

Nelson Sargento, uma expressão do samba, já dizia que o samba não morre. E não morre mesmo. Há, houve e haverão sempre seres iluminados, inspirados, iguais ao Sargento, alicerçando e edificando, com versos e rimas, o samba para a cidade inteira cantar. Samba puro, de raiz, quadra, enredo, com sotaque baiano, mineiro, carioca, enfim, samba brasileiro, sempre.

CARLOS COLLA

o compositor preferido do Rei

Um cidadão brasileiro que ama sua pátria, que ele define como de gente bonita e feliz, o advogado, violonista e cantor que se firmou como poeta, compositor, escritor e produtor musical, Carlos de Carvalho Colla fala de sua vocação, suas emoções e seus projetos. Com o papo, um equívoco de quem se deixa levar pela assiduidade com que Roberto Carlos grava suas canções se desfaz: ele não é contemporâneo do rei, embora seja contemporâneo. Colla nasceu em Niterói (RJ), no dia 4 de agosto de 1944, e hoje mora na capital fluminense.

Para começar, o compositor fala das suas origens: "Minha mãe era professora, brasileira, e meu pai era engenheiro italiano, refugiado político. Aprendi muito com eles. Minha mãe era uma artista nata, pintava, escrevia poemas e livros, e meu pai chegou a cantar como barítono no Scala de Milano." Mais do que sua origem natalícia, Colla revela suas influências musicais. Seria quase impossível seguir outra carreira.

Aos 14 anos, mudou-se com a família para Teresópolis, região serrana do Rio, onde conheceu o violonista Alfredo Pessegueiro do Amaral. Com o amigo, aprendeu os primeiros acordes, o que bastou para que o violão virasse seu companheiro de sempre.

"Gosto de música desde que nasci. Quando adolescente, escrevi um musical para o grupo de teatro de Teresópolis", relembra. "Paguei meus estudos na faculdade cantando e tocando nas noites do Rio de Janeiro, a música sempre esteve presente na minha vida", disse. Durante dez anos, o advogado exerceu brilhantemente sua carreira opcional, mas não abandonou a música e tampouco a inquietação de compor. Ele sacramenta: "Aos 36 anos, abandonei minha antiga profissão e resolvi ser poeta, e lá na minha rua a turma do bar me respeita.



Amigo do rei

Foi numa apresentação d'O Grupo no Canecão que Carlos Colla e Roberto Carlos se conheceram. Acompanhado de Maurício Duboc, Colla pediu uma música ao rei, que prontamente respondeu: "Tudo bem, desde que vocês façam uma para mim".

Carlos Colla se entregou ao desafio de corpo e alma e compôs com Maurício as músicas A Namorada, que Roberto gravou em 1971, e Negra, no ano seguinte. "Depois de compor para ele, não tive dúvidas de que era isso que eu queria pra mim", confessa. Nascia assim o compositor e uma parceria de sucessos. Desde então, Carlos Colla figura entre os compositores preferidos do rei.

No dia de seu aniversário, Carlos Cola lançou um romance intitulado "A Namorada", baseado na primeira composição e sucesso lançado por Roberto Carlos. "Essa música foi um start na minha carreira de compositor", ressalta.

"Durante minha carreira tive o prazer de conquistar o 1º lugar no Festival de Iquitos (Peru), 2o e 3o lugares no Festival de Viña del Mar (Chile), produzi grandes nomes internacionais como Luís Miguel, Menudos e outros que me proporcionaram grandes prêmios. Alcione já me deu muitos sucessos cantando 'Meu Vício é Você', 'Além da Cama', 'Se não é amor'. Emílio Santiago com 'Verdade Chinesa' e outros bambas do samba. Sandra de Sá (Bye bye Tristeza), Renato Russo (Hoje a Noite Não Tem Luar) e tantos outros cantores maravilhosos. Já tive o prazer de cantar para plateias onde se encontravam o rei da Espanha, Julio Iglesias, o nosso presidente Anizio Abraão David, a família de Fidel Castro e outros queridos por mim. Esses, sem sombra de dúvidas, são os meus maiores prêmios."

Aos que pensam que o romântico compositor niteroiense não tem intimidade com o samba, outro possível equívoco fica definitivamente esclarecido. Colla conta: "Acabei de produzir dois maravilhosos cantores de samba e estou totalmente envolvido com esse ritmo. Sempre me surpreendi com a forma que um batuque pode trazer alegria e movimento para um ser humano. Vejo o samba como um representante das nossas origens".

NONATO BUZAR,

o melhor da pilantragem

Com sua aparência alegre e bem disposta e o vasto bigode que inspirou Chico Anysio a compor o personagem "Professor Raimundo", da "Escolinha", Buzar conta como surgiu um dos seus maiores sucessos, Rio Antigo: "A música nasceu acidentalmente. Estava fazendo um show no Maranhão,

esqueci a sequência do repertório e aí comecei a solfejar na busca do fio da meada. Depois um fã falou: 'Nonato, aquela música que você cantou tem letra? Que música? Que letra?' Surpreendeu-se Buzar, que nem se lembrava mais do incidente. "Ele tinha gravado e me deu o gravador. Fui para o hotel, fiz a música e trouxe para o Chico Anysio", conta. "Ele fez uma letra e eu não gostei, rasguei e disse que aquilo era uma bossa nova antiga. Aí ele fez Rio Antigo. Tem muita coisa

minha na letra também. É uma das melhores coisas que fiz". "Rio Antigo" consagrou Alcione e recebeu várias gravações, assim como outras composições de Buzar e seus parceiros que foram gravados também por Cauby Peixoto, Elis Regina, Elizeth Cardoso, Ivan Lins, Jair Rodrigues, Luiz Gonzaga, Milton Nascimento, MPB-4, Nana Caymmi, Nelson Gonçalves, Os Cariocas, Roberto Ribeiro, Wilson Simonal, etc. Seus parceiros também são notáveis: Rosinha de Valença, João Nogueira, Tibério Gaspar, Hamilcar Pereira. E tem as trilhas de novelas da Rede Globo que fez com Torquato Neto (O homem que deve morrer), Paulinho Tapajós (Irmãos coragem) e com Roberto Menescal e Tapajós (Assim na terra como no céu). São dele também os temas de O cafona, Minha doce namorada e Anjo mau, e dos programas Brasil Pandeiro, Saudade não tem idade e Chico City.

Mas foi com o compositor, apresentador e produtor Carlos Imperial que Nonato liderou um dos movimentos mais alegres, irreverentes e animados de música popular, que surgiu no vácuo deixado pela Bossa Nova e a Tropicália. A ideia de Imperial era criar um samba de estilo jovem, tocado com guitarra em compasso 4/4. Ritmo facilmente assimilado pelo balanço e suingue. A gíria serviu para batizar o movimento de pilantragem, ganhando uma conotação positiva. Buzar então selecionou músicos – entre eles Marcio Montarroyos (trompete), Raul de Souza (sax) e José Roberto Bertrami (teclados) – e vocalistas (Regininha, Dorinha Tapajós, Malu Ballona e Pedrinho Rodrigues) e gravou dois discos com o nome do conjunto "A Turma da Pilantragem", nacional (1968) e internacional (1969). Os sucessos se impuseram: Vesti Azul, Nem vem que não tem, etc.

Foi nessa ocasião que Nonato disse para o Imperial: "Tenho uma música pra você que eu não quero." Eu estava preocupado querendo um carro e ele me perguntou: "O que está faltando?" Eu disse, "você comprar!" Aí ele foi lá na agência que tinha na Avenida Copacabana, trouxe o dinheiro e me deu. A música era "Carango".

Descendente de libaneses, Raimundo Nonato Buzar nasceu na cidade de Itapecuru Mirim (MA), em 1932. Veio para o Rio em 1953 para estudar Engenharia. Desistiu do curso e dedicou-se à música. Depois da fase da pilantragem (no bom sentido), Buzar vai para a Europa, forma o grupo Pais Tropical e grava um dos seus discos mais conhecidos internacionalmente, Via Paris. Fez shows no Olympia, Caves du Roy (boate do Hotel Biblos) e no Via Brasil. Em Paris, reencontra Brigitte Bardot, a "musa de Búzios", que gravara Tu veux ou tu veux pas, uma versão de Nem vem que não tem – que era o hino da pilantragem. Nonato cantou na festa de aniversário da amiga, no Club 65, em Saint Tropez. Fez temporada no Club 58 e se apresentou no Brasil Export, em Bruxelas, Bélgica.



JORGINHO

o filho do Imperador

Filho de Imperador, majestade é. Quem recebe com um sorriso todo branco de boas-vindas e coração aberto tem nobreza de propósitos. Conquista a admiração de estranhos, a lealdade de súditos e o respeito de todos. Criado no ritmo das batucadas na Serrinha ou na cadência do samba das rodas na rua Itauba, em Madureira, onde Mano Décio da Viola reinou absoluto como poeta e cantor, Jorge Antonio Carlos aprendeu tudo que se pode aprender de samba no pé e no gogó.

No Carnaval de 1959, depois do desfile a manchete na imprensa foi que o Império trouxe os seus "Pelés" do Samba, Jorginho, Careca e Jamelão. "Porque nós criamos uma coi-



sa que eu digo que foi uma dádiva de Deus. Era um futebol imaginário. Eu sou reconhecido até hoje como um 'Pelé' do samba e isso me deixa muito feliz. Cinco anos depois criamos a ala Sente o Drama, que foi a primeira ala de passo marcado na escola de samba. Isso tudo é coisa de Deus. Independente do que a gente fazia, éramos passistas iluminados", relata o filho de Mano Décio.

"Jamelão gravou muita coisa do papai também, junto com Osório Lima (da Beija-Flor de Nilópolis). Tinha uma que eles falavam da música. Uma música bonita, que se chama Obsessão.

Cantei vários sambas do papai e Jorginho Pessanha. Uma música inédita que eles dois fizeram, quando ganhei o "Cidadão Samba". Jorginho Pessanha me preparou para ser o Cidadão Samba 1971", conta. "Depois de tudo pronto, minha forma de andar, interpretar e falar, ele lembrou que não tinha o samba para eu me apresentar no dia. Tinha que cantar, falar, tocar três instrumentos e outras coisas que eu não lembro agora. Então eles fizeram um samba, Apoteose ao Rio.

Até as coisas de gravação aconteceram nessa época, em 71", lembra. "Não devo esquecer um nome, Walter Pereira

da Silva, o popular Gibi. Ele queria que eu gravasse num selo da Associação das Escolas de Samba. Depois eu conheci Martinho da Vila". Jorginho conta como o ritmista virou definitivamente intérprete: Trabalhando com Martinho da Vila. "Em 1971, o Martinho lançou um disco, Batuque na cozinha. Ele juntou Carlinhos Pandeiro de Ouro, Serginho do Pandeiro, Rosinha de Valença, Mané do Cavaco e Manuel 'Mão de Vaca' da Conceição, Papão batera. Gravamos e viajamos com Martinho."

Antes foi ao programa do Haroldo de Andrade, na tevê, com Martinho. Ele estava afônico e Jorginho cantou. Américo Nogueira Lima ouviu e o levou para gravar na Equipe. Oswaldo Cadejo oficializou o nome Jorginho do Império. "Gravei dois discos, mas não aconteceu nada, e continuei trabalhando com Martinho", relembra. Numa roda de samba na quadra do bloco Vai se Quiser, no Engenho de Dentro, apareceram o Ailton e o Tuninho, da Polygram, e disseram que a gravadora queria lançar um sambista e apresentaram Jorginho ao diretor Jairo Pires.

Em um mês, o Brasil começou a conhecer o Jorginho do Império através dos sucessos de "Na beira do mar todo mundo brinca / Na beira do mar todo mundo fica" (Gracia do Salgueiro); "Dinheiro vem, dinheiro vai / Dinheiro entra, dinheiro sai..." (Noca da Portela); "Você que fundou o Império e não se vestiu de imperador / Ficou sendo lá no Serrano apenas Mano, poeta e cantor / Moleque e outros bambas / Na casa de dona Eulália, pintaram de verde e branco a bandeira do samba." (Paulinho Rezende e Paulinho Debético). "Todo mundo pensa que essa música é minha. Essa música não é minha. A única coisa que eu fiz foi cantar com paixão, com emoção", esclarece o sambista.

ANTONIO CARLOS E JOCAFÍ

o samba com dendê e pimenta

Antonio Carlos sem Jocafi é como acarajé sem dendê (Ou sem pimenta). Embora individualmente esses cantores e compositores baianos tenham grande valor musical, é a soma do talento deles que dá o tempero que levou o duo Antonio Carlos e Jocafi a enriquecer o cancionário popular com suas canções, sambas e batuques.

A cuíca chora alto na abertura de "Desacato". No melhor estilo escola de samba, a cuíca e o repique introduzem os versos de "Encabulada" numa animada melodia. "Mudei de ideia" é um samba rasgado e "Dona Flor e seus dois Maridos" é um samba-enredo sobre a obra do escritor Jorge Amado. "Eu fiz um samba-enredo muito mal feito", confessa José Carlos Figueiredo. O nome artístico é Jocafi. "Jorge Amado telefonou para a gente e disse assim: 'Olha, o presidente da Lins Imperial brigou com os compositores, e eles disseram que não vão fazer música, que a Lins vai



desfilam sem música! Ai nós fizemos o samba e ele (Amado adorou", conta. "Dona Flor e seus dois maridos", enredo de José Félix para o desfile da Lins Imperial em 1975, com o qual sagra-se campeã do grupo 2 e ascende ao grupo principal, o que contraria a confissão anterior.

JocaFi nasceu em Salvador no dia 21 de dezembro, e completou 67 anos. "Aprendi música com um violonista chamado Codó, e sempre gostei de cantar. Era seresteiro, fazia parte de um grupinho de seresta na minha rua. De sábado para domingo, a gente fazia uma seresta. Eu não tocava violão, quem tocava violão era Baruk, um amigo. Ele me ensinou os primeiros acordes", relembra JocaFi. Antonio Carlos Marques Pinto também nasceu em Salvador, no dia 24 de outubro de 1945. Profissionalmente começou tocando guitarra na orquestra do maestro Carlos Lacerda. "Tinha um violão velho, do meu avô, e minha mãe me ensinou dois acordes. Ai eu me interessei. Naquela época as famílias geralmente eram musicais. Toda casa tinha um piano", conta.

A carreira

Entre os anos 64/68, havia um programa na TV Excelsior (RJ), o "Brasil canta no Rio", considerado como o primeiro festival nacional de música popular brasileira. Antonio Carlos e JocaFi disputaram individualmente. "A minha música era 'Menino do tororó', e a do Antonio Carlos, se não me engano, 'Se não houvesse Maria', que foi para a final", lembra JocaFi. Continuaram participando de outros festivais, até que o maestro Lacerda sugeriu: "Vocês estão sempre disputando um com o outro. Um ganha, o outro ganha, então porque não começam a compor juntos, e vão para o Rio de Janeiro, que é um centro cultural maior do que a Bahia? Ai o Lacerda juntou a gente", fala JocaFi.

A dupla Antonio Carlos (voz, banjo e violão) e JocaFi (voz e violão) iniciou sua carreira em 1969, quando inscreveu a música "Desacato" no "VI Festival Internacional da Canção", classificada em segundo lugar. Neste mesmo ano, "Catendê" (com Ildásio Tavares) participou do "V Festival de Música Popular Brasileira", defendida por Maria Creuza. A partir daí, a dupla apresentou-se em vários festivais e excursionou pelo Brasil e exterior.

"Várias pessoas deram muita força para a gente. Boni (que colocou a dupla para compor as trilhas de 'O primeiro amor' e 'Supermanuela'), Cicero de Carvalho, Ricardo Amaral, José Hugo Celidônio. Sargentelli nos levou para fazer show na Sucata, e também na boate chique Flag. Eu e Antonio Carlos sempre tivemos muita sorte. O primeiro produtor foi Rildo Hora. Você sabia que ele é produtor de quase todo mundo?"

"Se existe Antonio Carlos e JocaFi, é graças a Nonato Buzar", reforça Antonio Carlos. "Ele botava a gente para tocar para ganhar dinheiro. A gente tocava tumbadora com

a mão, e quando cansava tocávamos com pauzinho. Ele pagava nossa água, nossa luz, gás... Além de ser um grande músico, um grande violonista, é gente finíssima".

Consagrada, as composições da dupla foram interpretadas por grandes nomes da música como Luiz Gonzaga, Maysa, Elis Regina, Nelson Gonçalves, Clara Nunes, Osmar Milito, Dóris Monteiro, Jorge Aragão, MPB-4, Angela Maria, Emílio Santiago, Alcione, Djavan, Jair Rodrigues e Gilberto Gil.

CAC Rio
CONFEÇÃO E ESTAMPARIA
EM SUBLIMAÇÃO

FORNECEDOR OFICIAL

Tels.: (21) 7838-0102 - 3335-0766 - ID 46*22503
andre.camisas@uol.com.br



SÃO LUÍS – O POEMA ENCANTADO DO MARANHÃO

COMPOSITORES:

J.VELOSO, ADILSON CHINA, CARLINHOS DO DETRAN, SAMIR TRINDADE, SERGINHO AGUIAR, JR BEIJA-FLOR, SILVIO ROMAI, HUGO LEAL, GILBERTO OLIVEIRA, RICARDO LUCENA, THIAGO ALVES E ROMULO PRESIDENTE.

Tem magia em cada palmeira que brota em seu chão
O homem nativo da terra
Resiste em bravura
A dor da invasão
Do mar vêm três coroas
Irmão seu olhar mareja
No balanço da maré
A maldade não tem fé sangrando os mares
Mensageiro da dor
Liberdade roubou dos meus lugares
Rompendo grilhões, em busca da paz
Na força dos meus ancestrais

Na Casa Nagô a luz de Xangô axé
Mina Jêje em ritual de fé
Chegou de Daomé, chegou de Abeokutá
Toda magia do Vodun e do Orixá

Ê rainha o bumba-meu-boi vem de lá
Eu quero ver o Cazumbá, sem a serpente acordar
Hoje a minha lágrima transborda todo mar
Fonte que a saudade não secou
Ó Ana assombração na carruagem
Os casarões são a imagem
Da história que o tempo guardou
No rádio o reggae do bom
Marrom é o tom da canção
Na terra da encantaria a arte do gênio João

Meu São Luís do Maranhão
Poema Encantado de Amor
Onde canta o sabiá
Hoje canta a Beija-Flor

Aria™

A MAIS NOVA ATRAÇÃO DE LAS VEGAS



www.arialasvegas.com

Representante
exclusivo no Brasil
Jorge Medeiros
Tel.:(21) 2496-6337

SUPERMERCADOS

GUANABARA

**CARNAVAL
CARIOCA**



**Patrocinador
oficial
do Carnaval
da Sapucaí**